

T

ANIMIEU

APONTAMENTOS PARA OLHAR O FUTURO

VIVER

Teatrão

Timeline do projeto

2021

1 JAN
Arranque do projeto.

14 MAI
Primeira sessão
Sala de Ensaios.

25 MAI
Arranque da Zona de Saída
com o espetáculo **Aldebarã**
da Terra Amarela.

8 MAR
Formação **Além do Físico:
Barreiras ao Acesso Cultural**,
orientada por Maria Vlachou
da Acesso Cultura.

1 MAR
Teatrão passa a integrar
a Rede de Teatros com
Programação Acessível.

25-27 MAR
Estreia de **O que é invisível**.

2 ABR
Acolhimento de **Ataque Preventivo**
pelo Teatro Valacar (coletivo ligado
à ONCE) – La Coruña.

3 ABR
Oficina **Teatro de Emergência**
pelo encenador Pedro Rubín.

9 JUN
Seminário **Coimbra
Cultura Acessível**,
em parceria com o
Município de Coimbra.

1 SET
Open call.

1 NOV
Teatrão integra o Grupo de
Trabalho das Pessoas com
Deficiência, coordenado pelo
Município de Coimbra.

2022

2023

23 JAN
Primeiro encontro
do laboratório
**Acessibilidade às
práticas artísticas
da comunidade com
deficiência visual**,
em parceria com a
Filarmónica Enarmonia.

28 FEV
Defesa da tese de
Mestrado “ Deficiência e
práticas artísticas: o papel
do teatro na formação da
identidade das pessoas
com deficiência visual”,
da autoria de Susete
Margarido. Tese resultante
do acompanhamento do
primeiro ano do projeto.



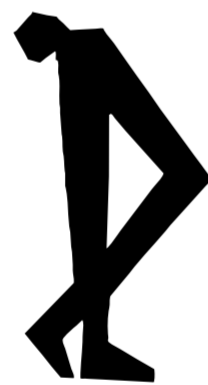
19 JUN
Oficina de criação
teatral **Actuar “con” lo
genuino**, com Gonzalo
Validiez (encenador do
HomeroTeatro).

26 JUN
Terceiro encontro do
laboratório Acessibilidade
às práticas artísticas da
comunidade com deficiência
visual com o convidado Saïd
Gharbi, em parceria com a
Vo'Arte.

29 JUN
Publicação do artigo “A experiência
artística, a participação cultural das
pessoas com deficiência e as possibilidades
mediadoras da arte”, da autoria de Cláudia
Pato de Carvalho, Fernando Fontes e
Susete Margarido, na Revista Lusófona de
Estudos Culturais, Vol. 10, N.º 1.

7 DEZ
Formação **Comunicação acessível: design de
comunicação e linguagem clara** orientada
por Maria Vlachou da Acesso Cultura.

14 e 15 DEZ
Formação **Websites e documentos
digitais acessíveis orientada**
por Norberto Sousa da ComAcesso
(via Acesso Cultura).



18 JUN
Acolhimento de
La Clase Muerta
pelo Homero
Teatro (coletivo
ligado à ONCE)
– Sevilha.

23 JUN
Segundo encontro do laboratório
Acessibilidade às práticas artísticas
da comunidade com deficiência
visual com os convidados Adrián
Rincón e Loly Ayuma, em parceria
com a Bengala Mágica.

24 JUL
Quarto encontro do laboratório
Acessibilidade às práticas
artísticas da comunidade com
deficiência visual com o convidado
Tony Weaver, em parceria com a
Terra Amarela.

16 NOV
Entrega do Prémio Festival
Teatro Valacar 2023 ao
projeto A Meu Ver.

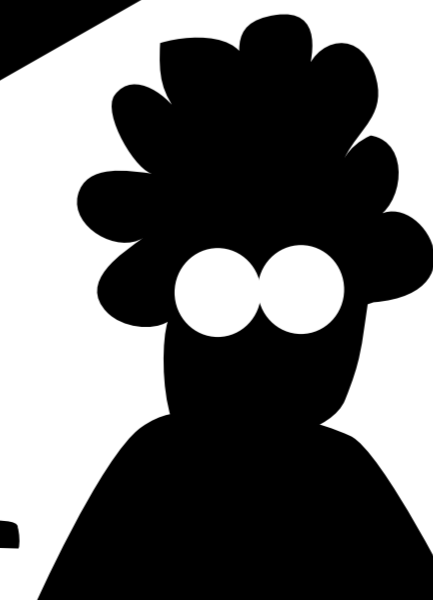
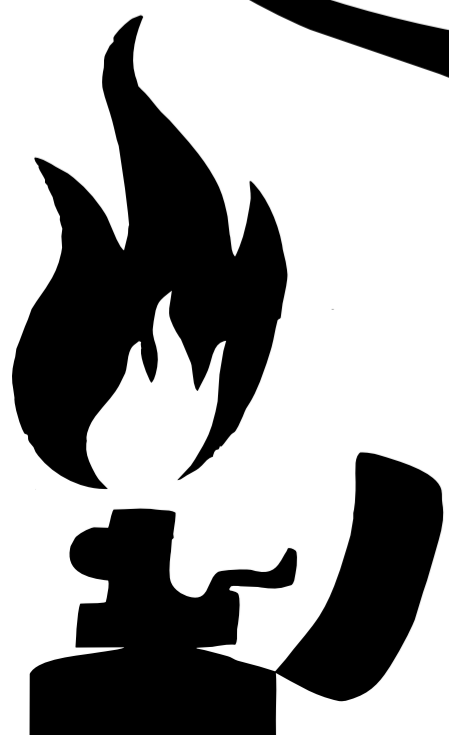
8-10 JUN
Estreia de **O Senhor Biedermann
e Os Incendiários**.



2024

27-29 JUN
Estreia de
CONDOMÍNIO (ponto) PT

28 JUN
Encontro **A Ver, Vamos?**



Fichário

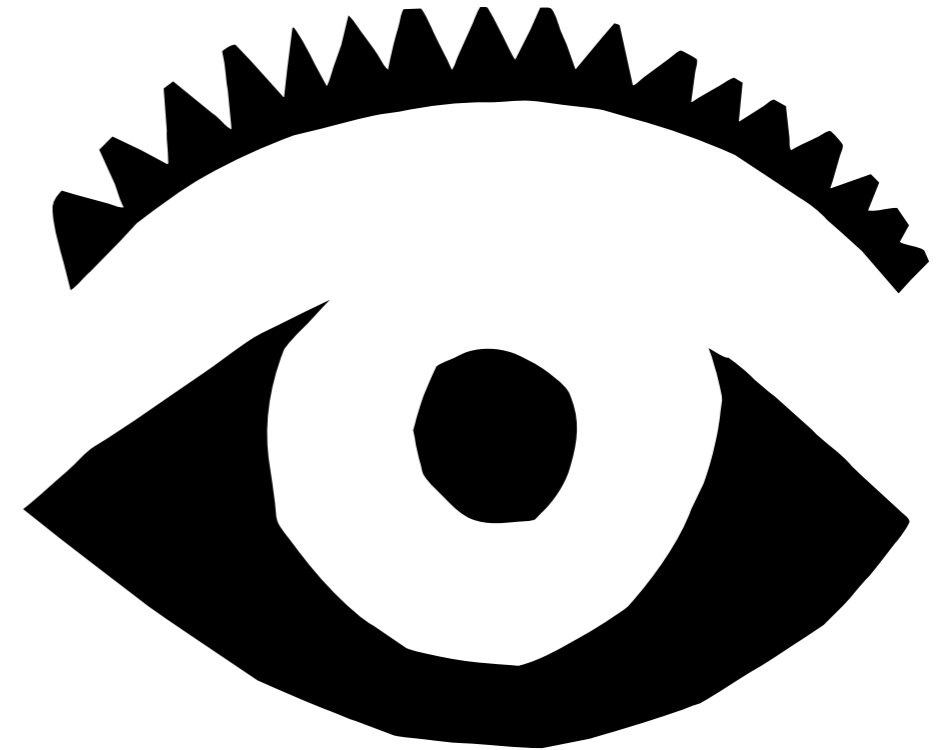
Linhas práticas e poéticas





Fichário

Linhas práticas e poéticas



Teatrão

A Meu Ver
Apontamentos para
olhar o futuro

Um projeto Teatrão
e ACAPO Coimbra
2021-2024

Financiado pelo
Programa Partis
& Art for Change

Coordenação geral

Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)
Isabel Craveiro (Teatrão)
João Santos (Teatrão)

Coordenação científica

Cláudia Pato de Carvalho (CES-UC)
Fernando Fontes (CES-UC)

Acompanhamento científico

Susete Margarido (FEUC)

Professores

Mariana Nunes
Mónica Tavares
Telmo Ferreira

Participantes no projeto

António Pereira, Armando Sousa,
Carla Rodrigues, Carlos Pimentel,
Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos,
Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz,
Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,
Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

Produção executiva

Cátia Oliveira
Eva Tiago

Comunicação do projeto

Luís Marujo
Margarida Sousa

Coordenação da edição

Isabel Craveiro

Edição e revisão

Luís Marujo

Design gráfico

Studio And Paul

Impressão

Gráfica Maiadouro S.A.

Edições Teatrão

1ª edição, junho 2024

ISBN

978-989-33-6359-1

Depósito legal

534509/24



Fichário

Linhas práticas e poéticas

Linhas práticas e poéticas	7
Ativação	11
Exploração/interiorização	27
Dramatização	35
Bibliografia	41

O teatrão é uma estrutura apoiada e financiada por:



A Meu Ver é um projeto financiado e apoiado por:



Parceiros:





Linhas práticas e poéticas

Enquadramento das atividades propostas
nos processos artísticos do projeto

Antes de podermos apresentar as atividades que estiveram presentes nos processos criativos do projeto “A Meu Ver” importa perceber as linhas que as regeram. Fazemos isto, tanto para apresentar o enquadramento em que as atividades foram criadas e desenvolvidas como para discutir o lugar e a pertinência que linhas práticas e poéticas podem ter em processos teatrais inclusivos.

Acreditamos que, desta forma, para além dos recursos práticos (fichas de atividades) que serão apresentados à frente, poderemos, através duma exposição e reflexão sobre o nosso processo, inspirar rumos criativos baseados no desenvolvimento expressivo e participação de grupos heterogêneos. Rumos esses que decerto ajudarão à triagem, criação de adaptações ou até ao desenvolvimento de variantes às atividades propostas nas fichas deste livro.

Assim, neste capítulo, expomos o nosso conceito sobre linhas práticas e poéticas, de seguida, sumariamos os seus principais movimentos e pontos de viragem e, por

fim, dividindo o processo nos três anos de aplicação prática, explicitamos os efeitos destas rotas nos planos práticos e criativos. Tal permitirá compreender como a articulação entre a prática de exercícios e os rumos traçados para os mesmos podem progressivamente resultar num processo de criação artística.

1. O que foram as linhas práticas e poéticas no nosso projeto:

Diríamos que as linhas práticas e poéticas seriam aquilo que nos permitiu agir entre o planeado e o inesperado, ou melhor: entre os atos de *planear* e *observar*.

À primeira vista podíamos explicar as palavras acima ao dizer que começámos por estruturar um processo artístico com base nas expectativas traçadas para o grupo e depois, perante o reconhecimento das singularidades dos participantes, o plano fora ajustado aos seus elementos “inesperados”. Contudo, apesar desta metodologia ter figurado nos momentos iniciais, rapidamente se passou para outras formas de desenvolver o processo

artístico. Daí que nos tenhamos corrigido acima ao dizer que *planear* e *observar* melhor nos serviram à ação. No decorrer do *A Meu Ver*, pelas contingências com que nos deparámos, fomos progressivamente percebendo uma distinção entre ajustar um plano pré-concebido a imprevistos e ir planeando algo suficientemente aberto e ajustável à participação de um grupo. Percebemo-lo de tal forma que rapidamente deixámos os planos pré-concebidos e começámos a agir dentro deste *planear* (enquanto verbo e não substantivo). Algo que nos levou a observar as intervenções dos participantes como uma forma de nutrir a nossa ação em vez de os tomar como “imprevistos” que devem ser supridos. Em suma, ao agir entre o *planear* e *observar*, criaram-se linhas de ação suficientemente amplas e ajustáveis à participação do grupo levando assim a que a nossa função (enquanto artistas responsáveis) fosse a de provocar questões e *mediar* as respostas dos participantes na linguagem cénica que coletivamente se estava a desenvolver.

Um plano pré-concebido e restrito como o tínhamos nos primeiros momentos foi então substituído pelas linhas resultantes dos atos de planear e observar. Essas, que organizavam tanto o plano prático quanto o poético, foram operacionalizadas na criação de um *lugar de visão e ritmo* diferentes do quotidiano (1º ano do projeto), na capacitação expressiva (2º ano) e na proposta de novos tipos de convivência (3º ano).

2 Síntese da ação do projeto e seus pontos de viragem:

Perante a apresentação das diferentes linhas práticas e poéticas acima, é nos possível deduzir os diferentes rumos pelos quais o projeto passou. Contudo importa ver o resultado destas numa visão panorâmica ao decorrer do projeto e compreender os principais elementos animadores dos pontos

de viragem do mesmo.

Resumindo o percurso do *A Meu Ver* em poucas palavras poderíamos recorrer ao léxico hegeliano para dizer que atravessámos um processo dialético com os seus devidos momentos de “tese”, “antítese” e “síntese”.

Na prática, diríamos que no primeiro ano do projeto, percorrendo um caminho rumo à criação de lugar de visão e ritmo próprios ao grupo se traçou o objetivo geral (tese) do projeto. No segundo ano, muito por conta das aprendizagens mútuas (de artistas responsáveis e participantes), aspetos desenvolvidos anteriormente e reconfiguração do grupo, almejou-se um lugar “quase-contrário” ao primeiro; fazendo uma hipérbole, poderíamos dizer seguimos num rumo *anti* o objetivo inicial (*anti-tese*, ou antítese nos termos de Hegel). No momento em que nos encontramos, no terceiro ano de ação, é-nos possível ver como os dois caminhos, aparentemente antagónicos, se encontraram num rumo conciliador entre o desenvolvimento de uma expressão própria do grupo e sua capacitação dentro dos moldes comunicativos do teatro.

Estes três pontos de viragem na ação do projeto culminaram com um espetáculo. Este, que muitas das vezes é usado como ponto central das práticas artísticas, foi, em vez disso, o resumo das condicionantes grupais e decisões conjuntas (do grupo e artistas responsáveis) sobre as linhas práticas e poéticas de cada processo. Desta forma, poderemos dizer que estes espetáculos afunilaram as explorações artísticas e discussões do grupo na construção de um objeto artístico comunicável com a comunidade circundante.

Não podemos considerar que os pontos de viragem nas linhas práticas e poéticas assentaram nos desígnios estabelecidos na construção de espetáculos uma vez que, como vimos, estes foram os efeitos (e não a causa) dos mesmos. Contudo, por se mostrarem como um resumo artístico às alterações grupais e focos de discussão

desenvolvidos no projeto, é possível observar os diferentes rumos do projeto através das linhas poéticas e práticas impressas na criação dos espetáculos.

2.1 O que é invisível (ano 1)

Importa dizer que estamos numa sala negra enorme, com uma bancada plantada no meio, com o teto repleto de cabos e projetores pendurados, se os nossos passos cautelosos seguem como se trilhássemos um caminho por um jardim imaculado?

Acham que estou a sonhar? (...) Os sonhos são produções de terra batida trilhados pelo desejo.

(Excerto do texto do espetáculo)

O primeiro ponto, aquilo que tomaríamos por “tese”, foi então marcado pela criação d’*O que é invisível*, um espetáculo que, ao mostrar uma nova visão sobre as materialidades da Oficina Municipal do Teatro (espaço de encontros semanais dentro do projeto), discutia a forma como as nossas rotinas não nos permitem ver aquilo que é invisível num mundo pautado pela produtividade e agitação desmesuradas.

Esta encenação resumia os primeiros passos de um grupo de participantes que se encontrava pela primeira vez a fazer teatro, mais precisamente, um grupo de pessoas cuja condição (de pessoas cegas ou com baixa visão) os fazia estar à margem da demanda produtiva da sociedade. Esse lugar de margem, tomado inicialmente por um lugar de condescendência foi-se progressivamente tornando num lugar produtivo de novas formas de ver aquilo que nos rodeia. Tal resultou num processo irónico que abordou a condição dos participantes na potencialidade de ver num tempo, ritmo e detalhe que não são permitidos no mundo normovisual.

2.2 O Senhor Biedermann e os Incendiários (ano 2)

Havia-se então formado um grupo numa linguagem e espaço de expressão próprios. Contudo surgira também uma crítica:

a possibilidade do lugar recém-criado poder estar desconectado de outras realidades, perdendo assim a possibilidade de comunicação com o exterior e a potencialidade de com este gerar novas discussões.

Esta crítica, que a maioria dos participantes, artistas responsáveis e equipas afetas ao projeto subscreviam, tinha implícita a necessidade de convocar pessoas normovisuais para o lugar que se havia recentemente estabelecido e, com isso, desenvolver um processo artístico dentro dos padrões convencionais de um espetáculo teatral.

Com isto começara um processo de capacitação e empoderamento onde os participantes representantes de uma minoria social eram os agentes de inclusão dos seus pares que compunham uma maioria na sociedade.

A partir desta nova dinâmica do grupo edificara-se uma procura pelo correspondente poético do que estava a ser observado na prática: o comprometimento de uma maioria com problemas normalmente anexados às minorias. Tal fez-nos adotar a visão de que “a maioria dos problemas, quando devidamente vistos, dizem respeito a todos, e não somente àqueles que se encontram mais próximos”.

Como referente a este apelo pelo sentido de coletivo encontrou-se o texto *O Senhor Biedermann e os Incendiários*, escrito por Max Frisch como um alerta para a ruína dos valores democráticos na sociedade. Pela via da encenação deste texto em moldes convencionais, iniciara-se um processo de capacitação artística rumo à “normalidade”. Sob as palavras de Isabel Craveiro (coordenação do projeto):

Trabalha-se para que este grupo de participantes seja igual a qualquer outro grupo, trabalha-se a normalidade, a maior possível, focando o trabalho no potencial que o texto e a sua discussão encerra.

2.3 “O lugar individual transformou-se numa vizinhança” (ano 3)

Como dito no início desta secção, no terceiro ano do projeto, rumámos para um processo de síntese que juntou as duas linhas poéticas e práticas desenvolvidas anteriormente.

Se no primeiro ano o objetivo de criação de um lugar de expressão próprio havia sido criticado pelas possibilidades de exclusão, o rumo normalizador dado ao segundo ano gerara outra crítica, fazendo o processo rumar para uma harmonia entre os vetores anteriores.

No final do segundo ano, compreendeu-se como o estabelecimento de um rumo radical para a “normalidade” poderia invisibilizar os participantes e replicar estruturas de funcionamento social que originalmente se desejou questionar. Pelas palavras de José Mário Branco, poderíamos dizer que a normalidade seria algo que “diz respeito a todos no geral, mas a ninguém no particular”. Ou seja, que na pretensão de falar por todos acabamos por não falar de nós mesmos.

Assim, no momento presente do projeto regula-se o valor do coletivo e volta-se a valorizar a individualidade de cada participante na equação do processo. Tal é feito ao criar um lugar onde várias vozes dissonantes convivem em harmonia – um condomínio.

É no condomínio que onde estão os lugares mais íntimos de cada um. Seja no escritório, no quarto ou numa garagem, cada um encontra um lugar na sua casa onde poderá ser em maior liberdade. Porém num condomínio, todas as casas estão ligadas a uma parte comum, de tal forma que um sonho, uma criação espontânea ou um rompimento de felicidade são inevitavelmente partilhados com a vizinhança.

Partindo deste princípio estabelecem-se as primeiras linhas dramáticas para este novo processo. Pretende-se agora desenvolver uma criação que parta da realidade específica

de cada participante para a criação de histórias ficcionais passadas num condomínio possível de ser encontrado em qualquer cidade portuguesa.

Assim, apresentando cada um vivendo num condomínio imaginário em toda a sua individualidade e diferença, poderemos inspirar a que, no bairro e país em que estamos não ignoremos ou calemos as vozes que nos soam diferentes.



Ativação

Nos exercícios de ativação, em círculo ou pelo espaço, deve procurar-se que os participantes percebam, qual a sua localização e para isso faz-se uma breve contextualização espacial. Remove-se do espaço de trabalho todos os obstáculos que possam dificultar a livre circulação ou, caso não seja possível, tenta-se minimizar as consequências do embate, recorrendo a colchões ou outro tipo de materiais anti-impacto.

Se os exercícios decorrem no formato de círculo, os participantes devem ficar a saber quem se encontra à sua esquerda, à sua direita e no extremo oposto do círculo. Assim, pede-se que um por um diga o seu nome e o nome das pessoas que se encontram nas localizações citadas anteriormente. Se decorrem em outros formatos, pode-se recorrer a várias estratégias para uma melhor orientação. Uma das estratégias mais usadas nos exercícios de “caminhada no espaço”, é afastar os participantes uns dos outros, pedir que digam o seu nome em voz alta, para que os restantes o localizem, e solicitar que recorram à bengala para evitar colisões e não perder o foco.

Cada grupo terá as suas características e as suas estratégias de orientação, os procedimentos que se adotam no trabalho com um grupo, podem não servir o seguinte. O importante é estar atento, criar soluções e conhecer bem o grupo, para que todos consigam realizar as propostas de forma autónoma e segura.

Exercícios em círculo

Apresentação com novelo

Preparação

Grupo completo em círculo.
Novelo de linha.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.

Descrição

O exercício começa com um novelo que irá passar de mão em mão. Quando o participante tiver o novelo em seu poder, deverá dizer o seu nome, a sua idade e uma característica (física ou psicológica) acerca de si, passando em seguida, o novelo ao participante do lado.

Nome e emoção

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Os participantes organizam-se em círculo e em pé.
Um de cada vez, os participantes dizem o seu nome de modo diferente da pessoa anterior (a chorar, bocejando, a gritar...). As outras pessoas do grupo repetem o nome.

Nome, emoção e motivo

Preparação.

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Os participantes terão que escolher um gesto para cumprimentar (abraço, aperto de mão, etc.) a pessoa ao seu lado direito, usando a forma como disseram o seu nome no exercício anterior, justificando ao outro o motivo do seu estado. (exemplo: Abraço + a chorar – Olá eu sou o José e não posso ver filmes românticos).

Nome e letra

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Os participantes estão em roda, sentados. Cada um diz: “O meu nome é... e sou..., gosto de...” diz o nome próprio e uma palavra que comece pela mesma letra que o nome e que represente uma característica, uma atividade ou um objeto de que goste.

Nome e letra #2 – cadeira vazia

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Na sequência do exercício anterior, coloca-se uma cadeira a mais na roda que permanecerá vazia. A pessoa sentada perto dessa cadeira diz: “A cadeira à minha direita/esquerda, está livre. Gostaria que fosse ocupada pela pessoa que gosta de...”

E tu, como te chamas?

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Conhecer o grupo.
Promover a interação entre os participantes.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Com os participantes dispostos em círculo, cada um deverá apresentar-se ao participante seguinte com a presente frase: “Olá, o meu nome é X”. Em seguida deverá dizer o nome de todos os participantes que já se apresentaram terminando com a pergunta “e tu como te chamas?”.
Nota: A última pessoa deverá dizer o nome de todos os participantes.

Toque e nome

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a atenção e concentração.

Descrição

Um participante diz o nome de outro participante, esse participante terá que tocar nas costas do participante ao seu lado. A pessoa que foi tocada, deverá dizer um nome e assim sucessivamente.

Toque e nome #2

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a atenção e concentração.

Descrição

O jogo segue as mesmas regras do *Toque e nome*, com as seguintes variações: A forma como será dito o nome da pessoa a quem o primeiro participante passa o jogo deverá ditar a forma como o participante que foi chamado toca na pessoa ao lado. A pessoa que foi tocada deverá enunciar o nome de outro participante de uma forma diferente das que já foram ditas. Por exemplo: Joaquim diz o nome “Raaaaaaaauuuuul” (de forma lenta); Raul toca em Fernando lentamente. Fernando grita “António” de forma rápida e este deverá tocar abruptamente em alguém ao seu lado.

Toque e nome #3 – campainha

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a atenção e concentração.

Descrição

O jogo segue as mesmas regras do *toque e nome*, com as seguintes variações: Um participante diz o nome de outro

participante, esse participante terá que tocar nas costas do participante ao seu lado, imitando o som de uma campainha. A pessoa que foi tocada, deverá dizer um nome como se falasse num intercomunicador de um prédio e assim sucessivamente. O exercício repete-se em várias velocidades (lento, normal, rápido).

Toque e nome #4 – coro

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a atenção e concentração.

Trabalhar a escuta ativa.

Desenvolver comunicação em coro.

Descrição

O jogo segue as mesmas regras do *Toque e nome*, com a seguinte dinâmica: Mantendo as regras do jogo original, com a exceção da participação do coro, que deverá repetir o nome dito pelo participante que está a jogar. Este deverá procurar diferentes inflexões para cada nome que disser, o coro deverá imitar esta inflexão.

Toque e nome #5 – coro com situação

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a atenção e concentração.

Trabalhar a escuta ativa.

Desenvolver comunicação em coro.

Descrição

Cada elemento do grupo chama outro pelo nome na inflexão desejada. A pessoa chamada deverá tocar na pessoa ao seu lado contextualizando o seu toque numa ação que está a fazer. Após isto o coro deverá reagir sonoramente à situação apresentada.

Por exemplo: “Verónica!”. Verónica diz: “estou a ver se mato a aranha venenosa que está no ombro da Ana” (enquanto toca no ombro dela lentamente). Coro diz: “shhhhh!!”.

Ana grita muito rápido “Raúl!”. Raul diz: “afasta-te, olha que o piano vai cair” (enquanto empurra alguém ao seu lado, tocando-lhe no ombro). O coro diz: “ahhhh!”.

Quem está à minha frente

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Explorar o espaço circundante.

Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Com uma corda forma-se um pequeno círculo no centro da sala, um participante à vez vai para dentro desse círculo. Os restantes, dispostos numa fila atrás dele, deverão caminhar até ao círculo (um por vez) e parar assim que tocam com os pés na corda evitando ao máximo fazer barulho. O participante ao centro terá que tocar naquele que veio ter consigo num só movimento. Caso consiga, deverá adivinhar o nome de quem está fora do círculo. Caso não consiga, o participante que está fora do círculo poderá fazer o mesmo, deixando depois, a pessoa que está no centro, adivinhar quem é. (Para realização deste jogo, uma coluna de som, a reproduzir em volume baixo, terá que estar aos pés do participante ao centro).

Jogo (adaptado) do zip-zap-boing

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física para os exercícios subsequentes.

estimular predisposição mental necessária

ao trabalho em coletivo.

Incentivar o mapeamento mental do espaço e localização dos participantes.

Descrição

Os participantes deverão estar de pé, formando um círculo entre todos, para o início deste jogo.

“Zip-Zap”, foca-se na transmissão de energia pelo grupo através de estímulos sonoros e visuais.

“Zip” – transmissão de energia para o participante ao lado com recurso a uma palma.

“Zap” – transmissão de energia para qualquer participante através da verbalização de um nome (excetuando os que estejam imediatamente ao lado).

“Boing” – rebate de energia e transmissão da mesma em sentido contrário. Quando é emitido o som “Boing”, os participantes podem levantar os braços em direção ao teto e saltar ao mesmo tempo.

A dinâmica prolonga-se até o orientador achar necessário e/ou quando todos tiverem participado sem errar.

Transmissão de energia

Preparação

Grupo completo em círculo.

Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivos

Ativar a disponibilidade física para a sessão.

Descrição

Os participantes organizam-se em círculo. Ao som de uma música um participante inicia movimentos corporais, começando por uma parte do corpo definida por si e que verbaliza para o grupo tomar conhecimento (exemplo: braço esquerdo) este movimento alastra-se para o todo o corpo. Quando sentir que é a vez de passar a energia ao participante do seu lado direito, toca-lhe numa parte do corpo que escolheu, verbalizando a parte do

corpo em que tocou o colega.

O sinal

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física e mental, para a sessão.

Descrição

Com os participantes dispostos em círculo de mãos dadas, passar-se-á um sinal através do apertar das mãos. Numa segunda volta pede-se que o sinal dado passe a ser dado por todo o corpo culminando no apertar de mãos.

Tim tem tum

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Descrição

Primeiro momento: Sentido horário. O primeiro diz “Tim”, o segundo “Tem” e o terceiro “Tum”. Esse diz o nome de outra pessoa na roda que reinicia respeitando a sequência e o sentido horário. Segundo momento: Se quem diz “Tum”, chamar o nome de quem lhe disse “tem” o sentido da roda inverte (sentido anti-horário) até que outra pessoa inverta novamente.

Samurai à solta

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Aquecer o aparelho vocal.

Descrição

Em círculo, cada participante cria uma “espada” Samurai juntando as mãos, palma com palma. Erguendo a sua “espada” acima da cabeça, o primeiro participante solta um grito ninja clássico, diz o nome de quem irá atacar, e traz suas mãos para baixo, “esfaqueando” à sua frente outro participante no círculo. O participante em frente, para se defender, deverá erguer a sua espada e emitir um som de esforço. Após isto, os participantes imediatamente ao seu lado, aproveitando a distração do primeiro, usam as suas “espadas” para provocar-lhe um golpe no abdómen, soltando um grito.

Assim que o golpe no abdómen for realizado, o recetor baixará a sua espada e soltará um grito enquanto passa o golpe para outro jogador. Os jogadores à sua esquerda irão atacar o abdómen do jogador enquanto gritam (tal como o primeiro Samurai). O jogo repete-se na mesma sequência por todo o círculo. Após a exposição das regras, dever-se-á definir um som distinto para cada tipo de golpe.

Samurai à solta #2 – estás nu!

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Aquecer o aparelho vocal.

Descrição

Esta jogo segue as mesmas regras do *Samurai à solta*, com as seguintes diferenças:

- Sempre que alguém dá o primeiro golpe deverá dizer o nome seguido de “está todo nu”.
- O gesto de quem dá o primeiro golpe deverá ser substituído por um apontar

- de dedo.
- O recetor do golpe deverá cobrir-se quando recebe o golpe seguido de um grito.
- Os participantes que desferem o golpe devem repetir o insulto em falsete e substituir o golpe por um apontar de dedo.
- Quem desfere o golpe, depois de ser acusado, deverá fazê-lo enquanto se tapa.

O sinal

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Descrição

Com os participantes dispostos em círculo de mãos dadas, passar-se-á um sinal através do apertar das mãos. Numa segunda volta pede-se que o sinal dado passe a ser dado por todo o corpo culminando no apertar de mãos.

Todos ao mesmo tempo

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a concentração e disponibilidade física para a sessão.
Exercitar o trabalho corporal como impulso criativo.

Descrição

Em círculo, pede-se que todos os participantes deem um passo em frente ao mesmo tempo sem poderem comunicar verbalmente. No caso do passo não ser sincronizado nas primeiras tentativas, pede-se que o façam de mãos dadas. Em seguida, pedir-se-á que recorram à escuta da respiração coletiva para dar o passo em unísono.

Roda máxima roda mínima

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a concentração e disponibilidade física para a sessão.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Em círculo, os participantes distanciam-se com as mãos o mais agarradas possível até que os dedos apenas se toquem, enquanto os corpos fazem um esforço contrário para se separarem. Depois de algum tempo os participantes fazem o contrário e tentam ocupar o menor espaço possível juntando-se todos ao centro. O exercício será combinado com um exercício de voz no qual os participantes emitem sons que exprimem os seus desejos de se tocarem enquanto se separam e de se separarem enquanto se tocam.

Seguir o líder

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Ativar a imaginação.
Melhorar a resposta física a uma informação.

Descrição

Um dos participantes destaca-se do grupo. Este dará instruções de movimento que os colegas terão que reproduzir. Exemplo:
Eu mando abanar os braços no ar.
Eu mando abraçar pessoas imaginárias.
Eu mando comer uma maçã gigante invisível, etc.

O que levo na mala de acordo com o alfabeto

Preparação

Grupo completo em círculo
Mala de viagem.
Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivos

Trabalhar a atenção concentração através do raciocínio lógico
Estimular a predisposição mental necessária ao trabalho individual e coletivo

Descrição

Os participantes formam o círculo. É questionado ao grupo se todos estão familiarizados com o alfabeto de A a Z. É disponibilizada uma mala que ao som de uma música deverá circular. Antes de colocar a música o orientador diz uma letra do alfabeto. A mala circula pelas mãos dos participantes ao som da música e quando o orientador para a música, a pessoa que ficou com a mala em sua posse, deverá dizer algo que pode guardar na mala começado pela letra que foi dita no início. O jogo retoma quando for dita uma nova letra e a música volta a tocar.

Variação

Alguém é selecionado para dizer o alfabeto em voz alta, enquanto a mala circula e a música toca. Quando a música parar, para também o alfabeto e a pessoa que ficou com a mala na mão, deverá dizer algo que possa ser guardado na mala começado pela letra em que o alfabeto parou.

Chapéus há muitos

Preparação

Grupo completo em círculo.
Chapéu.
Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivos

Trabalhar a atenção concentração através

do raciocínio lógico.
Estimular a predisposição mental necessária ao trabalho individual e coletivo.

Descrição

O grupo dispõe-se em círculo, é posto a circular de mão em mão um chapéu que deve ser observado/tateado em relação ao seu tamanho, peso, textura e forma. O primeiro participante diz uma frase que deverá começar com a afirmação “chapéus, há muitos!”, o segundo participante acrescenta outra frase e assim por diante. Todas as frases devem rimar. Na segunda ronda o orientador pode dizer o nome dos participantes aleatoriamente, dificultando um pouco o desafio. Exemplo: “Chapéus, há muitos, mas este cheira mal...”, “Vou lavá-lo com sabão e arejá-lo no estendal”.

Lembrar a palavra

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Estimular a memória e o pensamento lógico.

Descrição

Os participantes dispõem-se em círculo. Um dos participantes inicia a dinâmica dizendo uma palavra sobre um tema selecionado pelo orientador, o participante seguinte diz a palavra do anterior e acrescenta uma nova e assim sucessivamente até serem completadas duas voltas completas ao círculo.

Completar a história

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Estimular a imaginação.
Trabalhar a atenção/concentração.

Descrição

Em círculo, um dos participantes inicia o relato de uma história imaginada por si. Quando o orientador bater uma palma, o participante do lado direito do que iniciou deve continuar a história. O mesmo acontecerá com todos os participantes, que ao som da palma devem continuar a história. A dinâmica termina ao sinal do orientador.

Telefone estragado

Preparação

Grupo completo em círculo ou em linha.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração.
Desenvolver a comunicação verbal.

Descrição

Sentados em linha ou em círculo, os participantes deverão transmitir uma mensagem verbal, em segredo, do participante disposto mais à direita para o sentado mais à esquerda (e de seguida vice-versa). A mensagem deverá ser criada pelo primeiro participante (mais à direita) e passada secretamente ao seu colega à esquerda. Esta ação segue em diante até chegar ao último participante que revelará como a mensagem chegou até si e a confrontará com a inicial, ainda não revelada.

Intercomunicador estragado

Preparação

Grupo completo em círculo ou em linha.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração.
Desenvolver a comunicação verbal.

Descrição

Similarmente ao jogo *telefone estragado*, com os participantes dispostos em círculo, um boato sobre alguém do prédio, deverá ser passado em segredo entre o

grupo sem que esta possa ser repetida ao mesmo interlocutor. Assim que a mensagem chega ao último participante, esta deve ser dita alto para todos os participantes e comparada com a mensagem dita pelo primeiro participante.

Frase que aumenta

Preparação

Grupo completo em círculo ou em linha.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração.
Desenvolver a comunicação verbal.
Exercitar a velocidade de pensamento.

Descrição

O grupo é dividido em quatro pares, um par de cada vez ira fazer o exercício. A primeira e a última palavra não podem mudar. Exemplo: “Tu és muito séria”. “Tu, desde ontem, és muito séria”. “Tu, desde ontem, depois de negares o que eu pedi, és muito séria”. “Tu, desde ontem, depois de negares o que eu pedi, e eu pedi com tanta delicadeza, és muito séria”. “Tu, desde ontem, depois de negares o que eu pedi, e eu pedi com tanta delicadeza e a sorrir, és muito séria”. Prossegue até se construir a maior frase possível.

Eco

Preparação

Grupo completo em linha (ombro com ombro) ou em círculo.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração
Desenvolver a comunicação verbal

Descrição

O grupo forma uma linha. A pessoa que está numa das extremidades da linha grita uma palavra, os restantes elementos do grupo devem repetir um por um, essa palavra, diminuindo o volume

vocal. Pretende-se que este vocalizo simule o efeito de eco.

Canção espontânea

Preparação

Grupo completo em linha (ombro com ombro) ou em círculo.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração
Desenvolver a comunicação verbal.

Descrição

Os participantes deverão cantar um excerto de uma música popular (ex.: “Oliveira da serra”). Em seguida e individualmente, é solicitado que cantem o mesmo excerto, mas em diferentes volumes e estados emocionais.

Sílabas cantadas

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração
Desenvolver a comunicação verbal.

Descrição

Os participantes sentam-se em círculo. Um deles sai da sala (recorrendo à bengala ou ao apoio de alguém para o orientar), enquanto os outros escolhem uma palavra. Tomemos como exemplo a palavra “carrossel”. As sílabas da palavra são distribuídas pelos participantes do círculo: “ca”, fica com o primeiro grupo de participantes, “rro” com o segundo e “ssel”, com o terceiro. O grupo escolhe então uma melodia familiar (por exemplo: “Parabéns a você”). Os participantes cantam continuamente a melodia utilizando apenas a sílaba atribuída ao seu grupo. O participante que saiu da sala volta para o grupo e caminha pelo círculo tentando compor e adivinhar a palavra.

Adivinhar a música

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração
Desenvolver a comunicação verbal.

Descrição

Cada participante terá que cantar uma música para os restantes adivinharem. Cada canção não poderá ser cantada mais que 30 segundos e após isto cada participante responderá com o seu palpite. A canção não poderá ser cantada na sua letra original nem murmurada qualquer forma monossilábica (blá, blá, blá ou trás, trás...), O cantor deverá escolher a sua própria língua (idioma inventado) e cantar a sua música neste idioma.

Ritmo

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivo

Trabalhar a atenção/concentração.
Desenvolver a noção rítmica.

Descrição

Todos os participantes iniciam juntos o ritmo com a voz, mãos e pernas. Após alguns minutos mudam lentamente até que um ritmo novo se impõe e assim sucessivamente durante vários minutos. Em seguida é solicitado a um participante que faça um ritmo isoladamente até que todos se unifiquem num único ritmo. Após isto todos os participantes começam a um sinal dado a fazer um ritmo próprio e também um movimento que acompanhe esse ritmo. Depois de alguns minutos tentam aproximar-se uns dos outros segundo as afinidades rítmicas. No final tentar-se-á criar apenas um grupo com um ritmo homogeneizado.

Resumo:

- Um propõe e todos repetem;
- Um de cada vez propõe e o coro repete;
- Todos fazem o seu ritmo e encontram-se por naipes.

Exercícios pelo espaço

O chão que piso

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.
Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Explorar o espaço circundante.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Inicialmente, os participantes caminham livremente, explorando o espaço (poderão recorrer à bengala ou a outro apoio à orientação para circular com autonomia.) De seguida deverão caminhar a diferentes ritmos e posturas corporais propostos pelo dinamizador.
Por fim, o dinamizador deverá introduzir diferentes circunstâncias em que os participantes devem caminhar, exemplo:
- sobre gelo;
- sobre brasas;
- contra o vento;
- num rio com água até aos joelhos/ cintura/peito.
Nota: o exercício deverá ser acompanhado de música que irá alternando de acordo com as circunstâncias que vão sendo dadas.

Variação

Reinicia-se o exercício anterior, porém, desta vez, será cada participante a apresentar uma circunstância diferente para a caminhada. Cada circunstância dada deverá acumular com a anterior devendo ser progressivamente mais catastrófica.

Contar e caminhar (variante de música e movimento)

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.
Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Explorar o espaço circundante.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Os participantes deverão caminhar livremente pelo espaço (recorrendo à bengala, se necessário) ao ritmo da música selecionada. Assim que a música é interrompida, os participantes interrompem também o seu caminhar. Nesse momento, sem ordem definida, deverão contar de 1 ao número definido pelo orientador, sendo que cada número deve ser dito alternadamente por cada elemento grupo. Sempre que dois ou mais participantes disserem um número ao mesmo tempo, a música deverá reiniciar assim como a caminhada livre pelo espaço ao som da música.

Caminhada com notas musicais (variante de contar e caminhar)

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.
Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar fisicamente.
Estimular a escuta ativa a e coordenação entre o grupo.
Explorar o espaço circundante.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Os participantes deverão caminhar livremente pelo espaço (recorrendo à bengala, se necessário) ao ritmo da música selecionada. Assim que a música é interrompida, os participantes interrompem também o seu caminhar. Nesse momento, sem ordem definida, deverão dizer as notas musicais (de dó a sol) sendo que cada nota deve ser dita alternadamente por cada elemento grupo. Sempre que dois ou mais participantes disserem uma nota ao mesmo tempo, a música deverá reiniciar assim como a caminhada livre pelo espaço ao som da música.

Caminhada com musica interrompida por rádio

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala. Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Explorar o espaço circundante
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Os participantes deverão caminhar livremente pelo espaço (recorrendo à bengala, se necessário) ao ritmo e velocidade da música selecionada. Assim que a música é interrompida por um som de rádio a ser sintonizado, os participantes interrompem também o seu caminhar e reagem ao fisicamente ao som de acordo com a indicação do orientador.

Caminhada – chão que muda e paredes que oprimem

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.

Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Estimular a rapidez de pensamento e de reação.
Explorar o espaço circundante.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Os participantes deverão caminhar livremente pelo espaço (recorrendo à bengala se necessário), com as seguintes condições que vão sendo alternadas:
– O chão passa a ser escorregadio/quente/frio/acidentado;
– O teto de por onde andam desceu ao nível do vosso nariz/ombros/umbigo/cintura/joelhos;
– O caminho que agora fazem é agora emparedado por muros que cada vez se tornam mais se aproximam.

Caminhada com imaginação – caminhar/transportar/agir

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala. Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar fisicamente.
Exercitar a imaginação.
Estimular a rapidez de pensamento e de reação.
Explorar o espaço circundante.
Melhorar a orientação espacial.

Descrição

Os participantes deverão caminhar livremente pelo espaço ao som de música enquanto são dadas as seguintes indicações (que vão sendo alternadas):
Caminhar: o chão passa a ser relva fofa/gelo/esponja/acidentado, etc.

Transportar: um bebé/um saco de cimento/um prato de sopa quente/um garrafão de 10l, etc.
Agir: atender o telefone/estrelar um ovo/cantar uma canção com convicção/escrever uma carta/mostrar as divisões de uma casa, etc.

Um dia normal

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala. Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar fisicamente.
Exercitar a imaginação.
Estimular a rapidez de pensamento e de reação.

Descrição

Os participantes, estando de pé dispersos pelo espaço, deverão simular um percurso (sem sair do sítio) guiado por duas músicas (lenta e rápida) e uma narrativa que os leve a alternar rapidamente de ritmo.
Exemplo:
Música – (edvard grieg – peer gynt suite no. 1, Op. 46: I. Morning mood / plastic bertrand – ça plane pour moi)
*“Quando saí de casa o tempo estava fantástico;
Olhei para o relógio e vi que estava atrasado para o trabalho;
Lembrei-me que era feriado;
Mas tinha que ir almoçar a casa da sogra;
Faltava ainda umas horas;
Mas tinha que cozinhar o bolo...”*
A dinâmica termina quando o orientador decidir.

O muro que cresce

Preparação

Grupo completo em linha.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Despertar os sentidos do tato e audição.

Descrição

Os participantes devem estar dispostos em fila, voltados para uma linha imaginária. Inicialmente esta linha deverá representar apenas uma linha que facilmente é atravessável, contudo, à medida que vão sendo dadas novas instruções, a linha, progressivamente transforma-se num muro cada vez mais alto e difícil de atravessar.

Atravessar o rio

Preparação

Grupo completo em linha com as mãos dadas.
Cordel/corda comprida.
Fita cola larga.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.
Despertar os sentidos do tato e audição.

Descrição

Os participantes deverão estar de mãos dadas, dispostos em linha, defronte a um cordel esticado no chão e preso nas extremidades. O objetivo do jogo será conseguido assim que todo o grupo, num passo dado ao mesmo tempo, atravesse o cordel.
Deverão ser feitas várias tentativas até que o grupo consiga atravessar, o “rio” traçado no chão, em uníssono. Para tal, deverão ativar a audição e o tato para perceber o momento de vontade coletiva em atravessar.
No final, os participantes deverão sentar-se numa fila de cadeiras que acompanha a linha traçada no chão.

Transpor as linhas

Preparação

Grupo completo em linha com as mãos dadas.

Cordel/corda comprida.

Fita cola larga.

Objetivo

Conhecer o grupo.

Promover interação entre os participantes.

Descrição

É estendida uma corda no chão, criando duas margens. Os orientadores dividem-se pelas duas margens e os participantes ficam apenas numa das margens.

Os orientadores lançam desafios/questões aos participantes que terão que se posicionar nas margens de acordo com a sua resposta em relação à questão.

Exemplo: “Atravessa a linha para o meu lado, quem já usou hoje a imaginação”; “Atravessa a linha para o meu lado, quem já namorou às escondidas”, etc.

Sempre que os participantes cruzarem os orientadores relatam para todos, quem cruzou a linha e quem se manteve no mesmo local.

Eco

Preparação

Grupo completo em linha, lado a lado.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Desenvolver a comunicação verbal.

Trabalhar a escuta ativa.

Descrição

O grupo forma uma linha. A pessoa que está numa das extremidades da linha grita uma palavra, os restantes elementos do grupo devem repetir um por um a palavra, diminuindo o volume vocal. Pretende-se que este vocalizo simule o efeito de eco.

O coro monstruoso

Preparação

Grupo completo em aglomerado.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Explorar o conceito de coro.

Trabalhar a escuta ativa.

Descrição

Pede-se aos participantes que se juntem em determinado espaço da sala e que, a partir daí, se considerem todos um monstro com apenas um corpo e várias cabeças, devendo responder às perguntas que lhe são feitas pelo orientador, numa voz uniforme composta por todos os participantes.

As perguntas deverão ser relativas às informações básicas do “monstro”, tais como: “qual o teu nome”, “email”, “número de telefone” e “hobbie favorito”.

Às ordens do rei

Preparação

Grupo completo.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Trabalhar a imaginação e criatividade.

Estimular a velocidade de pensamento.

Descrição

É nomeado um participante como “Rei”, que deverá ser substituído várias vezes. Respetivamente, cada Rei elegerá três súbditos que o deverão agradar ao executar os seus pedidos para o entreterem.

Cada súbdito deverá fazer o seu melhor para animar o Rei que lhes pede cada vez mais empenho no que realizam. Após isto, sendo o Rei inconsolável deverá ordenar que o seu súbdito seja condenado à morte. Neste momento o participante “súbdito”

deverá simular a sua morte da forma mais volumosa e histriónica possível.

O líder popular

Preparação

Grupo completo.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Trabalhar a imaginação e criatividade.

Estimular a velocidade de pensamento.

Descrição

Um participante por vez, coloca-se de frente para o restante grupo e apresenta uma solução política num cenário perfeito em que todos os recursos (económicos, tecnológicos e sociais) estão ao seu dispor. Ao fim de cada apresentação o grupo de participantes deverá expressar o seu contentamento por aplausos, assobios e frases de ordem.

Destacar-se-á a solução provocar maior agitação no grupo.

Números com ações

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Trabalhar a escuta ativa.

Descrição

Os participantes estão espalhados pelo espaço em pé.

O orientador dá seis números que estão associados a ações.

1 – Cantar; 2 – andar em câmara lenta; 3 – congelar; 4 – cantar; 5 – imitar um animal; 6 – ouvir um barulho (pode ser do exterior).

Depois de duas passagens, o orientador pode pedir os números alternados.

Números com ações #2 – espaço que habita

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Trabalhar a escuta ativa.

Descrição

Continuando o exercício anterior e ainda em pé, os participantes terão que acrescentar um espaço às ações. Por exemplo: 2 – andar em câmara lenta *na floresta*; 5 – imitar um animal *na despensa*. Os participantes escolhem os espaços, o orientador escolhe o número que corresponde a uma das ações e aponta todos os espaços e ação associada.

Como sentar na cadeira

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.

Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Trabalhar a escuta ativa.

Descrição

Os participantes estão espalhados pela sala, cada um com uma cadeira. O objetivo é não perderem o contato físico com essa cadeira enquanto se ouve uma música. Quando esta para é pedido que se sentem de maneiras diferentes.

Esperar na cadeira

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.

Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivo

Ativar a disponibilidade física e mental para a sessão.

Exercitar o trabalho corporal como impulso criativo.

Descrição

É dado a cada um dos participantes um local diferente. Ex: sala de partos, discoteca, banco de jardim, aeroporto, paragem de autocarro, nas finanças... Cada um senta-se de acordo com o espaço que lhe foi atribuído. O exercício não tem palavra, só criar uma imagem de espera, que será relatada aos restantes participantes pelo orientador.

Exploração/ interiorização

Nos exercícios de exploração e interiorização, podem usar-se todas as estratégias referidas na nota introdutória do capítulo ativação.

Ao usar objetos que passam de mão em mão, deve anunciar-se essa passagem e entrega em segurança, garantido que o participante-recetor, conseguiu receber o objeto.

Se a proposta requer o uso de adereços/objetos ou construção de cenários a partir dos mesmos, é importante que todos tenham oportunidade de reconhecer estes elementos através dos restantes sentidos, tato, olfato e audição.

Em exercícios que requerem fisicalidade ou movimento, é facilitador que o participante faça a verbalização do movimento, explicando o que criou. Esta verbalização pode acontecer antes, durante ou após o exercício. Pode também caber, um momento de narração da cena, realizado por alguém exterior à mesma.



Interação sensorial com o objeto

Preparação

Grupo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Explorar sensorialmente o objeto “indutor” (textura, peso, temperatura, cheiro).

Descrição

Em círculo, todos participantes deverão fazer passar de mão em mão, uma caixa de cartão. A cada volta, deverão interagir com o objeto de forma diferente. Estas formas de interagir serão regidas pela atenção à textura, peso, temperatura e cheiro. No final, pergunta-se a cada participante, quais as sensações que experienciou e se estas os remetem para um lugar, situação ou ação.

Interação ficcional com o objeto

Preparação

Grupo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Explorar sensorialmente o objeto “indutor” (textura, peso, temperatura, cheiro). Estimular a imaginação e capacidade mimética no contexto físico e material.

Descrição

Em semelhança ao exercício “interação sensorial”, os participantes ainda dispostos em círculo, deverão fazer chegar a caixa de cartão ao colega do lado. Esta passagem deverá ser feita de acordo com as indicações do orientador, pois serão atribuídas diferentes características à caixa, que não correspondem ao objeto físico (peso, temperatura, textura, forma).

Interação ficcional com o objeto #2

Preparação

Grupo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Estimular a imaginação e a linguagem corporal. Aumentar a consciência em relação ao objeto.

Descrição

Os participantes dispõem-se em círculo e o objeto/caixa é colocado no centro. O orientador sugere que o objeto/caixa se transformou em outro (ex.: Poste de eletricidade/janela/carteira/arma, etc.). Os participantes devem permanecer sentados até sentirem o impulso de interagir com o objeto mencionado. Esta interação é individual. No momento que decidem interagir, devem comunicar a sua decisão ao restante grupo, relatando também o que está a fazer, através de palavras ou sons. Quando decide abandonar a interação com o objeto, deve informar o grupo do regresso ao lugar.

“Isto não é uma caixa. O que é isto?”

Preparação

Grupo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Estimular a imaginação e capacidade mimética no contexto físico e material.

Descrição

Os participantes reúnem-se em círculo. É sugerido dar outra finalidade ou significado à caixa (que pode ser tudo menos uma caixa). O exercício inicia, quando um participante passa a caixa para o lado e pergunta ao

colega do lado “O que é isso?”; o colega deverá responder “Isto é... (usando o objeto com a função que imaginou). Quem fez a primeira pergunta afirma “Ah! Isso é...”. O jogo termina quando todos tiverem participado.

Partilha do objeto

Preparação

Grupo completo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Ativar a interação afetiva do participante com memórias pessoais. Trabalhar a relação afetiva entre participantes.

Descrição

Cada participante terá alguns segundos para imaginar um objeto real que tenham especial relação de afetividade. Esse objeto, sob a forma de pantomina, deverá ser colocado dentro da caixa e dado ao participante do lado. Pretende-se dar especial destaque, não só à relação emocional de cada participante com o objeto, como também à interação do participante com o seu par (ao ter que lhe dar um objeto com o qual possui relação afetiva).

Mais e menos

Preparação

Grupo em círculo.

Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Reagir fisicamente ao volume e peso do objeto. Trabalhar a concentração e a velocidade de ação/reação. Estimular a imaginação.

Descrição

Os participantes organizam-se em círculo. O orientador fará passar uma caixa de mão em mão e, depois da primeira volta, acrescenta-se uma regra: cada participante deve encher a caixa com o material imaginário que for definido. Exemplo: laranjas (1ª jogada) e água (2ª jogada). Todos os participantes devem comunicar aos outros a quantidade que estão a colocar na caixa (número de laranjas; simular o som da água de acordo com a quantidade). Os participantes devem reagir fisicamente às variações de peso, quando a caixa está mais cheia ou mais vazia.

Quando a caixa tiver completado uma volta ao círculo, passando por todos os participantes, volta a passar no sentido inverso para que cada um a possa esvaziar.

“De quem é esta mala?”

Preparação

Grupo em círculo.

Mala (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Estimular a imaginação e a linguagem corporal. Aumentar a consciência em relação ao objeto.

Descrição

Cada participante, na sua vez, deverá, tendo em atenção o objeto a ele designado, responder às seguintes perguntas: “Como é a mala?” – Verbalizar as informações materiais recolhidas no exercício anterior. “Para que serve esta mala?” – Descrever as possíveis funções daquela mala e as circunstâncias em que poderão ser utilizadas. “A quem poderá pertencer esta mala?” – Descrever uma pessoa imaginária a partir da função da mala.

Quem vai ao baile?

Preparação

Grupo em círculo.
Vários adereços.

Objetivos

Estimular a imaginação e a linguagem corporal.
Aumentar a consciência em relação ao objeto.

Descrição

No centro do círculo (formado pelos participantes) estão vários adereços. Os participantes são informados que os adereços que se encontram no centro serão utilizados por estes num baile. Em seguida, deverão escolher um, levá-lo para o seu lugar no círculo e explorá-lo sensorialmente, tendo em atenção, o peso, textura e cheiro.

Cada participante, na sua vez, deverá, tendo em atenção o adereço a ele designado, responder às seguintes perguntas:

“Como é o adereço?” – Verbalizar as informações materiais recolhidas no exercício anterior.

“A quem poderá pertencer esta adereço” – descrever uma pessoa imaginária a partir da função do adereço.

“Porque uso este adereço no baile?” – Responder a partir da pessoa imaginária criada anteriormente.

“Como me movimento no salão do baile?” – Responder à questão, de forma verbal e depois física, mediante a pessoa imaginária criada.

“Como estabeleço contacto com os outros?” – No final da movimentação, cada participante deverá comunicar com um ou mais participantes. Esta comunicação poderá ser verbal ou física (no último caso deverá descrever).

Completar o outro

Preparação

Grupo em círculo.

Objetivos

Promover a cooperação entre participantes.
Promover a criação de ficções improvisadas em conjunto.

Descrição

Organizados em duplas, os participantes deverão contar uma história que vai sendo sugerida por um elemento e complementada pelo seu par. O elemento que sugere a história deverá relatar uma história frase a frase, enquanto que o seu par, ao fim de cada frase, deverá completá-la com pormenores que possam influenciar as seguintes frases sugeridas. A pessoa que completa a história poderá mudar o rumo da narrativa, torná-la absurda, contradizer o colega, etc.

Quem bate à porta?

Preparação

Grupo em círculo.

Objetivos

Estimular a criação de ficções improvisadas.
Trabalhar a fisicalidade e a comunicação, através da ação.

Descrição

Um dos participantes sai do espaço de jogo e com apoio, dirige-se à porta. Este deve pensar em quem é, onde está e a que hora do dia.

A forma como bate à porta deve demonstrar aos restantes participantes, as circunstâncias anteriores.

Onde me sento?

Preparação

Grupo completo em círculo.
Cadeiras.

Objetivos

Estimular a imaginação e o relato ficcional.
Promover a cooperação entre participantes.

Descrição

1. Usando as cadeiras da sala, os participantes deverão levantar-se e sentar-se com de acordo com as seguintes sugestões:

– A cadeira passa a ser a de um restaurante;

– A cadeira passa a ser numa sala para uma entrevista de emprego;

– A cadeira passa a ser um banco de jardim em que vão descansar depois de uma corrida.

Enquanto o participante responde dramaticamente às questões, deverão ser feitas as seguintes perguntas:

– Onde está esse assento;

– Como é o assento;

– Quem está em volta;

– Que relação tenho com o que está à minha volta.

2. A partir do exercício anterior, cada participante deverá apresentar um novo sítio onde agora se senta sem o revelar diretamente. No final os participantes deverão adivinhar o local e a tipologia do assento.

Estrangeirês

Preparação

Grupo em círculo.

Estrangeirês (idioma fictício criado pelo participante).

Objetivos

Estimular a imaginação e o relato ficcional.
Promover a cooperação entre participantes.

Descrição

Os participantes deverão falar sobre um assunto concreto (ex.: Férias de verão/ receita culinária, etc). Um por vez, fará o relato em estrangeirês (idioma fictício criado pelo participante). Enquanto o

participante está a narrar, o colega do lado esquerdo fará tradução simultânea para português.

Gritar e sussurrar

Preparação

Dois a dois.

Objetivos

Estabelecer diálogo a longas distâncias.

Descrição

Divide-se o grupo em pares. Metade dos pares irá gritar e outra metade irá sussurrar. Os pares devem estabelecer *onde, quem e o quê*. O *onde* deve ser um ambiente no qual caiba o sussurrar ou o gritar. Os pares devem dialogar de acordo com a circunstância dada.

Ambientes sonoros

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.
Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivos

Explorar a potencialidade do som como elemento indutor de situações dramáticas.
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

O exercício é composto pelas seguintes fases:

1. À medida que são apresentadas paisagens sonoras (ex.: fábrica, escritório, quinta, discoteca, etc.) os participantes deverão procurar realizar uma ação física condizente com a situação e verbalizar algo como consequência.

2. Novamente, passando pelos vários ambientes sonoros os participantes deverão demonstrar que se estão a divertir naquele espaço, através de uma

ação física e verbalização correspondente verbalização.

3. É pedido o inverso do passo 2. Neste caso os participantes detestam estar naquele espaço.

4. Realiza-se o mesmo que no passo 2, mas agora a ação e respetiva verbalização serão agora dirigidas a outro participante.

5. Realiza-se o inverso do passo anterior. Neste caso o participante odeia estar naquele espaço.

Ambientes sonoros – à procura de um ajudante

Preparação

Dois a dois.

Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivos

Explorar a potencialidade do som como elemento indutor de situações dramáticas
Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Os participantes são divididos por duplas, sendo a cada uma atribuído um ambiente sonoro. A partir do ambiente sugerido os participantes deverão criar uma situação em que a adora o sítio onde está, necessita de ajuda para algo que quer fazer naquele espaço e pede-a a b, que detesta estar naquele sítio e resiste ao pedido de a. O exercício termina quando b finalmente aceder ao pedido de a.

Sintonizador de cenas

Preparação

Dois a dois.

Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivos

Estimular a imaginação.

Trabalhar a rapidez de pensamento e articulação entre pensamento e fala.

Descrição

O espaço de cena é ocupado por dois participantes de cada vez. Ambos representam locutores de rádio.

O primeiro inicia o seu programa, mas quando surge o som de rádio a ser sintonizado, o participante deve congelar a sua cena e quando o som parar, o outro participante deve iniciar a sua locução. Termina quando todos tiverem participado.

Publicidade rimada

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Estimular a imaginação.

Trabalhar a rapidez de pensamento e articulação entre pensamento e fala.

Descrição

Cada participante deverá imaginar um anúncio publicitário composto por duas frases iniciais. O participante que inicia dinâmica verbaliza esse anúncio, mas não o completa, será o participante do seu lado esquerdo que o deverá terminar em rima. A dinâmica termina quando todos tiverem anunciado o seu produto e todos tiverem terminado o anúncio de alguém com rima.

O grande locutor

Preparação

Dois a dois.

Aparelho sonoro (coluna de som/aparelhagem, etc.).

Objetivos

Estimular a imaginação.

Trabalhar a rapidez de pensamento e articulação entre pensamento e fala.

Descrição

O orientador sugere uma música a cada participante (cada música deverá ouvi-la momentos antes de cada participação). De acordo com a música selecionada e a atmosfera que transmite, o/a participante deverá representar um locutor de rádio tendo em atenção o tipo de rádio, o horário do programa, o dia/ano em que se realiza e o tempo que faz.

Variante: realizar um direto jornalístico de acordo com a atmosfera que a música sugere.

Arquitetos do espaço

Preparação

Dois grandes grupos.

Objetivos

Medir a sala de ensaios usando o corpo como unidade de medida.

Estimular a criatividade e a cooperação em grupo.

Trabalhar a interação e a comunicação.

Descrição

Divididos em dois grupos, os participantes terão que cooperar para (com a ajuda dos orientadores), medirem a sala usando a bengala e as diferentes partes do corpo, como unidade de medida.

Decoradores do espaço

Preparação

Dois a dois.

Texto/história/fábula.

Vários objetos que possam ser usados para recriar os cenários do texto escolhido.

Objetivos

Criar uma nova perspetiva sobre espaços convencionados a um fim.

Estimular a criatividade e a cooperação em grupo.

Trabalhar a interação e a comunicação.

Descrição

Serão colocados no centro da sala, vários tipos de objetos e mobiliário. O orientador fará a leitura do texto selecionado e informará os participantes dos objetos que se encontram no centro, fazendo uma breve descrição dos mesmos. Após isto, os participantes deverão dividir-se em pares, recolher com apoio todos os objetos que desejarem (em dois ciclos alternados de recolha) e criarem num espaço da sala, um cenário inspirado num momento do texto que foi lido. No final deverão apresentar este espaço aos seus colegas, mencionado qual a função de cada objeto escolhido no cenário. O grupo que assiste poderá, através do tato, perceber o cenário.

Poetas do espaço

Preparação

Dois grandes grupos.

Objetivos

Ativar a imaginação para a criação de contextos e narrativas através da exploração sensorial do espaço.

Ficcionalizar sobre um espaço.

Descrição

Os grupos deverão explorar as texturas existentes nos diversos materiais que compõem a sala, os cheiros e sons predominantes. Deverão ainda encontrar um lugar especial, este lugar pode ser descoberto através de uma irregularidade no piso, um buraco na parede ou um lugar de onde se observa/ouve/cheira, algo misterioso. Que mistério é esse?

Sonhadores do espaço

Preparação

Dois grandes grupos.

Objetivos

Ativar a imaginação para a criação de contextos e narrativas através da

exploração sensorial do espaço.
Ficcionalizar sobre um espaço.

Descrição

Os participantes serão convidados a sonhar, com o que se passa na sala onde estão, quando eles não estão. É também lançado o desafio para sonhar com as alterações que fariam a este espaço.

Estátuas vivas

Preparação

Vários grupos.
Vários objetos.

Objetivos

Ativar a imaginação para a criação de contextos e narrativas através da exploração sensorial do espaço.
Ficcionalizar sobre um espaço.

Descrição

Cada grupo, deverá criar três “esculturas”, com os objetos e participantes, que ilustrem três ideias que confluem para o mesmo tema (ex.: Cinema – comédia/terror/romance). Cada “estátua” em cada ciclo de apresentação deverá apresentar-se, assim que pressionado um toque nas suas costas, e fazer um gesto e som relativo à sua atividade.
O grupo que assiste poderá, através do tato, perceber as estátuas.

Quem incendiou o castelo?

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Estimular a imaginação.
Trabalhar a rapidez de pensamento e articulação entre pensamento e fala.

Descrição

É escolhido um participante para interpretar o papel de líder. O líder

depara-se com um conjunto de súbditos com a roupa chamuscada e percebe que o castelo está a arder. Voltando-se para um dos seus súbditos, o líder pergunta “quem ateou fogo ao castelo?”. O súbdito deverá inventar uma desculpa e levantar suspeitas sobre outro súbdito. Quando o “outro súbdito” for acusado deverá criar um alibi e levantar suspeitas sobre outro, até que todos tenham argumentado.

Tragédia fora de cena

Preparação

Grupo reunido fora de cena.
Corda para delimitar o espaço de cena.

Objetivos

Explorar a potencialidade do som como elemento indutor de situações dramáticas.
Exercitar a imaginação.
Estimular a rapidez de pensamento e de reação.

Descrição

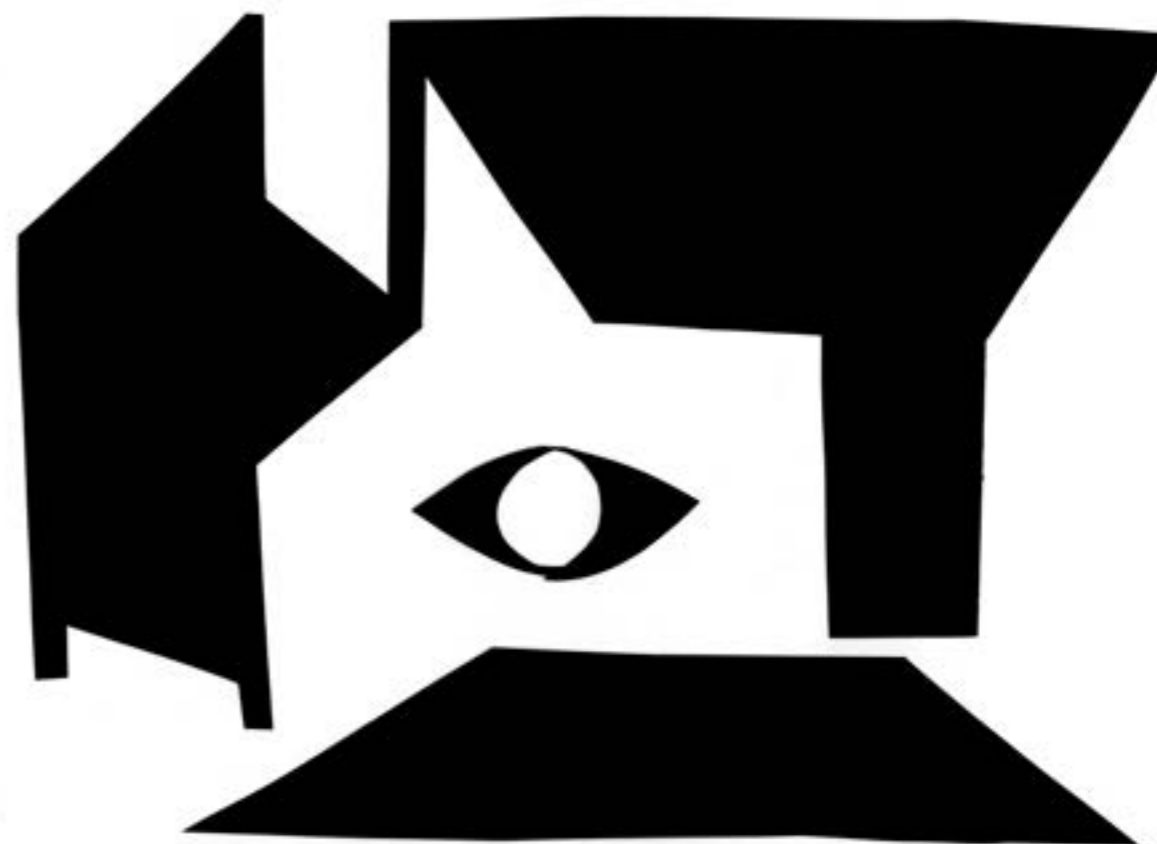
Os participantes reúnem-se num espaço fora do delimitado com corda, que será espaço de cena. Algo de muito grave está a acontecer fora de cena. Os participantes vão entrando individualmente em cena, sempre que seus nomes são mencionados. A cada entrada a gravidade do problema aumenta, com a repetição do que já se conhece e o acréscimo de novos dados.
Nota: os atores têm que lidar com as novidades trazidas como se estivessem totalmente conscientes do perigo que representam.

Dramatização

No momento da criação e apresentação da dramatização, podem usar-se todas as estratégias referidas nas notas introdutórias dos capítulos ativação e exploração/ interiorização.

É importante garantir ao participante autonomia no espaço de cena, para que o domine e que possa jogar livremente. Para isso recorre-se a várias adaptações que lhe permitam uma maior segurança. As adaptações mais frequentes são: limitar o espaço de cena com um tapete, alcatifa, piso tátil ou outro tipo de superfície sensível ao toque com sapatos e ainda que seja diferente do espaço fora de cena. Recorre-se também à delimitação do espaço de cena com uma corda ou cordel (experimentação desta técnica nos exercícios de ativação “Atravessar o rio” e “Transpor as linhas”) fixo ao chão com fita isoladora. Este método pode também ser usado para realizar as marcações em cena.

Durante a dramatização, o participante é encorajado a indicar todos os movimentos, ações ou dados não sonoros, para que o grupo consiga acompanhar, à semelhança do que acontece numa audiodescrição.



“Quem?” – Com objeto

Preparação

Grupo completo em círculo.
Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Trabalhar a cooperação.
Estimular a criatividade.
Ativar a imaginação.
Introduzir os conceitos de “Quem” e de “ação”.

Descrição

O grupo é dividido em pares. Cada dupla entra em acordo sobre um objeto em que a caixa (ou outro objeto selecionado pelo orientador) se irá transformar. O objeto definido irá mostrar quem eles são ao desempenharem uma ação/atividade com a caixa.

“Quem? E onde?” – Com objeto

Preparação

Grupo completo em círculo.
Caixa de cartão (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Trabalhar a cooperação
Estimular a criatividade
Ativar a imaginação
Introduzir aos conceitos de “Quem” de “ação” e “Onde”.

Descrição

O grupo é dividido em pares. Cada dupla entra em acordo sobre um objeto em que a caixa se irá transformar. O objeto definido irá mostrar quem eles são ao desempenharem uma ação/atividade com a caixa. A ação deverá decorrer num local específico escolhido pelos pares. O objeto deverá ao longo da ação aumentar substancialmente ou diminuir o seu peso.

“De quem é esta mala?” – Sair de casa

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala
Dois a dois (3ª fase do exercício).
Mala (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Estimular a imaginação e a linguagem corporal.
Aumentar a consciência em relação ao objeto.
Criar narrativas partindo de um objeto.

Descrição

Todos os participantes, num espaço da sua preferência, em simultâneo, deverão explorar uma “saída de casa” induzida pelo contexto e narrativa sugerida pela mala do exercício “De quem é esta mala?”. Durante todo o exercício, os participantes não deverão fazer recurso da palavra.

1ª fase

No decorrer do exercício serão dadas “ações-guia”, comuns a todos os participantes. Estas serão guiadas entre a vontade de sair de casa e a “contra vontade” de permanecer no mesmo sítio; o estímulo externo que faz o participante optar por sair, o colocar de um último objeto na mala e, por fim, a derradeira decisão de abrir a porta e sair de casa.

2ª fase

Nesta fase, os participantes deverão adicionar, ao realizado no exercício anterior, a verbalização do pensamento correspondente a cada momento. Cada participante deverá realizar o seu exercício individualmente e não em simultâneo como anteriormente.

3ª fase

Em grupos de dois, os participantes deverão criar uma dramatização que parta da narração realizada no exercício anterior (sendo esta feita intercalada) e que possa cruzar, as duas histórias, num encontro entre participantes com destinos diferentes.

Resgate da ficção

Preparação

Grupo completo espalhado pela sala.
Mala (ou outro objeto selecionado pelo orientador).

Objetivos

Trabalhar a cooperação.
Estimular a criatividade.
Efabular dramaticamente a partir do universo imaginário dos próprios participantes.

Descrição

Cada participante, sozinho, dramatizará a saída de sua casa até ao ponto em que é criado um problema que apenas poderá ser resolvido com a ajuda de um elemento exterior. Assim que o participante chega a este ponto, a cena é interrompida para depois ser reiniciada com a ajuda de um voluntário que até então estava a assistir.

Opositores da ficção

Preparação

Grupos de três participantes.

Objetivos

Trabalhar a cooperação.
Estimular a criatividade.
Efabular dramaticamente a partir do universo imaginário dos próprios participantes.

Descrição

É sugerido que os participantes se organizem em grupos de três, cabendo a cada um as seguintes funções: “aquele que sugere”; “aquele que dificulta as sugestões”; “aquele que soluciona”. A partir destas funções, cada grupo deverá realizar uma dramatização sobre a viagem de um participante de sua casa até um determinado sítio. Em semelhança ao exercício completar a história, o participante “que sugere” relata uma

frase que é completada por um problema sugerido por “aquele que dificulta” e resolvido por “aquele que soluciona” o problema, ajudando o primeiro elemento. Este exercício deverá recorrer não só do relato verbal, mas também da pantomina das ações relatadas.

Destino exótico

Preparação

Grupos de quatro participantes.

Objetivos

Trabalhar a cooperação.
Estimular a criatividade.
Efabular dramaticamente a partir do universo imaginário dos próprios participantes.

Descrição

Dividindo o grupo por grupos de quatro participantes, deverão criar uma situação sobre uma viagem para um país fictício/exótico. No presente exercício, tanto o protagonista quanto o antagonista falam estrangeirês (idioma fictício criado pelo participante) e socorrem-se de dois tradutores que comunicam entre si. A dramatização deverá apresentar a chegada de um participante ao destino da sua viagem. Assim que chega é confrontado com uma personagem antagonista que não fala a sua língua sendo esse o fator determinante para o desenrolar do problema da cena. Como solução, tanto o protagonista como o antagonista comunicam com os seus tradutores, fazendo com que a comunicação aconteça na seguinte ordem: protagonista com tradutor; tradutor com antagonista (inverte a ordem de seguida).

Regresso a casa em estrangeirês

Preparação

Grupos de quatro participantes.

Objetivos

Promover a cooperação entre participantes para o decorrer da cena dramática. Trabalhar a fisicalidade e a comunicação, através da ação.

Descrição

No presente exercício, tanto o protagonista quanto o antagonista falam estrangeirês e socorrem-se de dois tradutores que comunicam entre si. Pretende-se que a premissa seja uma chegada a casa após férias, usando algumas informações e descobertas do exercício de exploração/interiorização “*Quem está a bater à porta?*”.

Conversa a três

Preparação

Grupos de três participantes.

Objetivos

Desenvolver o estado de alerta para as múltiplas informações que surgem. Estimular a criatividade.

Descrição

Três jogadores sentados. Um participante (A) é o centro, os outros (B e C) são as extremidades.
– (B) extremidade;
– (A) centro;
– (C) extremidade.
Cada participante da extremidade escolhe um tema e envolve o participante do centro numa conversa como se o participante da outra extremidade não existisse. O participante do centro deve conversar com ambas as extremidades, sendo fluente em ambas as conversas (respondendo e iniciando quando necessário) sem excluir nenhum dos dois

participantes das extremidades. Com efeito, o participante do centro mantém uma conversa com dois assuntos. Os participantes das extremidades conversam apenas com o participante do centro.

Morador oculto

Preparação

Grupos de três participantes.

Objetivos

Desenvolver o estado de alerta para as múltiplas informações que surgem. Estimular a criatividade.

Descrição

Um morador tem ao seu lado, e só visível para ele, uma espécie de “morador oculto”, que contradiz tudo o que a outra pessoa responde.

Exemplo:

Morador 1 – “Porque é que te estás sempre a queixar das infiltrações e na reunião estiveste calada?”

Morador 2 – “Eu não estive calada, estava afónica!”

Morador oculto – “Mentira! Ela vai vender o apartamento!”

Morador 1 – “E o agente imobiliário com quem me cruzei ontem no elevador?”

Morador 2 – “É meu irmão.”

Morador oculto – “Não sejas mentirosa, és filha única!”

E etc. Ou seja: o morador passa a conversar seguindo as indicações do morador oculto. Pode, se quiser, repetir literalmente a sua frase, mas o essencial é seguir as suas indicações. O MO não é visto pelo Morador 2, evidentemente; o Morador 1 não pode ficar a olhar para o MO, que na verdade está “dentro dele”, é seu pensamento, sua consciência.

Leitura coral

Preparação

Dois grandes grupos.

Objetivos

Estimular a criação de ficções improvisadas. Trabalhar a fisicalidade e a comunicação, através da ação.

Descrição

Os dois grupos estabelecem “Onde”, “Quem” e “O quê”.

Dois participantes protagonizarão a cena e os restantes terão que criar a sonoplastia da cena que está a ser apresentada.

Gritar/falar/susurrar

Preparação

Vários grupos.

Objetivos

Trabalhar a escuta e o diálogo em cena. Trabalhar a dicção e o volume vocal.

Descrição

O grupo divide-se em subgrupos. Estabelecem “onde”, “quem” e “o quê”, podendo usar situações e circunstâncias anteriores. Devem criar uma breve dramatização em que algo acontece, algo tem que ser feito e algo é feito. Essa dramatização será repetida três vezes. A primeira vez será gritada, a segunda vez sussurrada e a terceira falada num tom de voz normal.

Lento e rápido

Preparação

Vários grupos.

Objetivos

Trabalhar a escuta e o diálogo em cena. Trabalhar a escuta ativa. Melhorar o trabalho de criação em grupo.

Descrição

Neste exercício o orientador poderá fazer a narração das cenas que serão apresentadas.

Cada grupo deverá definir uma situação a apresentar no seguinte ritmo:

Problema – de lento a rápido;

Resolução – de lento a rápido.

Exemplo: num museu, quatro assaltantes disfarçados de avaliadores de arte, esperam que um guarda mude de posição; assim que o guarda sai, vão rapidamente para perto do quadro; lentamente tiram o quadro do lugar; rapidamente fogem do museu (ou criam um engodo para esconder o quadro).

Ambientes sonoros – à procura de um ajudante

Preparação

Dois a dois.

Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.).

Objetivos

Explorar a potencialidade do som como elemento indutor de situações dramáticas. Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

Os participantes são divididos por duplas, sendo a cada uma atribuído um ambiente sonoro. A partir do ambiente sugerido os participantes deverão criar uma situação em que A adora o sítio onde está, necessita de ajuda para algo que quer fazer naquele espaço e pede-a a B, que detesta estar naquele sítio e resiste ao pedido de A.

O exercício termina quando B finalmente aceder ao pedido de A.

Discos pedidos

Preparação

Dois a dois

Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.)

Objetivos

Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático

Descrição

Os participantes deverão, em pares, criar uma dramatização que simule um momento de discos pedidos, numa rádio definida por ambos.

Audioviagem

Preparação

Grupo completo em círculo.

Objetivos

Potenciar uma comunicação apoiada nas circunstâncias do jogo dramático.

Descrição

O orientador, põe a tocar várias bandas sonoras que induzirão ao exercício. De acordo com o género musical das bandas sonoras colocadas à escolha, cada participante deverá narrar, em formato similar ao de um áudio-livro, uma história de uma viagem. A história deverá ser narrada na primeira pessoa, contudo poderá ser real ou fictícia.

Como géneros possíveis de banda sonora serão colocados à escolha os seguintes: romance, mistério, terror, fantasia.

No baile

Preparação

Dois a dois.

Aparelho sonoro (coluna de som/ aparelhagem, etc.)

Objetivos

Estimular a criação de ficções improvisadas. Trabalhar a fisicalidade e a comunicação, através da ação.

Descrição

São formados grupos de 3 participantes.

A cada grupo será atribuída a tarefa de apresentar uma dramatização que ilustre um triângulo amoroso. A ação decorre num baile. A apresentação da dramatização deverá seguir a seguinte ordem:

- Apresentação de ator que interpreta a personagem;
- Apresentação da sua personagem;
- Dirigir uma ação a uma das personagens (o orientador fará a descrição da ação praticada).

Este ciclo deverá ser repetido por todos os participantes, tendo em consideração que as ações a realizar deverão somar-se e ser consequência das já realizadas.

Bibliografia

Boal, Augusto. *Jogos Para Atores e Não-Atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

Boal, Augusto. *200 Exercícios e Jogos Para o Ator e Não-Ator Com Vontade de Dizer Algo Através do Teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

Spolin, Viola. *Improvisação para Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2015.

Spolin, Viola. *Jogos Teatrais: O Fichário*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

Spolin, Viola. *O Jogo Teatral no Livro do Diretor*. São Paulo: Perspectiva, 2018.



Sala de Ensaios, Carlos Gomes



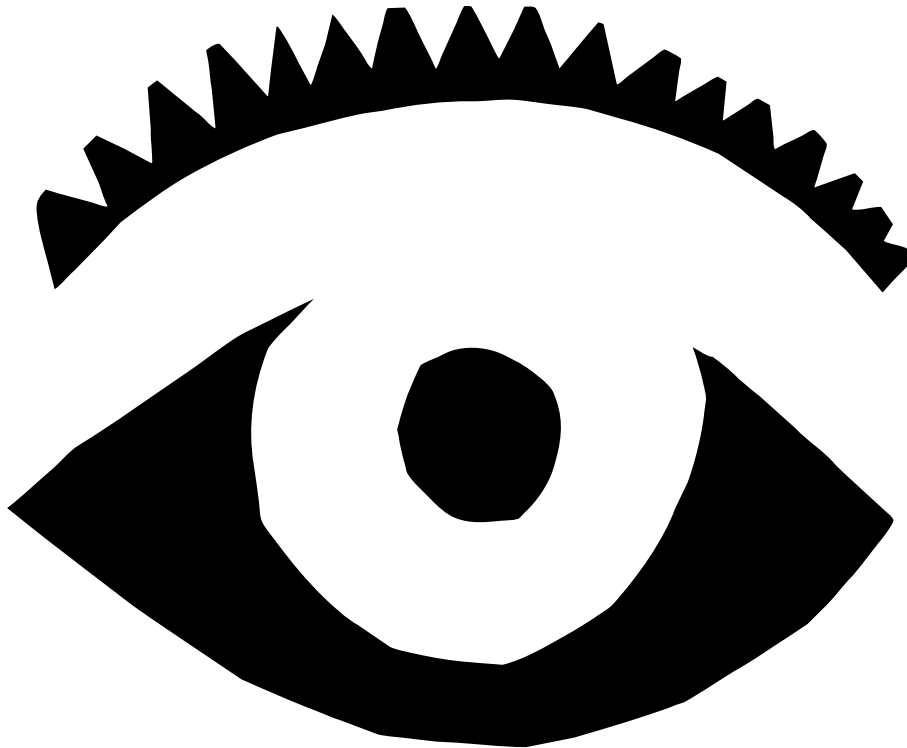


Criações

Dramaturgias originais



Criações Dramaturgias originais



Teatrão

A Meu Ver
Apontamentos para
olhar o futuro

Um projeto Teatrão
e ACAPO Coimbra
2021-2024

Financiado pelo
Programa Partis
& Art for Change

Coordenação geral

Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)
Isabel Craveiro (Teatrão)
João Santos (Teatrão)

Coordenação científica

Cláudia Pato de Carvalho (CES-UC)
Fernando Fontes (CES-UC)

Acompanhamento científico

Susete Margarido (FEUC)

Professores

Mariana Nunes
Mónica Tavares
Telmo Ferreira

Participantes no projeto

António Pereira, Armando Sousa,
Carla Rodrigues, Carlos Pimentel,
Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos,
Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz,
Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,
Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

Produção executiva

Cátia Oliveira
Eva Tiago

Comunicação do projeto

Luís Marujo
Margarida Sousa

Coordenação da edição

Isabel Craveiro

Edição e revisão

Luís Marujo

Design gráfico

Studio And Paul

Impressão

Gráfica Maiadouro S.A.

Edições Teatrão

1ª edição, junho 2024

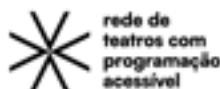
ISBN

978-989-33-6359-1

Depósito legal

534509/24

O teatrão é uma estrutura apoiada e financiada por:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA

A Meu Ver é um projeto financiado e apoiado por:



Parceiros:

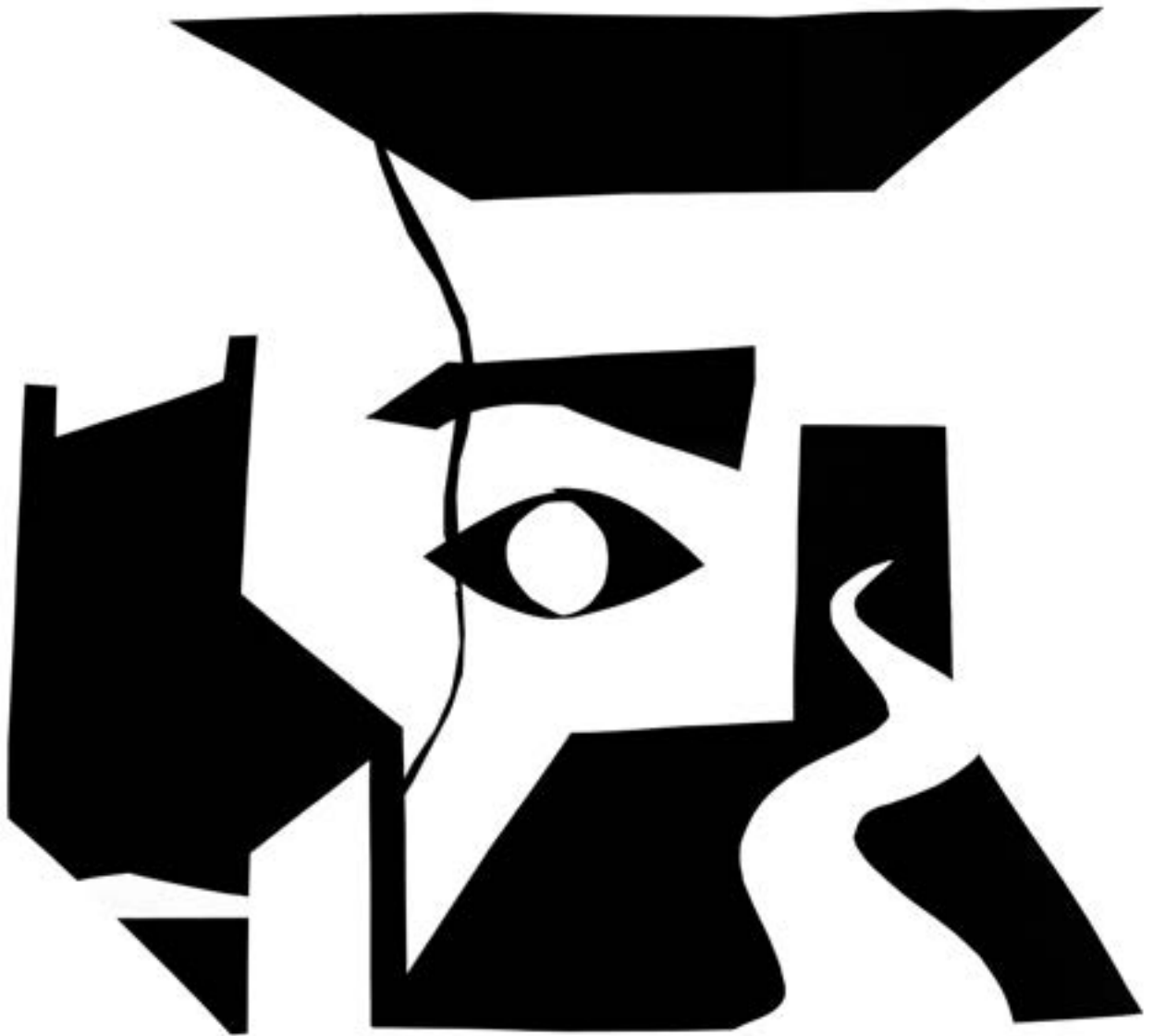


Criações Dramaturgias originais

O Que é Invisível	7
CONDOMÍNIO (ponto) PT	39



O Que é Invisível



1. *O Que é Invisível*, Carlos Gomes

Ficha artística e técnica

Título O Que é Invisível

Texto do coletivo

Direção Mariana Nunes e Telmo Ferreira

Interpretação António Pereira, Armando Sousa, Carla Rodrigues, Carlos Pimentel, Cati Ramos, Eunice Santos, Guida Álvaro, João Cerveira, Maria de Lurdes Acúrcio, Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso

Desenho de luz Jonathan de Azevedo

Banda sonora Nuno Pompeu

Figurinos Filipa Malva

Apoio vocal Cristina Faria

Grafismo Studio And Paul

Fotografia Carlos Gomes

Costureira Lídia Ribeiro

Comunicação Margarida Sousa

Direção de produção Cátia Oliveira

Produção executiva Mariana Pereira

Direção de cena João Bernardo Gomes, Mariana Pereira e Sofia Coelho

Apoio logístico Filipe Gomes

Acompanhamento de público Ana Ribeiro, Dora Afonso, Gabriela Pinto Gabriela Martins, Inês Amaro, Laura Costa e Raquel Pereira

Audiodescrição Diogo Gonçalves, Roberto Terra – Dançando com a Diferença

Coordenação geral A Meu Ver Isabel Craveiro

Gestão de projeto João Santos

Coordenação e acompanhamento social Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)

Coordenação científica Fernando Fontes e Cláudia Pato de Carvalho (CES)

Acompanhamento científico Susete Margarido (FEUC)

Parcerias do projeto: ACAPO, CES – UC, Município de Coimbra, ESEC

Classificação etária M/6

Duração 60 minutos

Produção Teatrão 2022

Agradecimentos Florista Tina, Flor do Atrium, Fernando Santos, Maria Clementina Gonçalves (D. Tina)

Cena 1 – Bilheteira

A seguinte cena será uma gravação vídeo e áudio da Manuela. A projeção deverá estar na parede contrária ao balcão onde, no centro, alinhado com a projeção da atriz, está um molde de gesso da cara da mesma.

A cena dever-se-á iniciar com o fechar das portas da bilheteria com o público dentro.

A gravação contém o aviso de sala.

Manuela (voz off): Olá, sejam bem-vindos a...qui.

Desculpem, tenho sempre alguma dificuldade em dizer onde estou.

É porque: depende.

Depende de onde venho...

Confusos? Vou-vos explicar...

Saio do autocarro estou virada para a paragem e o chão da paragem é polido.

Agora, virando para a direita, temos o lancil do passeio e a estrada. Aqui o chão já é um paralelo. Vêm aí dois carros, mas não há que dar importância. Encontrei aqui um pilarete, continuo em frente o chão continu... outro pilarete, mais um carro a passar, outro pilarete, continuo sempre na mesma direção até encontrar outro pilarete que é o quarto.

Entretanto mais um pilarete, um carro quase silencioso, dá-me impressão que é daqueles híbridos. Seis pilaretes, e o chão continua de calçada, mas já se nota um pequeno declive.

Sete pilaretes. Novamente um pilarete, mantendo-se o piso igual, mas estou a descer cada vez mais, mais um pilarete.

Agora estamos a caminhar para o último que é, se não me falha a memória, o décimo pilarete, rebaixamento do chão.

Temos um piso podotátil. Vem lá algum carro? Vem, mas longe, vou passar. Viro para a direita e atravesso a passadeira.

Novamente o piso podotátil, uma subida, e do lado direito um jardim muito grande com muito relvado e três oliveiras e, agora já me distraí, fui para cima do relvado. Agora volto ao caminho e encontro um muro pequeno à minha direita.

Vou até ao fim e sigo pelo chão duro e quadriculado até uma porta à minha frente. Estou na Oficina Municipal do Teatro.

Se vocês se reconheceram em alguma parte do caminho, ainda que que só na final, então estão na Oficina Municipal do Teatro.

Mas há pelo menos mais dois caminhos, um bem perto daqui, na parte nascente do edifício e outro na parte poente. Ambos são uma evidência visual da transgressão sobre os pequenos relvados triangulares que existem nas pontas do edifício, mas dão a lugares diferentes.

O caminho do relvado nascente, este já aqui à entrada da bilheteira e dos escritórios, é um caminho que expulsou toda a relva por onde passou. O chão de tão pisado parece cimento, tem as pontas em forma de funil e no meio afunda, parecendo ter sido escavado. Escavado por passos chateados para o trabalho, passos atrasados e passos económicos que, ou vão comprar bilhetes ou vêm na transgressão de caminhar por cima do relvado a verdadeira poupança de tempo. É um caminho objetivo, lógico e económico. Se por aqui vieram, provavelmente estão no vosso local de trabalho ou no espetáculo que quase iam perdendo.

O caminho do relvado poente, é um caminho que não se vê à primeira vista. Está lá no fundo e dá entrada para a tabacaria e é a entrada mais comum para a sala de espetáculos. Todo o relvado é uniforme, só tem apenas um serpenteado que gentilmente pede à relva para que se encolha e deixe passar. É muito estreitinho e às vezes até desaparece. De facto, é uma transgressão, mas não para poupar tempo. É um consciente e feita apenas pelo ato de transgredir. Ao caminhar por ele sente-se que demoramos muito mais tempo que ir à volta. É um caminho pouco fustigado, é um caminho beijado pelos passos de quem por ele saltita ou por vezes repete para si palavras de poetas. Se vieram por aqui, não estão em nenhuma oficina, auditório, ou espaço cultural multiusos, estão simplesmente no Teatrão.

Mas vá, já me alonguei demasiado e nem sequer disse quem sou.

Neste momento estou nos camarins preparar-me para entrar no espetáculo que será a visita guiada. Esta voz que agora ouvem vai entrar na cena da Tabacaria e vou fazer de uma das mulheres no manifesto da natureza (*riso*). Estou nervosa, sim. Tenho que admitir, mas contente por vos mostrar este espaço. Sou a Manuela. Podem ver a minha cara aqui. Sim, na parede, a minha cara está esculpida na parede, podem ver-me.

Sou alta, magra, de cabelo preto, comprido e liso. Tenho olhos verdes muito escuros e profundos. Tenho a pele muito morena. Tenho os lábios grossos e bem desenhados. No fundo, tenho um ar de femme fatale. Claro, se vieram pelos dois primeiros caminhos são capazes de me ver de forma diferente. Se assim foi, não me vão ver verdadeiramente, não vão estar no mesmo sítio que eu, vão ver uma tosca representação do que sou. Hoje decidi entrar pelo lado poente, pelo caminho da poesia.

Entre a bilheteira e a Tabacaria

Todas as narrações de ligação (cenas cujo título comece por 'entre') serão gravadas e colocadas a reproduzir enquanto se realiza o percurso entre cenas nos diferentes espaços da OMT. Sugere-se que a gravação seja reproduzida através de uma coluna de som portátil servida numa bandeja por um "cicerone" que liderará o caminho.

Manuela (voz off)

Abrem-se as portas.

As portas abrem, mas ninguém da frente de casa segue em frente.

E mesmo os passos mais pragmáticos detêm-se por momentos na hora de entrar.

Enquanto caminha para a entrada

Porquê? Não seria mais económico caminhar diretamente para a próxima cena?

Enquanto atravessa a porta

Mas, e os caminhos! (risos)

Atravessando a porta

Agora todos sentimos que transgredimos ao caminhar pelo chão da Sala Grande ao vê-lo como um relvado novo e sem marcas. Mesmo os passos mais apressados.

Importa dizer que estamos numa sala negra enorme, com uma bancada plantada no meio, com o teto repleto de cabos e projetores pendurados, se os nossos passos cautelosos seguem como se trilhássemos um caminho por um jardim imaculado?

Acham que estou a sonhar?

A Vera amanhã, ao replantar de negro nítido o chão da sala, dirá que até as solas dos mais incrédulos, imprimiram pegadas exploradoras rumo à Tabacaria.

Os sonhos são produções de terra batida trilhados pelo desejo. Entrem. Toda esta metafísica deixou-me com sede.

Cena 2 Tabacaria

Eunice jornalista

João empregado de mesa

Guida, Cati, Carla e Manuela quatro mulheres

Eunice está sentada numa mesa.

Eunice: Uma jornalista (*faz a sua descrição física e do seu figurino*) está sentada á mesa. Datilografa um artigo numa máquina de escrever modelo X do ano Y. Está um dia de sol. Tem um prazo para cumprir, está atrasada.

Escreve o texto na máquina de escrever. Este texto é gravado como se ouvíssemos o seu pensamento. Luz geral.

Eunice (voz off): A Tabacaria é uma estrutura rectangular que se expande mais para nossa esquerda com várias valências. Quando estamos junto à porta da entrada, voltados de costas para a rua, temos à nossa direita a zona de segurança com os extintores, o alarme e o desinfetante. Se em seguida percorrermos as paredes da esquerda e da frente, vemos que elas se encontram cheias de cartazes de espetáculos exibidos nas salas da Oficina Municipal do Teatro. De frente para a porta de entrada, ao fundo, existe um armário baixo com uma aparelhagem de som. Se seguirmos essa parede, encontramos do lado direito o bar. Este é sem dúvida um ponto de encontro obrigatório na Tabacaria. No seu interior está uma máquina de tirar finos, uma máquina de café e utensílios diversos. Se seguirmos em frente, encontramos do lado esquerdo um palco. Se estivermos em frente ao palco, encontraremos do lado esquerdo o corredor de acesso às casas de banho. Este tem uma interessante particularidade. É enfeitado com uma espécie de mangueira de luz. A primeira casa de banho que encontramos é a dos homens. Possui dois cubículos e três urinóis. Seguidamente temos uma casa de banho adaptada a cadeiras de rodas e ao fundo temos a casa de banho das senhoras com quatro cubículos. O corredor que nos levará de novo para a rua. Por último, vemos que a sala é composta por mesas redondas, com estrutura em ferro e tampo em madeira. Estas mesas estão ladeadas de cadeiras que são diferentes umas das outras. O espaço da tabacaria na Oficina Municipal do Teatro é um espaço... é um espaço...

Não consegue concluir a frase. Termina a gravação.

Eunice: É um espaço...

*Eunice mostra-se impaciente. Chama o empregado de mesa.
O empregado, aproxima-se.*

Empregado: O que deseja tomar?

Eunice: Uma dose bem servida de realidade, preciso de terminar este texto.

Empregado: Lamento, vendi a última dose ao sr. Esteves.
Neste momento só tenho para lhe servir metafísica.

Eunice: Não posso tomar nada disso, eu preciso de realidade, o meu editor pediu este texto para ontem.

Empregado: Lamento, só tenho metafísica. Mas porque é que não experimenta? Todos os grandes artistas, autores de renome, até os prémios Nobel, são ávidos consumidores de metafísica. *(em segredo)* Os atores desta companhia de teatro não passam sem a tomar. O resultado está á vista.

Eunice: Bom, se é assim, vejo-me forçada a provar, mal não deve fazer.

*O empregado de mesa afasta-se. Eunice continua impaciente.
Tenta completar a frase que escrevia anteriormente.
A atmosfera começa a transformar-se, a luz muda, ouve-se o arranjo da música "O Superman" de Laurie Anderson com volume baixo.*

Eunice: Então essa metafísica?

Máquina de fumo, aroma a flores. Voz do empregado gravada como se fosse um eco.

Empregado *(gravação, voz off):* Está no ar... paira por toda a parte, inspire-se, expire e relaxe...

*Eunice recosta-se na cadeira inspira e relaxa.
Ouve-se uma música agora com mais volume. Vozes femininas fazem vocalizes a partir da música. As quatro mulheres surgem no palco com microfones e voz modificada.*

Mulher 1: Somos as mensageiras da natureza.

Mulher 2: Mulheres em carne e flor.

Mulher 3: Anunciamos o germinar de uma nova era.

Mulher 4: Um novo mundo em flores! Nada além de flores!

Mulher 1: Havia buracos e obras. Agora há tapetes de relva e flores perfumadas.

Mulher 2: Havia semáforos insonorizados. Agora há cerejeira floridas, com ninhos de pássaros cantores.

Mulher 3: Os andaimes das novas construções darão lugar a buganvílias trepadeiras.

Mulher 4: Onde havia prédios com varandas baixas, existe agora um campo de margaridas.

Mulher 1: Os carros estacionados no passeio, transformar-se-ão em nuvens a flutuar até aos céus.

Mulher 2: Na rua onde estava o cocó do seu cão, está agora um lago com nenúfares.

Mulher 3: O mobiliário urbano mal localizado, foi substituído por canteiros com morangos e taças de chantilly (ou fontes de chocolate).

Mulher 4: As trotinetes deixadas em qualquer lado, são agora garças reais a sobrevoar a planície.

Mulher 1: A explosão de esplanadas, deu lugar a uma explosão de pétalas.

Mulher 2: O fim da ditadura da má sinalização.

Mulher 3: Um mundo em primavera, um vale de flores!

Mulher 1: Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente. O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo.

Mulher 2: E o resto que venha se vier

Mulher 3: ou tiver que vir

Mulher 4: ou não venha.

Regressa a música, cantam.

Mulher 4: Reiniciar o planeta...

Mulher 3: em Três.

Mulher 2: Dois.

Mulher 1: Um.

Regressa a música. O empregado entra. A música sai e as mulheres desaparecem. Empregado tenta acordar Eunice, esta acorda após algumas tentativas.

Eunice (*regressando a si assustada*): Onde estou?

Empregado: Está na Tabacaria da Oficina Municipal do Teatro.

A senhora desculpe, mas eu preciso fechar.

Eunice: Ah, sim, vou só escrever a última frase. (*Eunice escreve*). No Vale das Flores, existe um lugar onde ainda nos é permitido sonhar.

A luz baixa.

Empregado (*para o público*): Os senhores desculpem, mas eu preciso mesmo de fechar.

Ouve-se música a vir da Sala Verde.

Empregado (*continua a falar para o público*): Conseguem ouvir?

A saída é por ali, sigam a música.

Entre a Tabacaria e a Sala Verde

Manuela (*voz off*): Venham por aqui.

Trilhemos outro caminho, ou como diriam os arquitetos paisagistas, uma nova linha de desejo.

Porquê desejo?

Estas linhas não se criam propositadamente. Surgem subitamente e quando nos apercebemos já estamos a caminhar sobre elas.

Hmmm... Que mais na nossa vida acontece desta forma?

Nunca ninguém sabe responder quando ou quem deu o primeiro passo na criação de um caminho. E essa é a beleza dos caminhos.

Mas eu cá sei um segredo: o primeiro passo é sempre o desejo que dá por nós.

Cena 3 – Sala Verde

Milú

Armando

Músicas:

Conjunto de Guitarras de Jorge Fontes – *Vou dar de beber à dor*

Toni de Matos – *Cartas de amor*

As portas da sala verde abrem

Milú (*para o público*): Olá meus queridos, vocês são todos tão lindos...e lindas, mas desculpem-me é dos lindos que eu gosto mais. Eu sou a Maria de Lurdes para os papéis e a Milú para todos.

Faz a descrição do seu aspeto físico e do seu figurino.

Milú: Esta é a Sala Verde, tem sofás, um piano, dois louceiros, uma mesa, um candeeiro, cadeiras, duas portas uma que dá para um camarim com dois lavatórios, uma casa de banho e um duche e outra que dá para o bar.

Esta sala é verde, mas disseram-me que é cinzenta, eu gostava que fosse azul como o céu, branca como a paz e os vestidos das noivas, vermelha como a paixão, amarela como o sol.

Mas é verde, a cor da esperança, não percebo porque é que dizem isso, porque é que a esperança tem que ter cor. Isto é como uma sala de espera, só que aqui espera-se para entrar em cena, aqui os atores esperam a sua vez... Talvez seja por isso que o verde é esperança, esperança que a espera termine e que seja finalmente a nossa vez.

A luz muda transmitindo a atmosfera da sala de uma casa, com entrada de luz pela janela do louceiro. Ouve-se sons que remetem para um espaço interior que confina com a rua. Ao mesmo tempo toca a música “Vou dar de beber à dor” no rádio que está junto ao sofá. Milú dirige-se ao sofá, senta-se, procura o lugar ideal, encontra-o. A música e os sons continuam de fundo em volume mais baixo.

Milú: É aqui. É neste sitio do sofá, neste lugar que já faz cova, que esperamos todos.

O sol entra por aquela janela, digo adeus à minha vizinha, vejo o que se passa, vejo passar. Este é o lugar ideal para esperar que aconteça... eu espero... o amor! (*Suspira*)

A música volta a tocar no rádio. Entra a voz do locutor de um programa de discos pedidos. Ouve-se a voz do locutor.

Locutor: Vamos a mais uma participação no nosso programa de discos pedidos.

Boa tarde, tenho o prazer de estar a falar com?

Armando: Boa tarde, eu sou o Armando (*Armando faz a sua descrição física*). Quero dedicar esta música à Milú, a menina da janela e oferecer-lhe o meu coração.

A música “Cartas de amor” toca, Milú festeja apaixonada. Sai a música, ouve-se bater à porta do camarim.

Milú: Quem é?

Armando abre a porta.

Armando: Sou o Armando.

Milú: Tu aqui?

Armando: Sim. Vim dar-te o coração que prometi.

Milú: E como sabes que o quero?

Armando: Não queres?

Milú: Ainda não decidi. Sentas-te aqui ao meu lado?

Armando senta-se

Armando: Já me sentei.

Armando: Posso tocar na tua mão?

Milú: Podes. Mas só isso, que sou donzela.

As mãos tocam-se. Suspiram.

Milú: Posso sentir a tua cara?

Armando: Podes (*levantam-se do sofá*) mas não te assustes! Posso sentir a tua?

Milú (*envergonhada*): Acho que sim...

Entra novamente a música “Cartas de amor”, os dois dançam abraçados. Dão uma volta completa e param. Desce o volume da música.

Milú: Levas-me a passear?

Armando: Levo. Casas comigo?

Milú: Calma, primeiro vamos passear.

Armando: E um beijo, posso-te dar?

Milú: Sim.

O volume da música sobe. Armando beija Milú, dirigem-se à porta do camarim de mãos dadas. Milú volta-se para o público, o volume da música baixa novamente.

Milú: O lugar está vazio, se quiser sente-se aqui. Espere, não perca a esperança, nunca se sabe o que está do outro lado da porta.

Saem para a zona dos camarins. Música.

Entre a Sala Verde e a Oficina

Manuela (*voz off*):

Agora que descobrimos o mais prazeroso dos caminhos porque não percorrê-lo de novo, e de novo, e... de novo. Até que os nossos passos já não vejam mais por onde pisam. Até que o chão se torne quase cimento, até que o caminho afunde e afunile no meio, impedindo os nossos pés, agora chateados e cansados, de mudarem de direção. Até que, de um dia para o outro, o caminho seja ladrilhado por pedra calcária e nunca mais nos atrevamos a ter o prazer de transgredir por um jardim inexplorado.

Pudéssemos ao menos ter sempre a leveza passar por um caminho sem nunca o pisar demasiado. Pudéssemos vê-lo sempre como uma leve e sorridente transgressão.

Como esta sala. Pudéssemos cultivar a arte de ver a sua enormidade sempre como a primeira vez.

Pudéssemos voar.

Mário André passa de carrinho, quase atropelando o Cicerone.

Cena 4 – Carpintaria - A Passarola

Mário André
Carlos

Com o público na Sala Verde, após o fim da cena de Milú e Armando, as luzes baixam, nota-se o vermelho da luz por cima das portas traseiras, há um som crescente similar ao de um avião a descolar que culmina com um “plim” sonoro que muda a luz da sala para verde. Mário André após um breve silêncio surge por trás do público (na Sala Grande) dentro de um carrinho de compras cheio de ferramentas e diz:

Mário: Então pessoal, como é que é?
Estão à espera de quê? Bora partir com tudo!

Mário encaminha o público para dentro da oficina enquanto a cena decorre.

Carlos (de dentro da oficina): Vais partir com o quê, Mário André?

Mário: Vocês vão se passar!

Carlos: Oh Mário André não comeces com isso. Diz lá o que vamos fazer.

Mário: Imaginem que a gente criou uma cena que faz o pessoal voar.
Ya já sei o que o pessoal má onda está a pensar...
Ya, Mário André, bué sensacional a cena que estás a fazer com aquele cota. Um bilhete de 6 euros da Ryanair nem faz a mesma cena. Mário André grande invenção. O que é que vais inventar a seguir? Caminhar para a frente?

Vai acelerando no discurso

Mário: porque é que não voas daqui para fora para ver se apanhas a tua cabeça que está lá nas nuvens. Mário André, só queres saber de cenas bué estranhas. Mário André podias não ter assustado as minhas amigas com as tuas conversas estranhas. Mário André as minhas amigas dizem que tu és estranho. Mário André eu começo a achar que elas têm razão. Mário André porque é que não me respondes às mensagens? Mário André a culpa não é tua é minha... Sabem o que é que eu digo? “Solange gosto bué de ti, e compreendo que queiras acabar...”.

Carlos: Mário André olha as pessoas!

Mário: Desculpa, tens razão... Sabem o que eu digo a esse pessoal? Que eles não compreendem nada. O meu cota não cria só uma cena que voa, ele cria a invenção humana de voar. Ele cria a realidade em que um instrumento que anda pelo ar é visto pela primeira vez. Como se pudéssemos ver o nosso filme preferido vezes sem conta sem nos cansarmos, como se a cidade que habitamos voltasse a ser um labirinto incompreensível, como se os lábios da Solange tocassem os meus sempre como na primeira vez.

Carlos: Outra vez a Solange. Mário André, depois arranjas outra.

Mário: Mas é isso que não quero cotinha, eu quero é...

Carlos: Como? Cotinha? Agora chamo-me Cotinha?

Mário: Não percebes? Eu não quero outra miúda. Quero é a Solange. Não a de agora que já não ligava ao que dizia. A de antes. Quero a que ela era antes, mas sem voltar atrás no tempo. Como tu queres fazer com a Passareta.

Carlos: Como!?

Mário: Sim. Ainda há pouco estavas a falar. Aquela invenção que aparece no Memorial do Convento. A passareta do Padre Gusmão.

Carlos: Passarola, Mário André! Passarola!

Mário: Isso, Passarola.

Carlos (*ri-se*): Mário André, só tu para me fazeres rir.

Mário: Ya, eu sei. Tu queres mostrar que a passarola voa, mas sem voltar atrás no tempo. Não é a mesma coisa que com a Solange?

Carlos: Em certa parte... Os aviões deixaram há muito de voar. As pessoas adormecem nas viagens e não se espantam de estarem nos céus. Os aviões transportam coisas e pessoas pelo ar. Mas não voam. A Passarola pelo contrário voa, sempre voou.

Mário: Mesmo com esta estrutura toda estrambólica?

Carlos: Especialmente com esta estrutura. É precisamente por estar cheia de coisas sem utilidade que ela voa. É a inutilidade que a faz voar. A Passarola vai cheia, mas cheia de sonhos. Conheces alguma coisa mais aerodinâmica que um sonho?

Mário: Wow... *(Olhando para a bicicleta que está a meio da sala)*
Cotinha, acho que é agora a altura...

Carlos: Estás mais que pronto! Roda a válvula da ressignificação.
Desliga o interruptor do materialismo-histórico.

Mário: Tens a certeza?

Carlos: Sim.

Mário: Mas assim ficamos a trabalhar com o esquema rizomático.
Tens a certeza?

Carlos: Sim. E agora liga a bomba de circulação da metafísica.

Mário: Pessoal, aqui vamos nós. Lembrem-se: “O essencial
é invisível aos olhos”

*Mário tateia entre ferramentas à procura do interruptor.
Algumas ferramentas caem e, por fim, quando encontra
o interruptor, um cano cai.*

Carlos: Mário André, tu fechaste os olhos?

Mário: Cotinha, o essenc...

Carlos: Mário André! Dá-me esse tubo! Vamos concertar isso.

Carlos: Mário André, como é que estão as coisas?

Mário: Ainda me perguntas... quer dizer, acabei com a Solange,
dei uma seca ao pessoal e ainda por cima agora bati contra...

Carlos: Não são essas coisas.

Mário: Ah. Então tens. *(Mário André começa a descrição
da carpintaria)*

Carlos: Mostra-me o tubo da conduta de metafísica.

Mário: Aqui está. *(entrega-lhe o tubo)*

Carlos: Isto está cheio de Exupéry. Olha lá a frase que tu disseste
por acaso não é do “Príncipezinho”, pois não?

Mário: Acho que não cotinha.

Carlos: Onde a foste buscar?

Mário: Inventei... quer dizer... fui buscar ao insta da Solange.

Carlos: Pois, logo vi. O problema não está em por Exupéry a circular na canalização. O Problema é que Exupéry na presença de cabotagem torna a metafísica altamente rarefeita.

Mário: Eish, cotinha acho que não percebi.

Carlos: Estou a dizer que se queres voar para engatar miúdas não vais a lado nenhum. Mas eu já te explico melhor. Mário André, o que é isto? É uma fissura, não é?

Dá tubo para Mário André comprovar

Mário: Ya, acho que está rachado.

Carlos: Passa-me o Rilke.

Mário: Este?

Carlos: Mário André, estás a brincar comigo?

Mário: É assim redondo com um buraco no meio.

Carlos: Esse é o Hemingway!

Mário: Este?

Carlos: Eu não vejo daqui seu ignorante!

Mário: Vês isto?

*Mário faz-lhe um manguito.
Carlos retribui-lhe o manguito.*

Mário: Como é que?

Carlos: Eu conheço-te. Anda lá, traz o mais rugoso.

Mário traz a fita-cola certa

Carlos: Olha aqui. “Não escrevas poemas de amor”. “Procura, como o primeiro homem, dizer o que vê e vivencia e ama e perde”. Só assim consegues fazer poesia pá. Só assim consegues voar. Ainda vais a tempo. Esta ferramenta é para um jovem poeta. Cola lá isso.

Entrega tubo a Mário. Mário deixa cair o tubo e parte-o.

Mário: Ai ai ai! *(coça a cabeça)* Parti o tubo.

Carlos: Outro tubo só vem daqui a uns dias. Tu e os teus amigos têm que esperar.

Mário: Espera. Talvez não seja preciso canalização.

Carlos: O quê?

Mário: Cotinha a passar... Passarola está a funcionar num esquema rizomático. Por isso ela alimenta-se sozinha como um corpo independente. Talvez só precisemos de alguém que nos ajude com uma análise biocêntrica.

Carlos: Queres alguém que ponha a passarola a funcionar biologicamente sem mecânica?

Mário: Ya cotinha. O Doutor Paulo do consultório aqui em cima pode-nos ajudar.

Carlos: O Doutor da cabeça? Aquele que anda de bicicleta?

Mário: Ya. Eu vou chamá-lo.

Carlos: Mas não é preciso agora...

Mário caminha abre a porta lateral da oficina e grita alto:

Mário: Doutor Paulo, venha aqui ver a Passareta.

Ouvem-se murmúrios lá de cima

O quê? Eu sei que não é ginecologista.

Mais murmúrios

Não Doutor Paulo, é a máquina de voar que eu e o meu pai inventámos.

Continuam os murmúrios

Eu sei que está muito ocupado com o trabalho, mas ouça só isto.

Mário André sai da oficina pela porta lateral e Carlos vai atrás.

Carlos (De saída): Espera aí Mário André, não incomodes assim as pessoas.

Entre a Oficina e a Sala Grande

Manuela (*voz off*): Mário André tu escreveste a mais bela carta de amor à arte de voar. Queres fazer um avião descolar por um caminho que trilhas com os teus passos. Por vinte anos ziguezaguearás tanto pelo relvado desconhecido que o transformarás numa pista de terra batida, pronta para receber um Jumbo Jet. Segredo: O último passo, nunca damos sozinhos.

Sala Grande

João – Mário André
Paulo

Ouve-se o início da música “AFG” de Sensible Soccers que voltará mais à frente na cena. Ao mesmo tempo que a música aparece, as portas principais da carpintaria devem abrir deixando ver uma luz picada para uma mesa e cadeira onde João (que agora fará de Mário André mais velho) estará. Ouve-se o bater na porta aberta que vem da bilheteira do Paulo.

Paulo: Mário André?

Mário caminha até ele sem falar.

Paulo: Muito tempo?

Mário: Em anos?

Paulo: A tua voz...

Mário: Envelheceu.

Paulo: Desculpa.

Mário: Onde estiveste?

Paulo: O teu...

Mário: Cotinha?

Paulo: Sim.

Mário: Voou.

Paulo: Lamento.

Mário: Onde estiveste?

Paulo: Desculpa, todo este tempo eu estive a trabalhar.

Mário: Eu sei.

Paulo: Não é que não fosse a casa, não tomasse banho, não comesse, não passeasse com os meus filhos no parque, não tivesse fins de semanas, não fizesse férias, mas todo este tempo ...

Mário: Estiveste a trabalhar.

Paulo: Sim, a trabalhar.

Mário: No centro de controle terrestre.

Paulo: Como?

Mário: Passas o teu tempo a ajustar voos, a impedir que eles voem demasiado alto. Justificas-te com a húbris. Com o voo de Ícaro. O cotinha é que dizia. Ele chamava-te doutor da cabeça. Não és doutor da cabeça?

Paulo: Fui. Até ontem.
Não me lembrava da oficina do teu pai assim.

Mário: As ferramentas guardei-as todas na carpintaria.

Paulo: Os motores, válvulas, canos.

Mário: Desapareceram e foram trocados por mecanismos biológicos.

Paulo: Pessoas?

Mário: Não são só as pessoas... Não sei explicar... palavras que rompem no ar... gritos eufóricos que estacam no... Poesia... metafísica. Metafísica.

Paulo: Transformaste isto de novo num...

Mário: Teatro, podes dizê-lo.

Paulo: Mas como? Todo este tempo...

Mário: Durante anos tive que servir realidade na Tabacaria.
Agora dedico-me à arte de voar.

Paulo: A Passarola.

Mário: Continua aqui, voa todos os dias. Mas a metafísica que paira no ar é ainda rarefeita, voa até um certo ponto. O ar está poluído pela economia, produtividade, apoios estruturados, bianuais, pontuais, sociais, culturais e interventivos. Metas, deadlines, esquemas, estéticas, diretrizes, política. Há um ar industrial tão fino que penetra em todos os lugares.

Paulo: Mas há um pulsar cardíaco nesta sala.

Mário: Um corpo?

Paulo: Um feto. Uma pessoa ainda para o ser.

Mário: Achas que conseguimos dar-lhe a forma de um corpo?

Paulo: Vamos fazer o diagnóstico.

Mário: Aqui está. Lembro-me que das poucas vezes que voaste foi com isto, não foi?

Entrega-lhe uma bicicleta

Paulo começa a andar de bicicleta de volta da Sala Grande. As luzes descem progressivamente e o pulsar musical bate cada vez mais forte. Isto tudo à medida que Paulo vai falando e acelera na bicicleta. A música "AFG" retoma.

Paulo: Tronco, estamos agora no tronco. Sinto o calor do coração do meu lado esquerdo e o palpitar cada vez mais acelerado. Sou uma partícula de oxigénio a prestes a entrar nos brônquios. Atravesso-os. Sou metade do que era. Passo por um corredor com alguns coágulos sanguíneos de antigos móveis usados como antigos cenários. Estou agora na carótida esquerda a subir pelo pescoço, procuro a parte mais criativa do cérebro e passo bem por perto do bolo alimentar que são os bilhetes e o dinheiro disposto na boca da bilheteira. Há calotes, quer dizer cáries no balcão da bilheteira (tenham cuidado). Vejo agora uma longa cortina no fundo do balcão, vejo a barreira hematoencefálica que proíbe os calotes de subirem até ao escritório. Subo as escadas e passo ao lado do cerebelo, regido por uma secretária que coordena e aperfeiçoa os movimentos do organismo, tem folhas de Excel impressas e planos de ensaios, daqui saem as orientações para o bom funcionamento do todo. Agora estou solto neste grande cérebro que é o escritório, estou banhado de licor, folhas de papel com nomes de personagens, horários, planeamentos, sinopses, sinapses. Sim, sinapses nas mãos

que pressionam as teclas do computador. Os dedos que são como o prolongamento dos neurónios – os axónios – que comunicam com as dendrites que são as teclas do computador. Vejo os axónios à minha frente buscando incessantemente as suas dendrites, vejo uma pessoa, mas ela não me vê. Está compenetrada a formar sinapses, no seu cérebro, do cérebro do computador, que está no cérebro do escritório que é o cérebro deste organismo.

Volto para o centro, o tronco, ou seja, esta sala enorme. Por baixo das costelas deste corpo, por entre as costelas vêm-se nervos a comunicar por projetores de luz para as vísceras, que sou eu, que és tu, que somos nós. Quer dizer eu agora sou um coração emprestado, posso-vos falar em jâmbico de Shakespeare, para melhor perceberem: “To be or not to be, that is the question.”

Atravesso a saída e alegremente voo para os órgãos reprodutores e de prazer. Ouço melodias inebriadas pela testosterona e ocitocina... quer dizer há todo um menu ao balcão de bebidas disponíveis.

Há quem tome demasiada testosterona e fique completamente bêbado, vejo um casal a beijar-se ao som do estímulo de memórias antigas, a música da primeira vez.

Percorrem a sala da Tabacaria até ao fundo e num percurso de beijos e paragens descrevem um “S” que entra pelo corredor do intestino delgado da casa de banho, de repente são absorvidos pela porta da casa de banho das senhoras e correm até ao compartimento da sanita. Torno-me ainda mais pequeno, pequeníssimo e caio no correr do autoclismo que foi ativado por uma mão descontrolada à procura da breguilha das calças.

Entro no intestino grosso que é o esgoto que corre por baixo dos nossos pés e saio numa sarjeta em frente ao passeio deste corpo. Voo pelo ar e agora sim vejo. Vejo o ser que é a Oficina Municipal do Teatro. A cabeça – o escritório, encolhido e voltado para o tronco, a Sala Grande, e as pernas pequenas, agachadas na Tabacaria que formam este grande C que é um feto, que é um bebé, que é algo que ainda está para ser.

Vejo um cordão umbilical, melhor, vejo as duas artérias e uma veia que o compõem.

Os caminhos, exato! Os caminhos são as artérias! Daqui de cima vê-se bem. O caminho para cérebro, fustigado pelos passos de quem vem trabalhar. O caminho para os genitais, o caminho de quem caminha a saltitar levemente.

Estranho. A única veia, a única saída, é a paragem do autocarro. Como se saíssemos sempre guiados por um motorista.

Voo mais alto e vejo que o feto está banhado por um líquido amniótico de carros estacionados no útero-quarteirão.

Daqui o cordão umbilical parece maior. Como se alimentasse da grande mãe que é toda a cidade.

Subo mais. Está de noite e vejo o circuito sanguíneo da cidade-mãe. Os carros, motas, e autocarros são glóbulos brancos a ser bombeados do centro para fora. Do coração para a sua casa.

A cidade está deitada à beira-mar e molha os pés no Mondego. Vejo bem a sua barriga e o umbigo saliente em forma de torre sineira.

Voo até ao umbigo-torre e pouso. Espero pelas contrações, por um pontapé de um dos fetos.

Aí está o pé: corre para trás preparando-se para o ataque e ouço o som de multidões lá no fundo. Em 69. Está a chegar, ouço palavras de ordem cada vez mais alto. Passaram-se cinco anos e toda a cidade mãe contraiu e sou projetado a uma velocidade estonteante. Olho para baixo. E já consigo ver todo o corpo da cidade. É um livro pousado em cima da mesa, como quem deixa de ler por um curto instante. A cidade está grávida, grávida de letras.

Voo mais alto e vejo que estou num país cérebro banhado pelo licor da poesia. As autoestradas-axónio ligam as cidades-neurónio entre si.

Subo mais alto e vejo agora e vejo a cabeça da rainha, a cabeça é toda a Península Ibérica. Aliás toda a Europa é um corpo humano, é a representação de Regina, a rainha Europa.

Na cabeça, Espanha e Portugal, os braços italianos e ingleses, o tronco francês e as pernas tapadas por um vestido germânico que vai até aos pés gregos e estónios.

Voo mais alto e sou expelido do que vejo agora ser um óvulo azul, por mim passam cometas-espermatozoides que um dia fecundaram a terra-óvulo de vida.

Voo ainda mais alto!

Música para abruptamente.

Já não ouço nada, o silêncio é...

Ouço apenas o bater do meu coração...

Som de coração a bater.

Como se tudo pedisse para olhar o que agora vejo – a grande constelação de neurónios que é a Via Láctea. E os planetas orbitam as estrelas em viagens sinápticas.

Sinapse – O planeta gira por sinapses. O meu coração bate dentro de uma sinapse. Dentro do conglomerado de galáxias-cérebro.

Talvez o universo seja um grande corpo humano.

Talvez eu seja a sinapse de uma memória feliz que faz um coração bater mais forte.

Penetro novamente na grande constelação de neurónios.

Música volta, mantendo o som do bater de coração

Os sons parecem voltar.
Vejo óvulo-terra cada vez maior.
Penetro nele.
Vejo novamente Regina-Europa.
Viajo até ao rosto ibérico.
Entro no cérebro luso.
Vejo os neurónios-cidade e as estradas-axónios.
Vejo a mãe-livro, vejo a cidade da torre.
Vejo as estradas repletas de carros a viajarem para casa.
Vejo um quarteirão com um grande estacionamento e um jardim ao fundo.
Vejo só um caminho, o que dá para o escritório do edifício preto que agora vejo.
Entro no edifício por cima, vejo uma nuca grisalha.
Desço pelas orelhas, passo pelo pescoço, curvo nos ombros e desço pelo braço direito.
Passo peço dedo indicador e atravesso até um tubo metálico, salto uma dobra, outra, outra e chego a uma ponta de plástico.

Luzes vão acendendo progressivamente

Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...
Para a esquerda duas vezes.
Para a direita, duas vezes.
Salto...

Paulo aparece nitidamente na luz. Vê-se o tatear dele com a bengala ritmado com o bater de um coração. Paulo caminha para fora da sala.

Entre Sala Grande e o Fim do Espetáculo

Esta cena possui duas versões. Uma para ser apresentada durante a temporada e uma final, para ser apresentada no último dia.

Versão 1

Manuela *(voz off)*

Amanhã serei novamente o génio engarrafado nas ondas hertzianas que comprimem a minha voz. Agora vou sem caminho. Escolho pairar por toda a parte!

Versão 2

Manuela *(voz off)*

Amanhã já não serei o génio engarrafado nas ondas hertzianas que comprimem a minha voz. Mas agora, e enquanto a Vera não vier, continuarei a voar e percorrer todos os poros deste edifício.



O Que é Invisível, Carlos Gomes



O Que é Invisível, Carlos Gomes

1



3



2



4



O Senhor Biedermann e os Incendiários,
 (1 & 2, Carlos Gomes; 3, Paulo Abrantes; 4, Teresa Valente)





1

2



CONDOMÍNIO (ponto) PT,
(1, Teresa Valente; 2, Carlos Gomes)



CONDOMÍNIO (ponto) PT



1

2



CONDOMÍNIO (ponto) PT,
(1, Teresa Valente; 2, Carlos Gomes)



CONDOMÍNIO (ponto) PT

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Dramaturgia Sandra Pinheiro

Direção Mariana Nunes e Mónica Tavares

Coordenação do projeto Isabel Craveiro, João Santos

Coordenação científica Cláudia Carvalho, Fernando Fontes,
Susete Margarido

Interpretação António Pereira, Armando Sousa, Carla Rodrigues,
Carlos Pimentel, Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos, Eunice Santos,
Graça Alves, Graça Cruz, Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso, Marta Carriço,
Sandra Cavaleiro

Desenho de luz Jonathan de Azevedo

Banda sonora Nuno Pompeu

Figurinos e cenografia Filipa Malva

Grafismo And Paul Studio

Fotografia Carlos Gomes, Mário Canelas, Paulo Abrantes
e Teresa Valente

Comunicação Luís Marujo, Margarida Sousa

Produção Cátia Oliveira, Eva Tiago, Isabel Craveiro

Parceiros Partis & Art for Change, Fundação Calouste Gulbenkian,
Fundação “la Caixa”, ACAPO

Cena 1 - A reunião de condomínio

Assembleia geral de condóminos. Os vários condóminos vão chegando e falando uns com os outros, num compasso de espera inicial.

Podem estar todos os atores. Cada um representa uma fração.

Depois da reunião de condomínio, que será num espaço comum, vamos seguir estas personagens e outras que não estão presentes, nas suas casas, com problemáticas diferentes. No final, regressam à reunião de condomínio para o fecho. Os primeiros a chegar são os administradores do condomínio.

Jeremias: Bem, vamos ver quantas pessoas vêm hoje. Só tenho uma procuração.

Policarpo: Isto tem de levar uma volta.

Jeremias: Já há muito tempo. É preciso tomar decisões...

Policarpo: Pois, é preciso tomar decisões.

Jeremias: É isso mesmo... Mas às vezes não querem.

Policarpo: Não querem, ou não podem! É que às vezes

Jeremias: Não temos a vida toda.

Policarpo: Alguém tem de tomar a iniciativa!

Noutra zona da sala de condóminos, os vizinhos conversam.

Dona Esperança: Dona Ludovina, senhor Ludovico, já não os via há muito tempo. Está tudo bem?

Ludovina: Oh Dona Esperança, é o trabalho!

Ludovico: É o trabalho.

Ludovina: Sabe como é, os dias passam e é casa trabalho, trabalho casa...

Ludovico: É ir levar os miúdos às atividades...

Ludovina: O tempo passa a correr.

Dona Esperança: Ai, a quem o diz, Dona Ludovina.

Ludovina: Dona Esperança, a senhora não está já reformada?

Ludovico: Pois... já está reformada!

Dona Esperança: Estou, mas a vida não pára.

Ludovina: Nem me diga!

Ludovico: Nem me diga!

Ludovina: Eu olho para os miúdos. Mal nasceram e já está quase a sair de casa.

Dona Esperança: Olhe, por falar em miúdos. Vi o seu mais velho. Aquilo deve ser cá de uma raça!

Ludovina: Dona Esperança, como é que está a questão das infiltrações?

Ludovico: Pois... as infiltrações...

Ludovina: Já resolveram?

Dona Esperança: Acha? Ninguém resolve. Mas hoje vai ter de ficar resolvido. Hoje ninguém em cala.

Chega o Senhor Garibaldo com a neta Gisela. Cumprimenta os vizinhos e senta-se ao telemóvel.

Gisela: Boa noite.
Como está?
Oh Avô, onde quer sentar-se?

Garibaldo: Na esquerda alta.

Dona Brites (*Para Bernardete*): Olhe. Este é o Sr. Garibaldo. É do 4º esquerdo. Um antipático. É estrangeiro.

Bernardete: 4º esquerdo? São de lá aqueles barulhos?

Gisela: Barulhos no 4º esquerdo? Ouvem alguma coisa?

Dona Brites: Não. Não ouvimos nada, filha. Como está o avô?

Gisela: Está tudo bem, obrigada.

Dona Brites: (*para Bernardete*): É mesmo do 4º esquerdo que vêm os barulhos. Só mora lá ele e a “neta”, onde já se viu!

Bernardete: É sempre à hora da minha meditação. É ele, são os estudantes... é o miúdo endiabrado da Ludovina e do Ludovico...

Dona Brites: Já percebi. Então é por isso que a senhora anda no estado em que anda.

Bernardete: Eu?

Entram, a custo, as manas do 5º Frente, duas idosas com algumas dificuldades de locomoção.

Mana 1: Estás a ver que ainda não começou. Eu bem te disse.

Mana 2: Mas já devia ter começado.

Mana 1: Olha Mana... Da próxima vez vens sozinha. Estou cansada deste prédio.

O Senhor Garibaldo acena, mas não fala.

Entra Salomé e dirige-se para junto do Sr. Policarpo e do Sr. Jeremias.

Salomé: Então, começamos?

Policarpo: Vamos a isso.

Salomé: *(para o grupo):* Boa noite. Boa noite a todos, novamente. Vamos começar?

Todos se sentam rapidamente. Salomé, o Senhor Policarpo e o Senhor Jeremias ficam destacados atrás de uma mesa.

Policarpo: Ora vou dar início à Assembleia Geral Ordinária de condóminos do nr. 10 da Avenida de Portugal, que se realiza no dia ____ *(data do dia do espetáculo)*.

Jeremias: Já passamos a lista de presenças. Temos quórum.

Salomé: Eu tenho a procuração da Senhora Infante, que representa as frações do 8º e do 7º Esquerdo e direito e ainda do 1º frente, 2º esquerdo e 3º esquerdo.

Dona Brites: Essa qualquer dia é dona do prédio.

Manas 1 e 2: Já faltou mais.

Jeremias: Muito bem. Vamos ver a agenda para hoje.

Salomé: Temos a questão da pintura e da impermeabilização do prédio. Temos a questão dos canteiros da entrada. Temos a questão dos contadores partilhados com os prédios do lado, que estão a ser debitados na nossa conta, e não conseguimos resolver. E temos a questão a eleição da nova direção. Há mais questões que queiram discutir?

Dona Esperança: A minha infiltração.

Umbelina: Eu queria falar da esplanada.

Bernardete: Eu queria falar dos barulhos do prédio e sobre a esplanada do café.

Jeremias: Quais barulhos?

Bernardete: Os saltos, as festas dos estudantes, as discussões...

Dona Esperança: As crianças, os outros barulhos de certas casas... Isto é um prédio de família!

Salomé: Obrigada. Já está na agenda.

Garibaldi: ...

Gisela: Oh, avô!

Garibaldi: ...

Salomé: Senhor Garibaldi quer acrescentar alguma coisa?

Gisela: Não, não, obrigada.

Policarpo: Como sabem, nós os três estamos há mais de quatro anos, a assegurar o mínimo, mas não pode continuar assim.

Jeremias: Nós os três tomámos uma decisão.

Policarpo: Sim. Tomámos uma decisão.

Jeremias: É irrevogável.

Policarpo: Irrevogável. Irrevogável.

Salomé: Como já perceberam. Vamos deixar a direção do condomínio.

Jeremias: É isso mesmo.

Policarpo: É verdade. E não voltamos atrás.

Salomé: E por isso, já sabem qual é a nossa decisão, e temos de eleger uma nova administração.

Dona Esperança: Pois claro. Alguém devia voluntariar-se. Não podem ser sempre os mesmos. Eu concordo plenamente.

Jeremias: É isso mesmo, Dona Esperança.

Dona Esperança: Eu até o faria de bom grado, mas não posso.

Mana 1: Pois. Os mais novos. Tem de ser alguém mais novo, não é?

Ofélia: Sim, claro. Alguém mais novo.

Jeremias: Qualquer pessoa pode.

Salomé: Já estamos neste impasse há mais de 4 anos. Na realidade, nós não somos os administradores. Estamos a assegurar interinamente, para fazer a manutenção mínima do prédio.

Garibaldo (*em estrangeiro. Ninguém percebe*): E tem sido mesmo muito mínima. Está uma vergonha. Uma vergonha.

Bernardete: O que é que ele disse?

Gisela: Diz que este prédio está vergonhoso. Está cada vez pior.

Dona Brites: Olha, o Sr. Garibaldo falou! Tem cá uma autoridade para falar!

Gisela: Desculpe, não percebi.

Dona Brites: Eu estava a dizer que o senhor Garibaldo tem muita autoridade para falar.

Dona Esperança: Dona Brites, a senhora é que podia ser administradora.

Ofélia: Que excelente ideia.

Dona Brites: Eu? Porquê eu?

Dona Esperança: Então... a senhora parece-me uma pessoa cheia de iniciativa. Até arranjou o canteiro há uns anos.

Dona Brites: E diga-se que arranjei com muito gosto, mas depois, ninguém cuidou dele.

Dona Esperança: Isso era porque não queríamos meter-nos no seu trabalho.

Ofélia: E bem. E bem.

Dona Brites: Sim, sim. Era pois.

Salomé: Bem, desculpem interromper. Tem sido isto todos os anos, depois as pessoas começam a debandar. Discute-se muito, mas depois não se decide.

Ofélia: Tem toda a razão.

Policarpo: Isto tem de ficar definido hoje. Eu sei que sou uma pessoa sozinha, não tenho família, mas tenho uma vida.

Salomé: Eu sou da opinião que devíamos contratar uma empresa de gestão de condomínios.

Ofélia: Bem pensado. Se calhar é o...

Senhor Policarpo, Senhor Jeremias, Dona Brites, Dona Esperança, e Mana 1 insurgem-se contra a ideia das mais diversas formas. Não se percebe bem quais os seus argumentos, porque falam em simultâneo.

Salomé: Meus senhores, é apenas uma sugestão. O prédio precisa de manutenção urgente, e se não fizermos nada, o investimento vai ter de ser maior.

Bernardete: Os ralos do pátio estão sempre entupidos. São os clientes do café, que atiram as beatas para o chão.

Ofélia: É uma chatice. Mesmo na nossa entrada.

Dona Esperança: Sabe o que é que faz isso? Desde que a Umbelina pôs a esplanada, ficou pior. Eu voto em retirar a esplanada. Quem mais vota?

Ofélia levanta a mão.

Jeremias: Antes temos de decidir quem é que vai assumir a administração.

Ludovico: Levanta a mão.

Ludovina: Levanto a mão?

Ludovico: Eu não me importo de ficar um ano.

Ludovina: É, nós não nos importamos de ficar um ano.

Dona Esperança: Têm a certeza que conseguem?

Ludovico: Tenho.

Ludovina: Tenho. Temos. Dona Esperança, a senhora tem alguma coisa para me dizer?

Dona Esperança: Eu???? Não. Claro que não. Mas, não sei. Sabe que o condomínio dá muito trabalho. O meu falecido marido, que Deus tem, foi administrador, e olhe, um bom administrador.

Ofélia: Pois foi. Um excelente administrador.

Dona Esperança: Pois era. Mas sabe que a vizinhança era diferente na altura.

Ofélia: Pois era. Havia respeito. As pessoas empenhavam-se mais.

Dona Esperança: E como eu dizia, o meu falecido marido foi administrador, e olhe, foi o condomínio que o matou. Ninguém me convence do contrário.

Policarpo: Oh Dona Esperança... o condomínio não é fácil, mas não é assim tanto.

Dona Esperança: Eu é que sei. Eu é que sei. O Senhor acha fácil, porque não tem mais nada que o ocupe.

Ofélia: Só quem passa por elas é que sabe.

Salomé: Obrigada, dona Ludovina. Senhor Ludovico. Precisamos de mais duas pessoas.

Dona Brites: A Senhora Infante é que deveria ser. Ela já é dona de quase meio prédio.

Jeremias: É verdade.

Mana 1: Pois, mas os inquilinos dela são os que causam maiores problemas. É música até altas horas. O cheiro a droga que está no patamar...

Ofélia: Pois é. Houve um dia em que o Fernão andava muito bem disposto, e depois é que eu percebi o que é que foi. Ele tinha estado a trocar a lâmpada da entrada, respirou aquele cheiro... Foi uma pândega.

Mana 2: Não é uma pândega. É um caso de polícia.

Policarpo: Já falámos sobre isso, não podemos fazer nada.

Mana 2: Mas nós não temos de levar com o cheiro.

Jeremias: Estamos aqui há quase uma hora, e ainda não decidimos nada.

Ofélia: Pois, ainda não decidimos nada.

Garibaldo (*Em estrangeirês*): O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Pausa. Todos olham para Garibaldo e para Gisela.

Gisela: Ah, pois. O que é que disseste, avô?

Garibaldo (*em estrangeirês - mas fala durante um texto extremamente longo*): O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Gisela: O problema é que ninguém sabe como resolver os problemas.

Ofélia: Pois. É isso mesmo. Ninguém sabe.

Dona Esperança: Ou ninguém quer.

Salomé: Então não se faz nada. É isso?

Bernardete: Por mim, mantém-se como está.

Jeremias: Não se mantém como está.

Policarpo: Nem pensar.

Jeremias: Por mim, acabou.

O Senhor Jeremias sai da reunião. É seguido pelo Senhor Policarpo.

Os restantes vão-se levantado e saindo também. Cada um dizendo algo.

Dona Esperança: Então estamos conversados? Eu bem disse que isto não ia dar em nada. É sempre a mesma coisa. O português não se envolve.

Ludovina: Se não está mais ninguém disposto a assumir, eu também não.

Ludovico: Eu também não.

Mana 1: Eu disse-te, Mana. Este prédio já não interessa.
Já não interessa.

Mana 2: Tanta coisa para fazer. Nós podíamos...

Mana 1: Ah! Tu podes lá alguma coisa?

Dona Brites: Oh Dona Ofélia, aquilo do seu marido foi mesmo verdade?

Ofélia: Foi mesmo. Eu até já pensei fazer eu a mesma coisa.

Dona Brites: Sabe que eu nunca experimentei. Cigarros já fumei algumas vezes... na passagem de ano e assim. Mas, dá-me tosse.
Não sabia que fazia efeito assim, só de se respirar.

Ofélia: Olhe que faz mesmo.

Dona Brites: Quando lhe cheirar, diga-me, que eu vou arranjar os vasos do patamar.

Ofélia: Boa ideia.

Saem todos e Salomé fica sozinha.

Salomé: E agora? O último que feche a porta, não é?

Cena 2 – Salomé

Salomé sozinha. Em frente à televisão vê as notícias. Primeiro, uma notícia da economia estagnada. Depois uma notícia sobre a devastação da guerra. Por fim, uma notícia sobre uma transferência de um jogador.

*Salomé atira com a comida que está a comer.
Começa um diálogo consigo mesmo.*

Salomé: O que é isto?

O que é isto?

Que mundo é este?

Não quero. Não quero isto.

- Mas queres o quê? Tu não tens querer.

Tenho. Tenho de ter.

Que mundo é este? Como é possível que nos tenhamos tornado nisto?

Esta apatia.

Somos espectadores da destruição da humanidade.
Somos selvagens.
Somos piores do que selvagens!
Comemos... comemos bifes enquanto vemos famílias recolher
pedaços dos corpos dos filhos.
E depois rimos contentes porque o Ronaldo marcou um golo
e achamos que somos os melhores!
E tudo passa. Passa-nos tudo ao lado. E o que fazemos?
Nada. Nada. Não fazemos nada.
Eu não faço nada.
Eu não sei o que fazer. Mas quero fazer alguma coisa. Eu tenho
de fazer alguma coisa.
- Sozinha? Vais fazer sozinha? Que força tens sozinha?
Esta angústia que me consome.
Alguém tem de fazer. Alguém tem de ser capaz de fazer
algo. Senão, que vida é esta? Qual é o propósito? Viver para
morrer... Para morrer bem?

Olha a televisão.

O mundo alimenta-nos a ilusão.
A ilusão de que vivemos bem.
Temos sorte... uma casa, comida na mesa, paz, amigos. Há
sempre alguém pior do que nós. Isso é bom. Quer dizer, é mau.
É mau para alguém, mas é bom. É bom para nós.
Somos afortunados.
E gostamos de mostrar a nossa vida afortunada. As nossas
férias. A nossa cara sem rugas, porque agora, conseguimos
tirar rugas e pôr a pele bronzeada em 2 segundos.
Para além de afortunados com a vida, somos afortunados pela
vida - somos bonitos.
Ah. E também somos bons. Boas pessoas.
Pomos likes em fotos de solidariedade com a Palestina.
Partilhamos declarações de paz para com a Ucrânia.
Acendemos velas e mostramos as nossas velas acesas
ao mundo para acharmos que fazemos alguma coisa.
Somos afortunados, somos solidários e somos gratos. Somos
perfeitos humanos sem humanidade nenhuma. Somos tudo
isto sem fazermos nada para sermos o que somos.
Somos uma merda! Somos uma merda!

*Salomé recompõe-se. Respira fundo e senta-se. Passado algum
tempo, liga a televisão e deixa-se levar pelo programa que
estiver a dar.*

Cena 3 - Ofélia e Fernão

Ofélia põe a mesa. Fernão fora de cena. Voz pode ser gravada.

Ofélia está apreensiva. Põe a mesa de forma a tentar chamar a atenção. Vai olhando para o marido que não levanta os olhos do computador.

A mesa vai sendo posta gradualmente, trazendo poucas coisa de cada vez.

Por fim, traz a comida e senta-se à mesa sozinha.

Ofélia: Fernão, a comida está pronta.

Fernão: ...

Ofélia: Não vens comer?

Fernão: ...

Ofélia: Vai ficar frio.

Fernão: ...

Ofélia: Posso esperar por ti.

Fernão: ...

Ofélia: Não queres que espere?

Fernão: ...

Ofélia: Talvez não valha a pena esperar.

Ofélia começa a comer sozinha. Come, levanta o prato e sai da mesa.

Cena 4 - Jeremias e Zuleica

Jeremias e Zuleica em casa. Estão vestidos para sair. Verificam as horas.

Zuleica: Ainda faltam 15 minutos. Descemos já?

Jeremias: Só quando a ambulância chegar.

Zuleica: Estás nervoso?

Jeremias: Tu estás?

Zuleica: Sim. E se...

Jeremias: Não digas nada. Eu já sei o que te pode animar.

Jeremias coloca uma música. Começa a cantar e a dançar com Zulmira "Tiro ao Álvaro" de Adoniran Barbosa & Elis Regina (A música que apresento é apenas indicativa. Pode ser outra. A minha ideia é que terá de ser uma música divertida):

Jeremias: De tanto leva frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Táubua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
(Não tem mais)
De tanto leva frechada do teu olhar
Meu peito até parece sabe o quê?
Táubua de tiro ao Álvaro
Não tem mais onde furar
Teu olhar mata mais do que bala de carabina
Que veneno estriquinina
Que peixeira de baiano
Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver
Mata mais que bala de revórver

Tocam à campainha. Pegam numa pequena mala e saem a dançar.

Cena 5 - Gisela e Garibaldi

No quarto. Garibaldi sentado à sua secretária. Gisela chega com o pijama para o ajudar a deitar-se. Garibaldi fala em estrangeirês. Deixo as falas dele, mas estão todas incluídas nas falas de Gisela para que o diálogo fique perceptível.

Gisela: Oh avô, o que está a fazer?

Garibaldi: Estou a escrever uma carta.

Gisela: Está a escrever uma carta? Outra vez?

Garibaldi: As vezes que forem precisas.

Gisela: As vezes que forem precisas!
Isso faz-lhe mal.

Garibaldi: O que me faz mal é ficar quieto.

Gisela: Não. Não lhe faz mal nenhum ficar quieto.

(pausa)

E para quem é a carta, desta vez?

Garibaldo: Para o prédio.

Gisela: Para o prédio?

Garibaldo: Sim. Já escrevi para o vizinho do primeiro frente, não resultou. Escrevi para o vizinho do 5º e não resultou. Escrevi para a Dona Esperança, não resultou.

Gisela: Sim, eu sei bem que já escreveu para o vizinho do primeiro frente e do segundo e do terceiro e do 5º... e não resultou. Eu sei bem disso. Já pensou que se calhar eles não o percebem?

Garibaldo: Eles não querem é perceber.

Gisela: Eles não querem perceber? Pois não. Então agora vai escrever para o prédio todo? A mesma carta?

Garibaldo: Sim.

Gisela: Sim? E o que é que vai dizer?

Garibaldo: Tudo. Vou mostrar de quem é a culpa.

Gisela: Vai mostrar de quem é a culpa?

Então, dê cá o computador. O avô dita dita e eu escrevo.

Gisela pega no computador e começa a escrever. Garibaldo dita em estrangeirês e Gisela escreve. Ri-se muito. E vai dizendo, de vez em quando alguma das expressões abaixo. Não sabemos qual é o conteúdo da carta, mas ficamos na expectativa, que será desvendada na cena final.

Gisela: Tem a certeza que quer dizer isso?

Ui, esta até a mim me doeu.

O avô não tem emenda!

Nós vamos ser expulsos do prédio, sabe disso?

Como é que o avô sabe estas coisas?

Cena 6 – Ludovina, Ludovico e Luciano

Luciano está no quarto no telemóvel. Nunca vemos Luciano. Ludovina e Ludovico falam à porta do quarto em surdina.

Ludovina: Ai, Ludovico, temos de fazer alguma coisa.

Ludovico: O quê, Ludovina?

Ludovina: Tu és o pai, Ludovico!

Ludovico: E tu és a mãe, Ludovina!

Ludovina: Está lá há dez horas, Ludovico.

Ludovico: A culpa é tua, Ludovina.

Ludovina: A culpa é minha, Ludovico?

Ludovico: Sim. Demasiado mimo, Ludovina.

Ludovina: Demasiado mimo, Ludovico?

Ludovico: Nunca fizeste nada, Ludovina.

Ludovina: Nunca fiz nada, Ludovico?

Ludovico: Não, nunca fizeste nada, Ludovina. Agora é isto.

Ludovina: Eu nunca fiz nada. E tu, Ludovico o que vais fazer?

Ludovico: Pois, o que é que eu vou fazer?

Ludovina: Já desligaste a internet?

Ludovico: E a luz... Ele não dorme, Ludovina.

Ludovina: Desde bebé, nunca dormiu muito, Ludovico. Lembras-te como foi para largar a chupeta?

Ludovico: Uma semana em casa dos teus pais, Ludovina.

Ludovina: Pois, mas agora não pode ser. Foi lá que ele ficou assim. Vou entrar.

Ludovina entra, mas sai logo.

Ludovina: Ludovico. Se calhar, é melhor mandar-lhe um e-mail.

Ludovico: Melhor, tive uma ideia. Fazemos um vídeo no TikTok, e assim ele já nos ouve.

Cena 7 – Mana 1, Mana 2, Agente Imobiliária e Senhora Infante

Em casa das Manas. A Agente Imobiliária e a Senhora Infante tomam chá.

Agente Imobiliária: Minhas senhoras, a vossa decoração é uma obra de arte. Quem é que fez este quadro?

Mana 1: Este fui eu.

Mana 2: É miolo de pão.

Agente Imobiliária: Miolo de pão? Miolo de pão a sério?

Mana 1: Sim. Estão aí 47 carcaças.

Senhora Infante: Eu disse-lhe. Estas senhoras têm mãos de fada.

Agente Imobiliária: Estou a ver. Realmente estas peças têm de ser mostradas. Digo mais, as senhoras deveriam ensinar esta arte.

Mana 2: Eu até já pensei nisso.

Senhora Infante: E é mesmo para pensar. Esta arte não se pode perder.

Agente Imobiliária: E este chá. Delicioso!

Mana 2: É erva príncipe. Apanhei agora, ali do meu vaso.

Senhora Infante: Tem erva príncipe num vaso? Precisa de estar na terra!

Mana 2: O vaso é grande.

Senhora Infante: Sim, mas é importante haver espaço para enraizar.

Agente Imobiliária: Pensaram na proposta da Senhora Infante?

As manas não reagem.

Senhora Infante: Eu até trouxe aqui um folheto com a residência sénior que estou a construir.

Agente Imobiliária: É uma coisa de luxo. De luxo!

Senhora Infante: Tem refeitório, quartos duplos, um quintal para os clientes, tem salas de convívio, ginásio, sala de fisioterapia, sala de massagens e até uma sala para artes e terapia ocupacional.

Agente Imobiliária: É uma coisa de luxo. Não é qualquer um que consegue entrar.

Senhora Infante: Pois não. E acabam-se as chatices com os estudantes, e os vizinhos.

Agente Imobiliária: E a logística é uma simples. É uma permuta. O vosso apartamento em troca de um conforto para o resto da vida, sem qualquer tipo de preocupações. O que me dizem?

Cena 8 – Policarpo e Umbelina

No patamar do prédio. Umbelina à porta de Policarpo. Leva-lhe uma sopa e uma empada.

Umbelina: Soube que está doente e vim trazer-lhe o almoço.

Policarpo: Oh, uma canjinha. Muito obrigado.

Umbelina: Eu estava lá no café a pensar... O Senhor Policarpo doente, sem ninguém que o cuide como deve ser.

Policarpo: Oh Dona Umbelina! A senhora é muito atenciosa.

Umbelina: Oh Senhor Policarpo. Trate-me só por Umbelina, por favor. Estou sempre a pedir-lhe a mesma coisa.

Policarpo: Sabe que eu sou de uma geração em que o respeito é importante.

Umbelina: Eu sei. Mas até parece que somos estranhos. Só Umbelina, é suficiente.

Policarpo: Só se se também fizer o mesmo.

Umbelina: Oh. Então está bem, Policarpo!
É um nome muito bonito. Condiz consigo.

Policarpo: Assim deixa-me sem jeito.

Umbelina: Mas é verdade. E o senhor é uma pessoa bonita.
Se não fosse o senhor nada acontecia neste prédio.

Policarpo: Senhor não, Umbelina.

Umbelina: Oh!

Policarpo: Você é que começou.

Umbelina: Oh. Espero que fique bem depressa. Faz falta no café.

Policarpo: Quanto é que lhe devo?

Umbelina: Ora essa. Você não me pediu nada, Policarpo.

Policarpo: Gosto da forma como diz o meu nome.

Umbelina: É um nome forte. Uma pessoa com este nome, pode fazer o que quiser.

Policarpo: Nunca pensei nisso.

Umbelina: Eu já pensei nisso muitas vezes.

Policarpo: Eu gostava de fazer alguma coisa por si. Foi tão gentil.

Umbelina: Fique bem. Alguma coisa lhe há de ocorrer. Tenho de descer. O café está à espera.

Policarpo: Até amanhã Umbelina.

Umbelina: Até amanhã, Policarpo.

Cena 9 – Bernardete

Bernardete, sua casa, tenta fazer meditação.

Ouve-se uma gravação de condução da meditação.

Não consegue concentrar-se devido a uma sequência de barulhos que interrompem a sua meditação. Os barulhos devem ser os que identificaram nas explorações.

Bernardete vai reagindo aos barulhos.

Acaba por desistir.

Cena 10 – Dona Esperança e Dona Brites

Vemos Dona Esperança em casa.

Está a gravar um podcast.

Dona Esperança: Olá a todos, recordo que estão a ouvir mais um episódio do meu podcast: Há sempre Esperança. E agora vamos colocar à nossa convidada as perguntas habituais, que fazemos no final do programa. Já sabe, são 5 perguntas sobre a esperança e tem de dizer a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Está preparada?

Dona Brites: Estou.

Dona Esperança: A primeira pergunta é.

Dona Brites: Espere aí. Tenho de dizer a primeira coisa que me vier à cabeça?

Dona Esperança: Sim.

Dona Brites: Sobre a Esperança?

Dona Esperança: Sim.

Dona Brites: Estamos a falar de que esperança?

Dona Esperança: Como assim?

Dona Brites: É a esperança conceito, ou a Esperança pessoa?

Dona Esperança: Acha que isso é importante?

Dona Brites: Por acaso acho.

Dona Esperança: Porquê.

Dona Brites: Depende do que estivermos a falar.

Dona Esperança: Mas a senhora acabou de nos dizer que é importante sermos verdadeiros.

Dona Brites: Pois acabei.

Dona Esperança: Então não vejo onde está a dificuldade.

Dona Brites: Não é uma dificuldade.

Dona Esperança: Posso fazer as perguntas?

Dona Brites: São sobre o quê?

Dona Esperança: Já lhe disse que são sobre a Esperança.

Dona Brites: Qual esperança?

Dona Esperança: Tem uma má relação com a Esperança?

Dona Brites: Depende de que Esperança estamos a falar.
Já lhe disse.

Dona Esperança: Há muitas esperanças.

Dona Brites: Pois há.

Dona Esperança: Eu tinha esperança que me respondesse a estas questões, mas parece-me que vou ficar à espera.

Dona Brites: Sabe que quem espera, sempre alcança.

Dona Esperança: Mas quem vive de esperança, morre de fome.

Dona Brites: E quem tem esperança, tem paciência.

Dona Esperança: Sim, mas quem espera, desespera.

Dona Brites: É verdade. Mas no fim, a esperança é a última a morrer.

Dona Esperança: Pois é. Muito obrigada pela sua presença.
Foi a entrevista Brites Pascoal, uma mulher que desconfia da esperança.

Dona Brites (exaltada): Olhe Dona Esperança. Não gostei. Eu vim aqui de coração aberto, porque eu sei que as pessoas não têm boa opinião de si, e acham que está sempre a meter-se na vida dos outros. Mas eu tenho pena e até decidi vir de coração aberto, e a senhora diz-me isso. Olhe Dona Esperança, o Senhor Garibaldi é que tem razão. Boa noite.

Cena 11 - Final

Na reunião de condomínio. Todos os condóminos estão presentes, à exceção de Garibaldi e Gisela, Policarpo, Umbelina, Jeremias e Salomé.

Dona Esperança (Para Ofélia): Estão cá todos para ver se o Senhor Garibaldi se atreve a vir.

Ludovina: Ele não vem. Aquela carta é uma cobardia.

Ludovico: Pois, não vem!

Ofélia: Pois é. Uma cobardia.

Ludovina (*Para Ofélia*): É mesmo, veja lá. Inventar que a Dona Ofélia e o Senhor Fernão estão separados, onde já se viu.

Ludovico: Onde já se viu!

Ofélia: Mas é verdade.

Ludovina: É verdade?

Ludovico: É verdade?

Ludovina: É mesmo verdade?

Ludovico: É mesmo, mesmo, mesmo verdade?

Ofélia: É verdade. Houve um dia eu cheguei a casa e disse: “Oh Fernão, ou vens agora para a mesa, ou eu vou emancipar-me.”

Ludovico: E ele não foi!

Ludovina: E ele não foi?

Ofélia: Não foi.

Dona Esperança: A Dona Ofélia emancipou-se?

Ofélia: Eu enchi-me de coragem, fui ao quarto, peguei em todas as minhas coisas e fiz a mala.

Ludovina: Então, mas eu continuo a vê-lo. Mesmo separados continuam a viver na mesma casa?

Ludovico: Pois é, eu continuo a vê-lo.

Ofélia: Acha que, ao preço a que estão as casas conseguíamos pagar duas casas? Nem pensar. Estamos muito bem. Cada um tem o seu quarto. Ele usa a cozinha das 7 às 8 e eu das 8 às 9, para depois a arrumar.

Chegam Policarpo e Umbelina.

Umbelina: Tanta gente. Podíamos ter feito a reunião na esplanada do café.

Mana 1 (*Para Mana 2*): Agora que o condomínio lhe arranjou a esplanada anda toda contente.

Mana 2: Olha, o Garibaldi é que tinha razão. Falou melhor com o Policarpo, e resolveram-lhe o problema.

Mana 1: Gostava de saber quantas empadas foram?

Mana 2: Canja, foi canja.

A Senhora Infante e a Agente Imobiliária, sentadas próximo, abordam as Manas.

Senhora Infante: Minhas senhoras, pensava que tinham vendido a casa.

Mana 1: E vendemos.

Agente Imobiliária: Mas continuam aqui.

Mana 2: Somos colaboradoras do novo proprietário num negócio de aluguer de quartos.

Agente Imobiliária: Como assim?

Mana 1: Isso é uma coisa nossa.

Mana 2: É assim: nós abordamos os senhorios, e dizemos que procuramos uma casa.

Mana 1 (*Entredentes para a Mana 2*): O que é que estás a fazer? Não podes contar que tentamos baixar a renda, para depois termos mais lucro quando eles subalugarem aos outros estrangeiros digitais.

Mana 2: Qual é o problema?

Mana 1: Estragam-nos o negócio.

Senhora Infante: Acho que já percebi. Quem é que teve essa ideia?

Mana 2: Foi uma coisa da Inteligência Artificial, que é a nova proprietária.

Jeremias, Policarpo e Salomé pedem a palavra.

Policarpo: Boa noite, vamos começar a assembleia.

Jeremias: O nosso ponto único da agenda é eleger a nova administração do condomínio.

Dona Brites: Antes temos de falar de assuntos sérios.

Policarpo: Que assuntos, Dona Brites?

Dona Brites: A carta que o senhor Garibaldo pôs no correio.

Zuleica: Eu percebo-a tão bem, Dona Brites. Insinuou que é a senhora que deixa o lixo fora dos contentores e a razão do mau cheiro que por vezes aparece nas escadas. Isso não se faz.

Dona Brites: Mas é mentira. Diga lá, dona Zuleica. Não é mentira o que ele disse, sobre a doença do seu marido, que está ali, que nem um aço.

Jeremias: Dona Brites, a minha saúde não é um assunto do condomínio.

Umbelina: Não foi a Dona Brites que levantou o assunto. Foi o Senhor Garibaldi, que também insinuou que eu seduzi o Senhor Policarpo.

Policarpo: Para arranjar o esgoto da esplanada. Ele precisava de ser arranjado.

Ofélia: Com empadas.

Umbelina: E isso não é verdade. Foi com canja.

Policarpo: Há muito que os ralos precisavam de ser substituídos.

Jeremias: Bem. Não vai adiantar de nada estarmos a discutir isso aqui.

Policarpo: Pois não. O Senhor Garibaldi nem está cá. Mas eu devo dizer que nem gosto de empadas.

Jeremias: Precisamos de uma nova administração. Para além da dona Ludovina, quem pode integrar a administração?

Ludovina: Eu peço desculpa, sei que me voluntariei, mas quero desvoluntariar-me. Depois de saber tudo o que se passa neste prédio. Desisto. Acho que não tem solução.

Ludovico: É, não tem solução. Nós viemos aqui para comunicar a todos que vamos mudar-nos.

Agente Imobiliária: Aqui está o meu cartão, para venderem a casa, ou para comprarem a nova casa no campo.

Dona Esperança (Para Bernardete): Fazem bem. Pode ser que lá consigam pôr tino ao rapaz. Eu acredito no que o senhor Garibaldi diz: que o rapaz está viciado, como na droga.

Bernardete: Pois é, eu oiço tudo a meio da noite.

Dona Esperança: Mas você consegue ouvir coisas de todos os apartamentos e de todos os andares?

Bernardete: Tenho ouvidos sensíveis.

Dona Esperança: É curioso, a única pessoa de quem o Senhor Garibaldi não fala é de si.

Bernardete: O que é que quer dizer com isso?

Dona Esperança: Nada.

Jeremias: Temos mesmo de fechar este assunto e arranjar uma nova administração.

Salomé: Não têm vergonha?
Estão aqui todos porquê?
Este prédio está a ruir, e ninguém faz nada. Queixam-se, acusam-se, justificam-se, falam dos outros... mas é isso.
É só isso.
Onde é que está a vossa vontade?

Ludovina: A vontade existe, mas não existe poder.

Ludovico: Nem com o TikTok, resulta.

Salomé: O poder está nas nossas mãos.

Bernardete: As nossas mãos são fracas.

Salomé: Mas se as unirmos, ficam mais fortes.

Salomé: Então é isto? Não se faz nada. Ficamos à espera?
É triste.

Jeremias: Temos de decidir quem fica a gerir o condomínio.
Se não decidirmos, vai para tribunal.

IA (*voz que ecoa sem se saber de onde*): Eu posso gerir o condomínio. Sou uma aplicação de inteligência artificial capaz de executar tarefas complexas de gestão. A gestão de condomínios compreende várias áreas de gestão. Para além disso, sou igualmente proprietária de uma fração, e posso ser eleita como qualquer outro condómino.

Policarpo: Desculpe, mas quem está a falar.

Mana 1: É a Inteligência Artificial.

Policarpo: E qual é a fração que representa?

Manas 1 e 2: A nossa.

IA: Eu consigo fazer complexas operações de gestão em segundos. Tenho a capacidade de ver contas bancárias e forçar os condóminos a pagar dívidas. Tenho acesso aos códigos jurídicos de todos os países do mundo. Posso informar, organizar, pressionar, sem me deixar influenciar pelas emoções das relações de vizinhança. E além disso, sou gratuita.

Senhora Infante: É interessante e gratuito.

Jeremias: Estão todos de acordo?

Zuleica: Se não der trabalho nem despesa. Ficamos todos a ganhar, não é? Vamos ser um condomínio do futuro. O primeiro gerido por inteligência artificial.

Jeremias: Vamos votar. Quem vota contra:

Ofélia levanta o braço, mas logo baixa, quando vê que só Salomé e a Dona Esperança levantam a mão.

Dona Esperança: Isto é verdade? Vamos deixar que seja a Inteligência Artificial a gerir o condomínio?

Policarpo: Se a Dona Esperança está tão preocupada, então porque não avança.

Dona Esperança: Pois avanço. Isto assim não pode ser. Não podemos permitir isto.

Jeremias: Então vamos votar. Fica a Dona Esperança com a Inteligência Artificial, mais alguém? Vamos votar. Quem vota contra?

Levantam a mão Salomé, e Dona Brites

Jeremias: Quem se abstém?

Levantam a mão Bernardete, Umbelina e Policarpo.

Jeremias: Quem vota a favor?

Levantam a mão os restantes.

Jeremias: Muito bem. Fica aprovada a nova administração.

Fazem silêncio.

Aparece Garibaldi e fala para a plateia.

Garibaldi (*estrangeirês ou em português - se conseguir*):

Estão assustados. Mas não faz mal. Mesmo que a Inteligência Artificial falhe, teremos sempre a Esperança.

Gisela: O Garibaldi diz que estão assustados. Mas não faz mal.

Mesmo que a Inteligência Artificial e a juventude falhem, teremos sempre a Esperança.



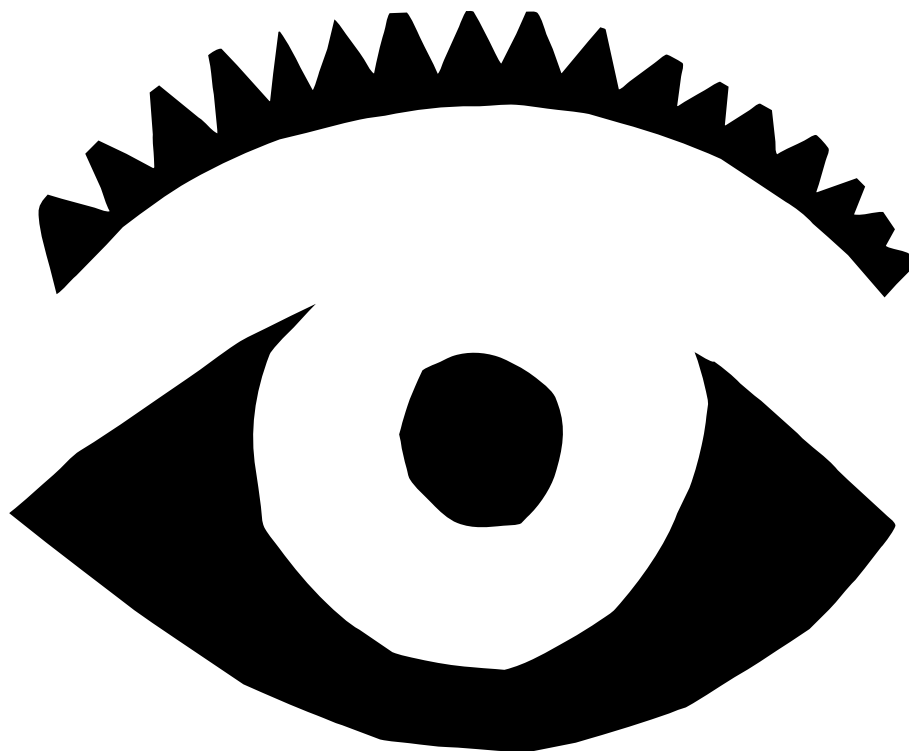
O Senhor
Biedermann e
os Incendiários,
Mário Canelas



Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras



Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras



Coordenação geral

Ana Eduarda Ribeiro (ACAPO)
Isabel Craveiro (Teatrão)
João Santos (Teatrão)

Coordenação científica

Cláudia Pato de Carvalho (CES-UC)
Fernando Fontes (CES-UC)

Acompanhamento científico

Susete Margarido (FEUC)

Professores

Mariana Nunes
Mónica Tavares
Telmo Ferreira

Participantes no projeto

António Pereira, Armando Sousa,
Carla Rodrigues, Carlos Pimentel,
Cati Ramos, Clara Pinto, Eliana Ramos,
Eunice Santos, Graça Alves, Graça Cruz,
Guida Álvaro, Isabel Marques, Isabel Pimentel,
Maria Manuela Durão, Mário André Cardoso,
Marta Carriço, Sandra Cavaleiro

Produção executiva

Cátia Oliveira
Eva Tiago

Comunicação do projeto

Luís Marujo
Margarida Sousa

Coordenação da edição

Isabel Craveiro

Edição e revisão

Luís Marujo

Design gráfico

Studio And Paul

Impressão

Gráfica Maiadouro S.A.

Edições Teatrão

1ª edição, junho 2024

ISBN

978-989-33-6359-1

Depósito legal

534509/24

O teatrão é uma estrutura apoiada e financiada por:



CÂMARA MUNICIPAL
COIMBRA

A Meu Ver é um projeto financiado e apoiado por:

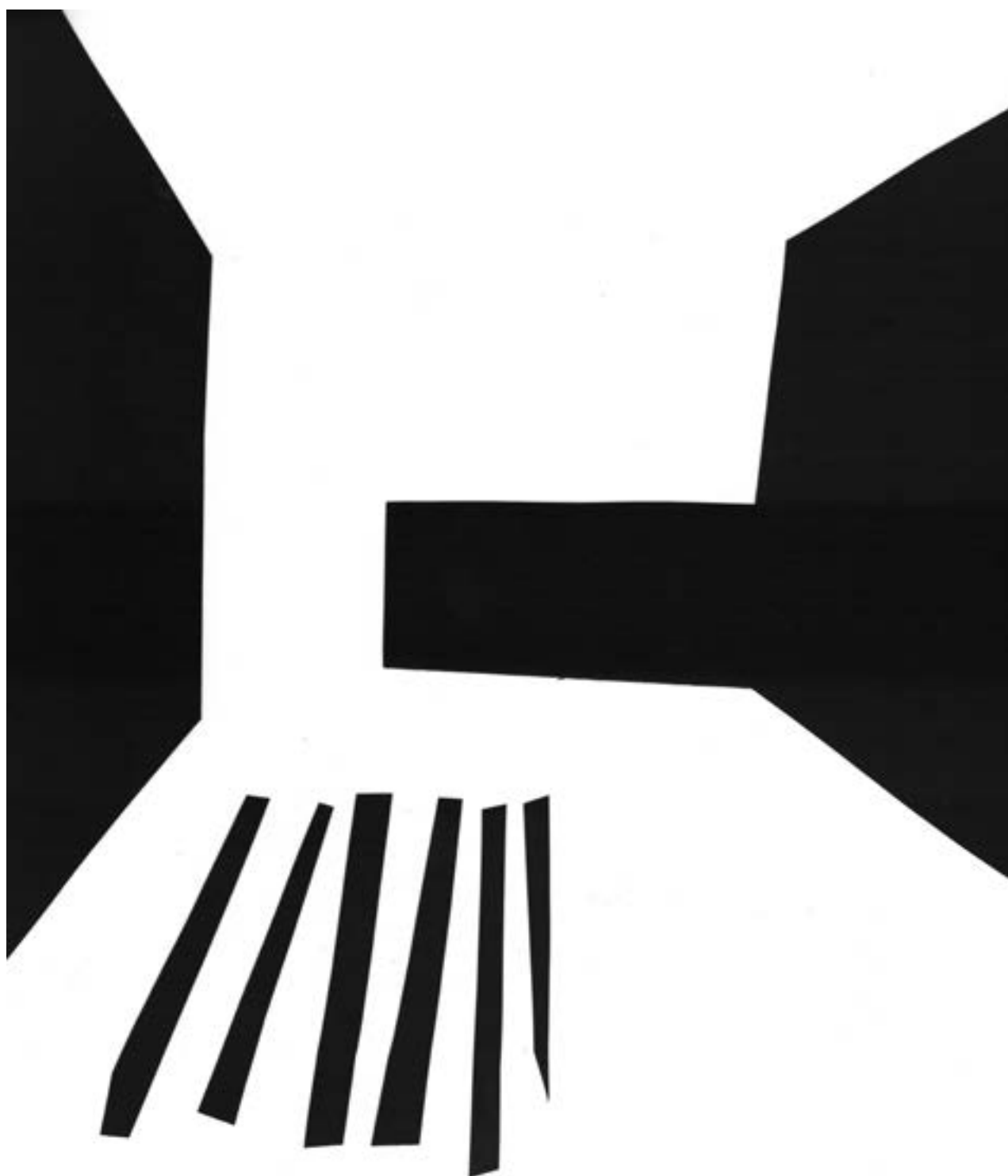


Parceiros:



Acompanhamento Avaliação, impacto e considerações futuras

Análise e considerações sobre o projeto A Meu Ver	7
Da Arte da deficiência ao direito à prática cultural: a experiência artística e teatral de pessoas com deficiência visual no Teatrão	14
Resultado e Impactos da Implementação do projeto A Meu Ver	31



Análise e considerações sobre o projeto A Meu Ver

Teatrão

Desde maio de 2021, com o arranque do projeto A Meu Ver, o Teatrão mudou. Parece uma afirmação um tanto exagerada, mas é verdadeira. A integração de pessoas com diferentes formas de deficiência, S/surdas ou neurodivergentes em programas pedagógicos da companhia aconteceu sempre de forma absolutamente inclusiva, com os programas existentes a adaptarem-se às necessidades de cada um. A Meu Ver foi o nosso primeiro projeto estruturado para a comunidade com deficiência visual, que partiu de um desafio colocado pela ACAPO-Coimbra ao Teatrão. Em boa hora este desafio foi aceite. Daremos aqui conta das expectativas, dificuldades, superações e mudanças que o projeto gerou nos participantes e no Teatrão.

Motivações e Expectativas

O Teatrão trabalha sempre com a expectativa da igualdade para todos os cidadãos, afirmando a arte, nomeadamente o teatro, como prática vital para essa conquista. É este princípio que determina o desenho da companhia e, em particular, do nosso Projeto Pedagógico, que contém programas regulares de prática teatral para a população em geral, para a comunidade escolar, para pessoas de idade maior que

frequentam centros de dia e lares, para jovens em situação de risco, para o teatro amador, para o movimento associativo da periferia da cidade, para a população migrante, para comunidades e bairros específicos da cidade ou do concelho. Todos nos inspiram à intervenção artística de proximidade, na escala 1:1 – a única que pode tornar a nossa ação real. O projeto A Meu Ver foi, por isso, pensado para oferecer à comunidade com deficiência visual uma experiência de prática teatral, de fruição de espetáculos e de espaços culturais, de discussão sobre acesso cultural, inclusão e vida independente, de convivência, de prazer, de dificuldade e superação, de comunidade. Mas a nossa ambição mapeou ainda a necessidade de intervenção sobre o restante público, as instituições e agentes culturais e o poder político local, ou seja, sobre a maioria. Durante um triénio trabalhámos com a expectativa de tocar outras faces da complexidade de cada um dos participantes e parceiros e, a partir daí, inspirar e provocar mudanças.

A organização do projeto previa diferentes lugares de atividade e intervenção: a Sala de Ensaios como o laboratório semanal de criação teatral do qual nasceriam as produções do coletivo; um programa de Acolhimentos e Oficinas com

parceiros nacionais e internacionais; uma Zona de Saída focada na fruição regular de programação cultural acessível e um espaço de progressiva conquista de autonomia e a formação de estudantes de Teatro e Educação e trabalho de intervenção para a vida independente dos participantes, a que chamámos Dia-a-Dia, Guia-a-Guia. Prevíamos ainda o acompanhamento académico do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, a edição de um Fichário que disseminasse a prática artística desenvolvida e alguns momentos de discussão pública sobre acessibilidade e inclusão nas práticas artísticas.

Mudanças, Dificuldades e Desafios Enfrentados

O arranque deste projeto foi profundamente marcado pela pandemia e foi esta dificuldade que nos levou a solicitar ao Partis & Art for Change um prolongamento do projeto até final de junho de 2024. Fez ainda parte uma mudança em relação ao espaço regular de trabalho, ou seja, a Sala de Ensaios, inicialmente desenhada para as instalações da ACAPO e que acabou por decorrer sempre no Teatrão – Oficina Municipal do Teatro (OMT). Esta alteração motivou os participantes para trabalhar a sua autonomia na deslocação e precipitou a formação inicial de toda a equipa para os princípios básicos de guia ou acompanhamento de uma pessoa com deficiência visual feita pela ACAPO. A mobilidade do grupo para ensaios, espetáculos e outras atividades em dias e horários que não há alternativa através dos transportes públicos foi também um grande desafio. O Teatrão encontrou alternativa por vezes com transporte da parceira ACAPO mas maioritariamente alugando um transporte. Em 2024 acabou por adquirir uma carrinha, o que facilitou todo o trabalho no projeto.

Um dos parceiros estruturantes A Meu Ver, a Escola Superior de Educação de Coimbra, nomeadamente a Licenciatura

de Teatro e Educação, não pôde afinal participar no projeto, obrigando a transformar a atividade Dia-a-Dia, Guia-a-Guia num conjunto de outras atividades não previstas inicialmente, ou seja, as formações paralelas associadas ao desenvolvimento da Iniciativa Conjunta de Aprendizagem e Circulação com parceiros Partis & Art for Change: Bengala Mágica, Filarmónica Enarmonia, Movimento de Expressão Fotográfica, Terra Amarela e Vo'Arte.

No segundo ano de execução o projeto A Meu Ver decidiu fazer uma chamada à população do concelho de Coimbra, abrindo a possibilidade de outras pessoas, normovisuais, se juntarem ao grupo. Este desafio, desejado e temido pelos participantes veio a revelar-se uma intervenção complementar sobre a restante comunidade, promovendo uma experiência íntima de partilha de realidades até então desconhecidas para estes novos participantes. O grupo recebeu oito novas vidas, algumas oriundas de outros projetos comunitários do Teatrão, que encontraram neste desafio uma oportunidade invulgar de partilha.

A intervenção do projeto na esfera das políticas locais, para lidar com as questões de inclusão e acessibilidades, levou à concretização, no segundo ano do projeto e em parceria com o Município de Coimbra, do seminário Coimbra Cultura Acessível. Este seminário, que contou com a partilha de especialistas e experiências noutros pontos do país, teve a capacidade de envolver os participantes num trabalho de reflexão e construção de propostas sobre a mudança necessária no que diz respeito à acessibilidade no setor cultural. A participação de agentes culturais locais foi muito abaixo do esperado. Este trabalho permitiu que o Teatrão passasse a fazer parte do Grupo de Trabalho das Pessoas com Deficiência, coordenado pelo Município de Coimbra e que, para além do Teatrão, conta com a participação da Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), da Associação Nacional Deficiência

dos Sinistrados no Trabalho (ANDST), do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), da Confederação Nacional de Organizações de Pessoas com Deficiência (CNOD), da Associação Paralisia Cerebral de Coimbra (APCC), da Associação das Famílias Solidárias com a Deficiência – Cavalo Azul, da Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e do Autismo (APPDA-Coimbra), da Associação Portuguesados Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM-Coimbra), da Associação Nacional de Intervenção Precoce (ANIP) e do Centro de Vida Independente.

Impacto nos Participantes e na Instituição

O impacto gerado pelo projeto A Meu Ver deve ser alargado à reflexão sobre os resultados para além dos caminhos percorridos pelos participantes com deficiência visual e normovisuais que constituem o grupo de trabalho. Era nossa intenção, no desenho inicial, provocar e inspirar decisores políticos, programadores e agentes culturais, público em geral, academias e instituições. Nunca previmos muito claramente as expectativas de mudança sobre nós próprios. Pareceu-nos que, pelo facto de assumirmos responsabilidades como gestores e programadores de um Teatro Municipal em Coimbra, nos dava a clara noção de possibilidades de impactar os públicos que se cruzam em aulas, que assistem às criações ou que passaram a participar no projeto A Meu Ver. Mas a dimensão das mudanças que começámos a imprimir no Teatrão e na OMT, ultrapassou em muito o esperado. A equipa de trabalho sentiu necessidade de iniciar um conjunto de formações sobre acessibilidade em espaços culturais e, a partir daí operar mudanças nos acessos físicos e digitais ao teatro, na bilheteira, na frente-de casa, na comunicação e promoção das nossas atividades. Passámos a oferecer serviços de Audiodescrição e Língua Gestual

Portuguesa, a fazer parte da Rede de Teatros com Programação Acessível, a acolher, produzir e coproduzir espetáculos com artistas profissionais e amadores com deficiência, a programar os projetos e trabalhar com parceiros internacionais similares, a aprender e refletir com as diferentes instituições que lutam pela melhoria das condições de vida destas pessoas, criando uma rede imensa de trabalho e entreaajuda.

Perspectivas futuras

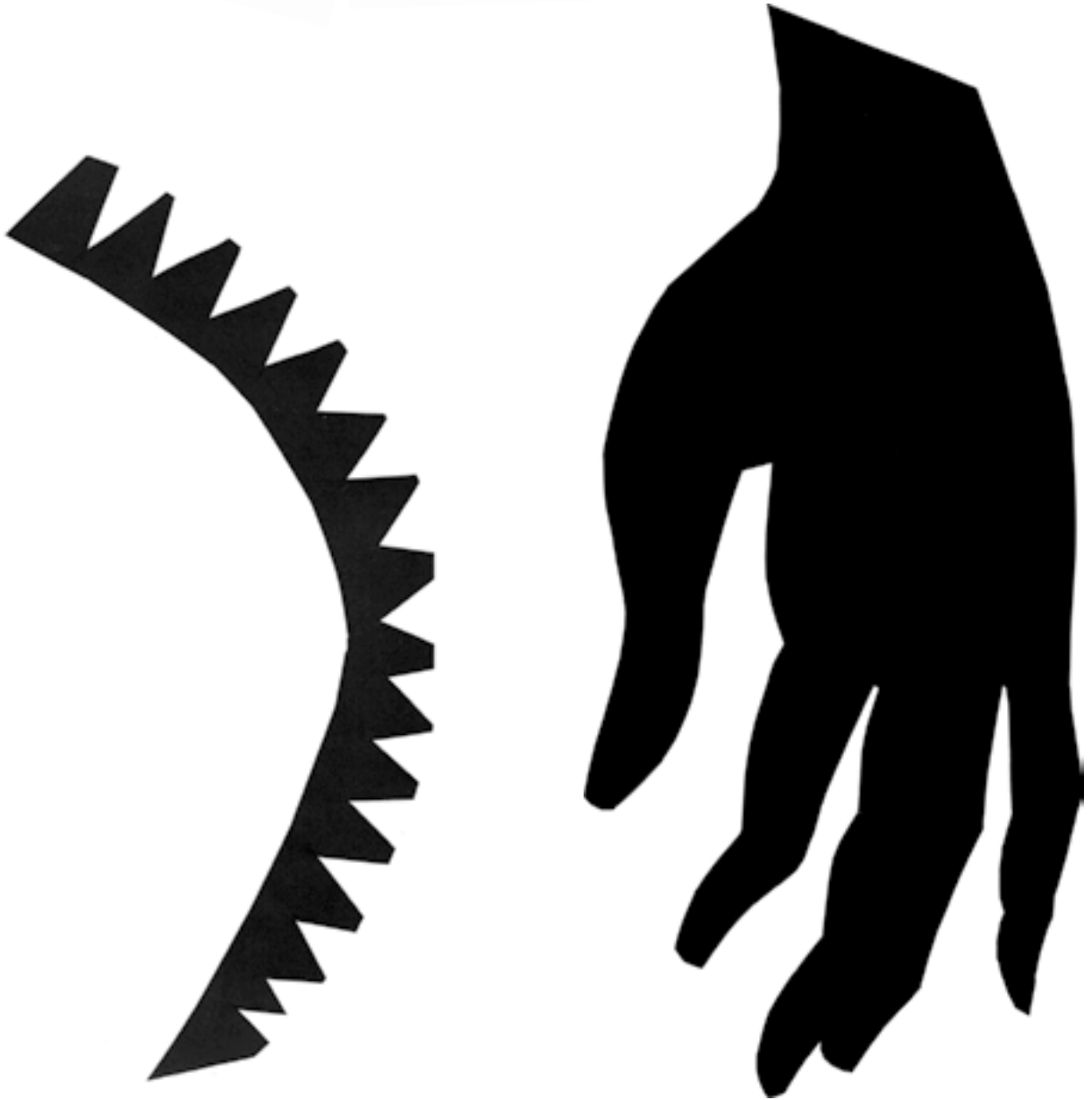
A continuidade deste projeto não é, para nós, uma opção – é uma certeza. Iniciámos já a pesquisa de outras soluções de financiamento, inscrevendo uma parte da despesa no financiamento sustentado da Direção Geral das Artes e considerando candidaturas da Comissão de Coordenação da Região Centro para as questões da Inclusão e Inovação Social.

Do ponto de vista das políticas públicas locais, consideramos que a rede de trabalho entre as diferentes instituições que trabalham na cidade pode fazer connosco o caminho de reivindicar junto do Município de Coimbra a capacitação das equipas municipais relacionadas com a acessibilidade e a acessibilidade cultural e um orçamento anual alocado a estas questões.

Junto dos agentes culturais e através do Conselho Municipal de Cultura local, trabalharemos para a capacitação do movimento associativo local.

Daremos continuidade às parcerias nacionais e internacionais criadas para programação, cocriação e investigação sobre práticas artísticas de pessoas com deficiência visual.

Isabel Craveiro (diretora artística do Teatrão e coordenadora do projeto A Meu Ver)



ACAPO

Ao longo destes últimos anos, a delegação de Coimbra da ACAPO tem tido o privilégio de ser um parceiro ativo no Projeto A Meu Ver, uma iniciativa voltada para a criação artística teatral com a participação de pessoas com deficiência visual. Este projeto não só visou a inclusão social através das artes, mas também a transformação pessoal e comunitária.

Procuramos de forma resumida, fazer uma apreciação abrangente deste ciclo, destacando as motivações, desafios, impactos e perspectivas futuras.

Motivações e Expectativas dos Participantes e da Instituição

Tendo como ponto de partida a participação de um grupo composto exclusivamente por pessoas com deficiência visual na área do teatro, aplaudimos a preocupação e o desafio abraçado pelo Teatrão, através da adaptação de metodologias de trabalho direcionadas para este público-alvo, captando desta forma o interesse e entusiasmo de pessoas cegas e com baixa visão. Esta adaptação envolveu a criação de estratégias pedagógicas e técnicas que permitiram uma construção de uma experiência teatral inclusiva e acessível. O compromisso do Teatrão em criar um ambiente acolhedor e adaptado às necessidades específicas deste grupo, não só evidenciou a sua dedicação à inclusão, como também serviu de exemplo para outras entidades culturais.

Desde o início, os participantes demonstraram uma forte motivação para explorar as suas capacidades artísticas e expandir seus horizontes pessoais. A maioria procurava no teatro uma forma de expressão e uma oportunidade de integrar-se mais ativamente na comunidade.

Numa segunda fase, aquando da integração de pessoas da comunidade sem deficiência, foi possível observar a importância da partilha e convivência entre todos, independentemente das suas capacidades visuais. A inclusão de pessoas sem deficiência visual no grupo não enriqueceu apenas a experiência teatral. Permitiu também fortalecer os laços comunitários e promover uma compreensão mútua e uma maior coesão social.

Num terceiro momento, o espírito de grupo e coesão entre os participantes foi também um dos fatores que contribuiu para

a continuidade e compromisso de todos.

Para muitos dos participantes com deficiência visual esta experiência permitiu, para além da inclusão já referenciada anteriormente, trabalhar aspetos relacionados com a socialização/ interação social e atividades ocupacionais.

Para a instituição, a motivação principal é a promoção da inclusão e a igualdade, proporcionando um espaço onde as pessoas com deficiência visual possam desenvolver as suas habilidades e talentos num ambiente acolhedor e estimulante. Este projeto permitiu atingir, com sucesso, este fim a que a ACAPO se compromete diariamente.

Mudanças, Dificuldades e Desafios Enfrentados

Ao longo do projeto, observamos mudanças significativas nos participantes. Muitos desenvolveram maior confiança e autoestima, superação de desafios e dificuldades sentidas, além de habilidades artísticas e interpessoais. O caminho, no entanto, não foi isento de dificuldades. A heterogeneidade existente ao nível das habilitações académicas e experiência de vida entre os diferentes participantes, representou alguns desafios, que foram sendo atenuados ao longo do tempo, com a adaptação e capacidade dos responsáveis artísticos em gerir estas diferenças.

Entre os desafios enfrentados, destacamos ainda, por vezes, a dificuldade na gestão e conciliação das atividades profissionais inerentes como técnicos da ACAPO e, um maior envolvimento no projeto. A instituição também enfrentou desafios logísticos e financeiros, não sendo possível assumir uma colaboração para além do que se encontrava inicialmente prevista.

Impacto nos Participantes e na Instituição

O impacto, nos participantes, do Projeto A Meu Ver foi profundo.

Além do desenvolvimento pessoal e artístico, observou-se um aumento na visibilidade das questões relacionadas com a deficiência visual na sociedade. Os participantes demonstraram um maior sentimento de pertença e reconhecimento no âmbito pessoal.

Verificou-se ainda, uma maior participação na vida cultural desta população. A disponibilização de audiodescrição nos espetáculos do Teatrão, permitiu o encontrar de novos públicos que, até então, não eram habituais.

Para a instituição, o projeto reforçou ainda mais o nosso compromisso com a inclusão e proporcionou valiosas aprendizagens sobre a importância das práticas para melhor atender à diversidade da comunidade.

Este projeto criou um espaço onde as diferenças são celebradas e a diversidade é valorizada, mostrando que a arte é um veículo poderoso para a inclusão, integração e transformação social.

Perspetivas Futuras

O encerramento deste ciclo de três anos marca não o fim, mas o começo de novas possibilidades. Para os participantes, esperamos que os conhecimentos e as experiências adquiridas sirvam como alicerce para novas conquistas, seja no teatro ou noutras áreas. Para a instituição, as perspetivas futuras incluem a expansão de atividades similares e a busca contínua de parcerias que fortaleçam o nosso compromisso com a inclusão e a igualdade.

A continuidade e expansão de iniciativas como esta são essenciais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa, onde todos têm a oportunidade de contribuir e brilhar.

Em suma, o Projeto A Meu Ver não apenas atingiu os seus objetivos iniciais, mas também deixou um legado duradouro de transformação e inclusão. Estamos orgulhosos do que foi alcançado e

ansiosos para continuar essa jornada de crescimento e aprendizagens mútuas.

Perspetiva Social

Enquanto assistente social, tive a oportunidade de acompanhar profissionalmente o Projeto A Meu Ver, que se revelou como uma iniciativa essencial para o enriquecimento das pessoas com deficiência visual, que acompanho diariamente, oferecendo-lhes uma plataforma que lhes permitiu expressar a sua criatividade e, simultaneamente, promoverem uma integração mais ampla na comunidade.

Um dos aspetos mais notáveis do projeto foi a forma como facilitou a socialização entre pessoas com e sem deficiência visual. Fora do contexto do projeto, as oportunidades de relacionamento entre estes diferentes grupos são frequentemente limitadas, resultando numa segregação que impede o desenvolvimento de um entendimento mútuo e o estabelecimento de laços sociais. Ao integrar pessoas com diferentes capacidades visuais em atividades conjuntas, o projeto A Meu Ver criou um ambiente onde a convivência foi natural e motivadora. Este cenário não apenas encurta o distanciamento social que muitos participantes enfrentam, mas também enriquece a vida de todos os envolvidos.

Além disso, o projeto A Meu Ver ofereceu uma resposta concreta à exclusão cultural que muitas pessoas com deficiência enfrentam. Ao proporcionar formação artística e uma plataforma para apresentação pública, o projeto não apenas empodera os participantes, mas também sensibiliza a comunidade em geral para a riqueza da diversidade humana.

Considero este projeto um exemplo, inspirador, de como a arte pode ser um poderoso meio de transformação e um exemplo de como a inclusão pode ser efetivamente implementada na prática.

Ana Eduarda Ribeiro (assistente social na ACAPO e coordenadora do projeto A Meu Ver)

Da Arte da deficiência ao direito à prática cultural: a experiência artística e teatral de pessoas com deficiência visual no Teatrão

Autores

Fernando Fontes, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-2485-2331>

Cláudia Carvalho, Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-8633-7226>

Susete Margarido, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0003-2485-2331>

Resumo

Em Portugal, tal como noutras sociedades, as pessoas com deficiência têm estado arredadas da participação cultural e do acesso à cultura, quer como público, quer como praticantes, quer como agentes culturais. Nas últimas décadas, resultado de uma miríade de contextos como a emergência de organizações de defesa dos direitos das pessoas com deficiência e a afirmação dos direitos humanos das pessoas com deficiência, temos vindo a assistir ao reconhecimento das suas narrativas e a uma maior consideração das suas necessidades, vontades e ambições. Este não é, no entanto, um percurso, nem linear, nem generalizado, continuando a persistir uma heterogeneidade de realidades, de acordo com as dinâmicas culturais locais e com a sensibilidade e visão dos agentes culturais.

O capítulo que segue tem por base uma experiência concreta de inclusão pela prática teatral e pela participação cultural de pessoas com cegueira ou baixa visão na cidade de Coimbra, o projeto 'A meu ver'. Este projeto tem uma duração de 3 anos (2021-2024), foi coordenado e implementado pelo Teatrão, em parceria com a ACAPO-Coimbra, e financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação La Caixa, no âmbito do Programa Partis & Art for Change. Este capítulo analisa o papel da formação artística e teatral na

mediação cultural e como instrumento de inclusão social de grupos tradicionalmente excluídos do mundo das artes e da cultura. A investigação, decorreu entre outubro de 2021 e agosto de 2022 e privilegiou uma abordagem qualitativa. A estratégia de recolha de dados contemplou quatro técnicas: observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semiestruturadas e grupo focal.

Os dados analisados permitem-nos identificar a importância da prática teatral e da participação e criação artística na recomposição identitária das pessoas com deficiência participantes no projeto. Permite, ainda, identificar uma coletivização da experiência da deficiência e dos problemas e barreiras enfrentados pelas pessoas com deficiência no dia-a-dia, consonante com a afirmação de conceção social da deficiência.

Palavras-Chave

Deficiência, prática teatral, participação cultural

1. Introdução

A forma como entendemos a deficiência resulta das dinâmicas sociais e culturais estabelecidas em cada contexto histórico e geográfico. As diferentes vivências da deficiência e da condição de ser identificado/a como uma pessoa com deficiência em cada momento histórico-geográfico apresentam, no entanto, um traço comum: a opressão das pessoas assim perspectivadas por parte das sociedades em que estão inseridas (Fontes, 2019). Esta opressão estende-se às diferentes esferas das suas vidas e manifesta-se de múltiplas, variadas e consteladas formas onde se imbricam fatores de ordem social, cultural, económica e ambiental. A exclusão das pessoas com deficiência da experiência e da prática artística, com base, muitas vezes, em conceções menorizantes das capacidades e dos direitos das pessoas com deficiência, constitui, precisamente, uma forma de opressão deste grupo social. O ‘mundo’ das artes e da cultura permaneceu, assim, até muito recentemente, vedado às pessoas com deficiência, quer através da reprodução de barreiras culturais, quer através da manutenção de barreiras físicas que impedem a sua participação efetiva (Acesso Cultura, 2020). A experiência e a prática artística e cultural das pessoas com deficiência permaneceu até aos nossos dias marcada por perspetivas médicas da deficiência que transformam a fruição e a prática cultural e artística em terapias diversas de estimulação de sentidos e de reabilitação de corpos e mentes considerados desconformes com o modelo hegemónico de normalidade (Davis, 1995). A experiência e prática da dança, da música, do teatro, da pintura, entre outras formas de arte emerge, desta forma, como uma atividade reabilitacional de mentes e corpos.

Tal como defende Howard Becker, no contexto da necessidade de abertura dos “mundos da arte”, assumem particular relevância os princípios da acessibilidade,

da participação, da colaboração e da educação artística (Becker, 1982), a que acrescentaríamos a sua abertura a diferentes tipos de grupos e comunidades, incluindo as pessoas com deficiência. A aprovação da *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (CDPD) em 2006 (ONU, 2006), ratificada por Portugal em 2009, marca, precisamente, uma viragem, não só na forma de entendimento da deficiência e dos direitos das pessoas com deficiência, mas também, no papel atribuído às pessoas com deficiência no mundo das artes e da Cultura. O artigo 30º da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) estabelece o direito das pessoas com deficiência de acederem e participarem, em pé de igualdade com as pessoas sem deficiência, à e na vida cultural recreação, lazer e desporto nas suas comunidades. A Convenção é também perentória na responsabilização dos Estados pela criação de oportunidades e condições para que essa participação seja possível e para que as pessoas com deficiência possam “[...] desenvolver e utilizar o seu potencial criativo, artístico e intelectual, não só para benefício próprio, como também para o enriquecimento da sociedade.” (nº 2 do art.º 30º da CDPD). Fazendo respaldo do disposto pela CDPD, a *Estratégia Europeia para os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030* (EEDPD 2021-2030) vem reafirmar a necessidade dos diferentes Estados-Membros garantirem a efetiva participação das pessoas com deficiência nas atividades culturais, exortando-os a definirem políticas nacionais integradoras e inclusivas nas diferentes áreas, incluindo na área da cultura, e a desenvolverem serviços inclusivos e promotores do acesso à cultura. Em Portugal este desiderato surge plasmado na *Estratégia Nacional para a Inclusão das Pessoas com Deficiência 2021-2025* (ENIPD 2021-2025) que define a ‘Cultura, Desporto, Turismo e Lazer’ como um dos seus oito eixos estratégicos, bem

como na *Estratégia de Promoção da Acessibilidade e da Inclusão dos Museus, Monumentos e Palácios na dependência da Direção-Geral do Património Cultural e das Direções Regionais de Cultura 2021-2025*. Em resultado destes documentos norteadores, as instituições e serviços começam a repensar os seus espaços, as suas condições de acessibilidade e meios de inclusão, as suas práticas, as suas coleções e programações de forma a incluírem todas as pessoas independentemente da sua situação ou necessidades específicas.

O presente capítulo tem por base a experiência concreta de implementação de um projeto de inclusão pela atividade artística e de promoção de uma arte inclusiva – “A Meu Ver” – de uma estrutura artística profissional da área do teatro da cidade de Coimbra – O Teatrão. Trata-se de um projeto de formação e prática teatral de pessoas cegas ou com baixa visão, com uma duração de 3 anos, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação “la Caixa”, no âmbito do *Programa Partis & Art for Change*. Este projeto agrega uma vertente de formação artística a uma vertente de intervenção no espaço cultural da cidade e da região de Coimbra. Uma outra componente do “A Meu Ver” está relacionada com um acompanhamento científico do projeto, que inclui uma avaliação dos seus impactos nos participantes, suas famílias e comunidades mais alargadas. Por outro lado, pretende-se também ter impacto ao nível das políticas das acessibilidades culturais dos espaços no Município de Coimbra. A articulação entre as componentes da formação e criação artísticas e a componente das ciências sociais e humanas reforça a vertente multidisciplinar do projeto. Os dados aqui apresentados resultam de um trabalho de acompanhamento e avaliação de impacto do primeiro ano de implementação do projeto “A Meu Ver” que objetivou analisar e reequacionar os possíveis papéis da formação artística

na mediação entre a entidade O Teatrão e um grupo de pessoas com deficiência, tradicionalmente mais afastados dos circuitos culturais. Por mediação cultural, na esteira de Davallon (2010), entendemos, a ação de facilitar o acesso e a apropriação de obras, saberes e do universo artístico e cultural que lhes subjaz por parte de determinados segmentos de públicos, no caso do “A meu Ver” por parte de pessoas com deficiência visual.

O nosso trabalho foi orientado pelas seguintes questões:

- Que lugar, para a arte, na mediação entre entidades artísticas e diferentes tipos de comunidades?
- Como intermediar novos entendimentos, perceções e interpretações que possam interligar a criação artística com comunidades à margem dos circuitos artísticos?

Usando o caso específico da formação e prática teatral de pessoas com cegueira ou baixa visão, este capítulo pretende refletir sobre o papel mediador da atividade artística na criação de espaços de comunicação entre artistas, instituições artísticas e culturais, investigadores e comunidades que se encontram normalmente mais afastadas dos contextos das ofertas e experiências culturais. O texto encontra-se organizado em cinco pontos. No primeiro ponto apresentaremos o corpo teórico que enforma este capítulo de forma a problematizar a ligação entre a atividade artística e as pessoas com deficiência no contexto do movimento da “Arte da Deficiência”; no segundo ponto apresentamos o contexto do estudo de caso e a sua especificidade empírica; no terceiro ponto, partilhamos a abordagem metodológica do projeto; no quarto ponto, trabalhamos a relação entre arte, mediação e o projeto “A Meu Ver”; por fim, apresentamos algumas conclusões da análise de dados realizada e algumas reflexões sobre o desenvolvimento e impacto do projeto.

2. A afirmação social da Deficiência pela arte e pela cultura

O desenvolvimento do movimento social de pessoas com deficiência a partir da década de 1960/1970 em países com os Estados Unidos da América e o Reino Unido e a aprovação da *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência* (CDPD) em 2006, permitiram a difusão e afirmação de novas perspectivas da deficiência, entidade como uma forma de opressão social ou como uma questão de direitos humanos. Este movimento e os seus ecos continua, ainda, bastante embrionários e silenciosos em muitos contextos geográficos, perpetuando perspectivas opressoras e fatalistas da deficiência e individualizadoras e minorizadoras das pessoas com deficiência. Esta realidade faz com que a vida da grande maioria das pessoas com deficiência continue cercada por fenómenos de pobreza e de exclusão social (Beresford, 1996; Coleridge, 1993; Turmusani, 2002; Zaidi e Burchard, 2002), e os seus direitos e oportunidades continuem, muitas vezes, a ser uma miragem. A preponderância na cultura dominante de concepções minorizadoras e opressoras das pessoas com deficiência apresenta-as como seres inferiores, passivos, sem utilidade e quase não humanos (Barnes & Mercer, 2010). Por outro lado, a sua exclusão na produção e consumo dessa mesma cultura, opressora da sua identidade e necessidades, impulsionou as pessoas com deficiência, em contextos geográficos como a Inglaterra e os Estados Unidos da América (Davis, 1995; Brown, 1997; Barnes & Mercer, 2010), a desenvolverem uma cultura alternativa, capaz de exprimir, de uma forma positiva, as suas identidades e experiências.

O desenvolvimento, afirmação e celebração desta identidade positiva das pessoas com deficiência e do orgulho em ser quem e como são, o que Swain e French (2000) denominam de 'modelo de afirmação', traduziu-se também ao nível das artes com o desenvolvimento

daquilo que podemos genericamente designar por 'Arte da Deficiência'. A 'Arte da Deficiência', ou 'disability arts' na sua formulação original, é assim um movimento artístico e político desenvolvido por pessoas com deficiência nos diferentes campos e expressões culturais – teatro, cinema, música, dança, escultura, pintura, performance, comédia, poesia, novela, fotografia... – e as respetivas criações artísticas, que explora e apresenta a história, a cultura e as experiências da deficiência e da incapacidade do ponto de vista individual e político, bem como as visões, perspectivas e experiências do mundo das pessoas com deficiência. Barnes e Mercer acentuam, precisamente, esta dimensão política ao definirem a 'Arte da Deficiência' como o "desenvolvimento de significados culturais partilhados e a expressão coletiva da experiência da deficiência e da luta. Isto implica utilizar a atividade artística para mostrar a discriminação e o preconceito que as pessoas com deficiência enfrentam e gerar solidariedade e consciência de grupo" (2010, p. 207). Estes autores defendem que a 'Arte da Deficiência' apresenta, assim, pelo menos três dimensões inter-relacionadas: a reivindicação/defesa do acesso das pessoas com deficiência à produção e consumo artístico convencional; a exploração da experiência de viver com uma incapacidade; e, mais importante, a apresentação de uma resposta crítica à experiência de marginalização e exclusão social (Barnes & Mercer, 2010, p. 207-208). A existência de uma ou várias culturas alternativas da deficiência, está, no entanto, longe de ser algo consensual dentro do movimento de pessoas com deficiência ou mesmo no campo dos Estudos da Deficiência (Wendell, 1996). Todavia a existência deste movimento da 'Arte da Deficiência' é inegável com o surgimento de diferentes vozes, iniciativas e formas de expressão das pessoas com deficiência que, em muitos casos, produzem, efetivamente, uma cultura de resistência e de celebração

(Oliver & Barnes, 1998). A noção de cultura emerge, assim, aqui na sua dupla aceção, isto é, enquanto conjunto de valores, crenças e normas partilhadas por um determinado grupo social (Giddens, 1989) e enquanto criação artística produzida, neste caso, por pessoas com deficiência.

Como a História da deficiência e das pessoas com deficiência bem demonstra, a sua participação no mundo das artes e da cultura está longe de poder ser sempre enquadrada neste movimento artístico de produção de uma cultura política alternativa e celebrativa para as pessoas com deficiência. Importa pois distinguir este movimento daquilo que podemos apenas designar por “artistas com deficiência”, isto é, artistas que apesar de terem uma qualquer incapacidade não são, unicamente, influenciados por essa circunstância (Austin & Brophy, 2015). Alguns dos nomes de pessoas com deficiência que no passado se destacaram no mundo das artes, como Van Gogh ou Beethoven, são disso um bom exemplo. Na atualidade, uma nova geração de artistas na área da ‘Arte da Deficiência’ vem delineando novos caminhos e novas leituras, onde a deficiência deixa de ser o foco da mensagem política que pretendem veicular, mas onde emerge entre outros que constituem a diversidade das pessoas com deficiência. Um projeto recente desenvolvido pela organização australiana de pessoas com deficiência vocacionada para a promoção da acessibilidade das artes e da cultura – Arts Access Victoria – identifica alguns dos nomes mais proeminentes na atualidade, ao mesmo tempo que enfatiza esse aspeto das suas criações. Esta organização salienta, assim, o trabalho de artistas como: Yinka Shonibare do Reino Unido, Chuck Close dos Estados Unidos da América ou Jane Trengove da Austrália (Austin & Brophy, 2015). Os nomes identificados constituem para esta organização um exemplo de artistas profissionais com deficiência a trabalharem nas artes visuais contemporâneas. Não obstante

a leitura marcadamente ocidental do campo apresentada por esta organização, se nos centrarmos no trabalho destes/as artistas, uma das características unificadoras da sua produção é precisamente esse ampliar de leituras e mensagens, explorando questões como a representação cultural, o género, a sexualidade e o poder político, não se centrando unicamente na questão da deficiência. Como é enfatizado, embora o seu trabalho não esteja unicamente comprometido com e/ou focado na deficiência, este pode, no entanto, ser diretamente influenciado por essa experiência vivida pelo/a artista e que esclarece o processo criativo e o conteúdo das suas obras. O trabalho destes/as novos/as artistas deve, assim, ser analisado num contexto artístico contemporâneo mais amplo e não apenas no âmbito das ‘Disability Arts’, ou da ‘Arte da Deficiência’. Esta necessidade deve-se ao facto de o seu trabalho não refletir uma relação direta com a deficiência, sendo esta apenas vislumbrável nas nuances de ligação entre a experiência vivida pelos/as artistas e as suas observações críticas sobre o lugar cultural e social que ocupam (Reeves, 1999 *apud* Austin & Brophy, 2015). A preservação da essência das ‘disability arts’ parece agora ter-se deslocado para a liberdade de criação cultural dos/as artistas com deficiência em ambientes controlados por si e independentes de modelos de avaliação dominantes (Barnes & Mercer, 2010).

Portugal não tem sido estranho a este movimento de ‘Arte da Deficiência’, com a emergência de artistas e de grupos de artistas com deficiência nos mais variados campos e expressões, que vão desde o teatro, à dança, às artes plásticas, passando pela música e pela representação. Um exemplo são os ‘5.^a Punkada’, uma banda musical de utentes da Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra, criada em 1994, que conta já com um disco gravado – “Somos Punks ou não?” – e com dezenas de espetáculos por

todo o país. Na área da dança têm vindo a firmar-se nomes individuais, como é o caso da Diana Niepce, e coletivos, como é o caso do grupo ‘Dançando com a Diferença’. A primeira, é uma bailarina e coreógrafa portuguesa que em resultado da sua tetraplegia tem vindo a experimentar e a desenvolver uma nova linguagem na dança com base no seu corpo, explorado enquanto elemento político. Entre os diferentes trabalhos da bailarina e coreógrafa Diana Niepce destacam-se os seus trabalhos “12 979 Dias” (2019), “Duetto” (2020), “T4” (2020), “Anda, Diana” (2021), “O outro lado da dança” (2022), “Enfreakment” (2024), “Utopia” (2024). O segundo, é uma companhia profissional de dança que resulta de um grupo com o mesmo nome criado na Região Autónoma da Madeira em 2001 e que explora o conceito de dança inclusiva, juntando bailarinos/as com e sem deficiência. Na área do teatro são inúmeros os exemplos de iniciativas por todo o país. De entre estas sobressai, pela sua longevidade e dinâmica, o ‘Grupo Crinabel Teatro’. Este grupo, criado em 1986, conta já com várias dezenas de produções artísticas e de artistas formados/as ao longo dos anos, e que tem dinamizado diversos encontros de teatro especial e promovido a difusão do uso da prática e linguagem teatral a outras instituições congéneres nacionais e estrangeiras.

É, assim, inegável o avanço operado ao nível da participação das pessoas com deficiência no mundo das artes em Portugal. A sua participação enquanto artistas profissionais e enquanto agentes de produção e programação cultural continua, no entanto, a ser diminuta face ao conjunto de pessoas sem deficiência. Acresce que a arte na deficiência e da deficiência entre nós emerge quase sempre na sua vertente educativa, terapêutica e, em casos específicos, recreativa, sendo muito raramente entendida e apreciada na sua vertente cultural e artística. A afirmação de um movimento de ‘Arte da

Deficiência’ continua, assim, embrionário, e a consolidação de uma cultura alternativa, de resistência e de celebração da diferença, tal como defendido por Oliver e Barnes (1998), continua a ser uma promessa.

3. Contexto e metodologia

3.1. O projeto “A Meu Ver”

Em Portugal, para além das barreiras no acesso às artes e à cultura, no seu sentido restrito, as pessoas com deficiência deparam-se, também, com uma falta de oportunidades de participação no mundo artístico profissional (Acesso Cultura, 2020). Tendo por base a nova visão das pessoas com deficiência e dos seus direitos, emanada da CDPD, temos vindo a assistir à emergência de um crescente número de projetos e programas de apoio à criação e desenvolvimento de contextos e oportunidades inclusivas no mundo da cultura e das artes. Um exemplo deste tipo de iniciativas é, precisamente, o programa “PARTIS & Art for Change” financiado pelas Fundações Calouste Gulbenkian e “la Caixa” que tem por objetivo financiar projetos artísticos de inclusão social em Portugal. Este programa, criado em 2020, apoia, através de ações de capacitação e financiamento, organizações que desenvolvam e implementem práticas artísticas que promovam a inclusão social. O Projeto “A Meu Ver”, em análise no presente capítulo, desenvolvido pelo Teatrão, é um dos projetos financiados pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação “la Caixa” no âmbito do Programa “PARTIS & Art for Change”. Com uma duração de três anos, o “A Meu Ver” (2021-2024) prevê a formação teatral de um grupo de pessoas cegas e com baixa visão, bem como a criação e apresentação de três espetáculos teatrais. Para o seu desenvolvimento, o projeto conta com uma parceria entre a companhia profissional de teatro Teatrão e a Delegação de Coimbra da Associação dos Cegos e Amblíopes

de Portugal (ACAPO), com o objetivo de criar um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral. Para o efeito, foi criada uma oficina regular de teatro “Sala de Ensaios” que, recorrendo a uma equipa artística profissional e multidisciplinar, é responsável pelo desenvolvimento do projeto e da qual resultou já uma primeira peça, intitulada “O que é invisível”, apresentada ao público em março de 2022. O presente capítulo baseia-se no trabalho de acompanhamento do primeiro ano de implementação do ‘A meu ver’, que procurou compreender de que forma a prática teatral contribui para a construção identitária das pessoas com deficiência visual, participantes no projeto “A Meu Ver”.

O projeto “A Meu Ver” assume particular relevo na missão do Teatrão dado o amplo trabalho que esta companhia profissional de teatro tem vindo a realizar, em particular a partir de 2010, na implementação de projetos de mediação com a comunidade que envolvem uma vertente de inclusão social através das práticas artísticas. Tal como é afirmado pela própria companhia, o Teatrão assume:

“[...] a missão de aproximar a arte teatral das comunidades e territórios, promovendo a igualdade de acesso às suas atividades por todos os públicos, através de práticas inclusivas, fruto da sua posição política sobre o papel da arte e cultura no desenvolvimento dos indivíduos e das comunidades.”

(Teatrão, 2023)

A companhia procura, assim, intervir no dia-a-dia das comunidades onde atua e contribuir para que a arte seja reconhecida como prática essencial da sociedade. O Teatrão oferece uma grande diversidade de atividades, onde se incluem as peças de teatro para vários tipos de público (oferecendo serviços de audiodescrição e de tradução para Língua Gestual Portuguesa), programação de espetáculos de outros criadores, formação para todas as idades e intervenção comunitária. Desde a sua criação, o Teatrão tem trabalhado para que a atividade artística seja mais

acessível para todos, aproximando-a às comunidades e ao território. Após assumir os espaços da Oficina Municipal de Teatro (OMT), em 2008, a companhia tem trabalhado para que este espaço seja de proximidade, mas também investindo num trabalho de circulação das produções artísticas em circuitos nacionais e internacionais e não deixando de aposta na dimensão pedagógica e artística (Baltazar, 2021). De modo a concretizar os objetivos da companhia, foram criados diversos projetos, entre eles o projeto pedagógico e os projetos de intervenção, que procuram fazer do acesso à cultura um direito dos cidadãos e das cidadãs (Baltazar, 2021). O projeto pedagógico é o elo de ligação entre as diferentes dimensões das atividades da companhia, concretizando a crença de que o acesso à cultura é um direito, construído através de uma prática regular de hábitos culturais (Baltazar, 2021). O Projeto Pedagógico funciona através de seis programas: “Links”, “Turmas”, “Pastas”, “Explorações”, “Prós Grandes” e “Prós Stôres”. O programa “Links”, é um espaço onde o público participa diretamente no processo de criação, interagindo com os/as artistas, através de rodas de conversa, oficinas e visitas guiadas. O programa “Turmas”, funciona ao longo do ano e oferece formação contínua em práticas teatrais, orientadas por artistas convidados/as, educadores/as ou residentes, oferecendo um espaço de formação para futuros/as atores/atrizes da companhia. O programa “Pastas”, inclui um conjunto de compilações de materiais de apoio produzidos pelo Serviço Educativo e pela investigação conduzida nos projetos da companhia. O programa “Explorações” funciona através de workshops, percursos ou visitas guiadas, faz o público contemplar e experienciar outras formas de ocupar e conviver na vida quotidiana urbana e cruzar estas experiências com a exploração da linguagem do teatro e da performance. O programa “Prós Grandes” é realizado em parceria com redes locais

de apoio (Centros de Dia e Lares), e é um projeto teatral destinado à população sénior. Por fim, o programa “Prós Stôres” é dirigido a professores/as e educadores/as e oferece cursos de curta e média duração com a possibilidade de coprodução.

O projeto “A Meu Ver”, integra-se no programa “Turmas” do Projeto Pedagógico do Teatrão, e dá sequência a outros programas de formação e criação artística com diferentes tipos de comunidades (jovens de bairros sociais – 2010/2011; jovens filhos de emigrantes – 2011/2012; jovens em situação ou risco de abandono escolar – 2012/2013), que a companhia tem vindo a desenvolver ao longo da última década. É nesta vertente de mediação que se enquadra a experiência partilhada neste capítulo, abrindo assim novos canais para pensar a atividade artística na relação com as suas possibilidades de mediação entre diferentes tipos de públicos, explorando ao mesmo tempo os diferentes níveis que podem assumir os seus formatos de participação cultural. No caso em particular do “A Meu Ver”, o desenvolvimento deste espaço de criação, formação e expressão artística abre novas possibilidades para pensar a inclusão social de comunidades muitas vezes invisibilizadas pela sociedade em geral, repensando e reformulando os formatos da participação cultural. Este projeto envolveu um conjunto de 11 pessoas com deficiência visual, cinco homens e seis mulheres, com idades compreendidas entre os 32 e os 72 anos, residentes em diferentes freguesias do distrito de Coimbra e com um nível de escolaridade bastante heterogéneo (2 pessoas com o 1º ciclo do ensino básico; 2 pessoas com o 3º ciclo do ensino básico; 4 pessoas com o ensino secundário e 3 pessoas com o ensino superior). Este grupo é, também, bastante diverso no que concerne às circunstâncias de vida. Das 11 pessoas participantes, 6 são casadas ou vivem em união de facto, 3 são solteiras e 2 são divorciadas. No que concerne à

condição face ao emprego: 5 pessoas estavam reformadas por invalidez devido a incapacidade permanente para o trabalho, 4 pessoas estavam desempregadas e à procura de emprego, 1 pessoa estava empregada por conta de outrem e 1 pessoa estava a realizar trabalho socialmente necessário no âmbito da medida ‘contrato emprego -inserção+’.

3.2. Estratégia metodológica

A presente investigação privilegiou uma abordagem qualitativa, realizando um estudo de caso, de carácter exploratório, que decorreu entre outubro de 2021 e agosto de 2022. Os dados aqui reportados foram coletados através de quatro técnicas de recolha de dados: observação participante, inquérito por questionário, entrevistas semiestruturadas e grupos focais. Foi realizada observação participante em 24 ensaios, que decorreram na “Sala de Ensaios” da OMT, do grupo de participantes do projeto “A Meu Ver”. Foram realizadas 22 entrevistas em dois momentos temporais distintos. Num primeiro momento, que decorreu entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, foram realizadas 11 entrevistas semiestruturadas a todas as pessoas participantes do “A Meu Ver”. Tendo em conta o contexto de pandemia de COVID-19, as entrevistas foram realizadas presencial ou telefonicamente, conforme preferência do/a entrevistado/a. Estas entrevistas tiveram por objetivo conhecer os/as participantes do projeto “A Meu Ver”; fazer um levantamento das suas expectativas; identificar as alterações produzidas pela prática teatral no seu dia-a-dia; e descrever a sua relação com as práticas culturais e artísticas. Neste primeiro momento e no início da entrevista foi aplicado um inquérito por questionário, visando a recolha de dados sociodemográficos dos participantes. Num segundo momento, foram realizadas 11 entrevistas ao mesmo grupo alvo em formato presencial ou telefónico, tal como anteriormente. Este segundo momento

de entrevistas dinamizadas em Abril de 2022, imediatamente após a apresentação da peça teatral produzida pelo projeto – “O que é invisível” – teve por objetivo recolher as preocupações, dificuldades e desafios enfrentados pelos participantes do projeto, identificar e recolher as estratégias de superação mobilizadas, avaliar o seu grau de satisfação com o projeto e identificar possíveis impactos da sua participação. No final do primeiro ano foram dinamizados 2 grupos focais: 1 com os profissionais da ACAPO envolvidos no projeto e 1 com os profissionais do Teatrão, no primeiro caso com o objetivo de analisar a participação da ACAPO na implementação do projeto e no processo de criação artística, e, no segundo caso, de analisar o impacto do projeto “A Meu Ver” no Teatrão e nos profissionais do Teatrão. No grupo focal com a ACAPO estiveram presentes três técnicas da instituição (2 técnicas de orientação e mobilidade e 1 assistente social). No grupo focal com o Teatrão estiveram presentes quatro pessoas (2 elementos da estrutura de gestão e direção da companhia, assim como os 2 formadores do grupo e, também, encenadores da apresentação anual). As entrevistas foram gravadas em formato áudio e, posteriormente, transcritas, tendo sido exploradas através de uma análise temática (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006) que nos permitiu proceder à identificação e análise dos temas dominantes.

Todas as pessoas entrevistadas foram previamente informadas dos objetivos das entrevistas. O agendamento e realização das entrevistas teve lugar após a aceitação do protocolo de consentimento informado por parte do/a entrevistado/a, sendo que, o/a entrevistador/a deu conhecimento e transmitiu a informação escrita que consta no mesmo, verbalmente e, posteriormente, questionou acerca da aceitação dos/as envolvidos/as no estudo.

4. Apresentação e discussão de resultados

As artes constituem uma importante ferramenta de desconstrução, questionamento e crítica social, bem como de reconstrução e apresentação de novas narrativas da realidade. No caso das pessoas com deficiência, o acesso e participação na prática artística e cultural, bem como a construção de uma linguagem própria que possa expressar as suas experiências, tem vindo a assumir um lugar de destaque e a apresentar-se como uma reivindicação e como um direito. Entre as diferentes artes, o teatro tem-se afirmado como uma prática cultural significativa dentro dos processos de resistência, na medida em que evidencia as capacidades e potencialidades dos indivíduos (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2020). Como espaço que permite interações e interpretações, bem como a utilização do imaginário, o teatro apresenta um elevado potencial de expressão de novos mundos e de novas experiências, bem como de afirmação de novas linguagens e de novas conceções da realidade (Muñoz-Bellerín & Cordero-Ramos, 2021). Neste sentido, podemos dizer que a atividade artística pode ser encarada como um espaço de mediação, isto é, como um espaço de fronteira que permite a comunicação e a articulação entre diferentes conceções e experiências da realidade, neste caso entre uma cultura dominante e uma nova cultura alternativa, mas também como um espaço de afirmação de direitos. Estes direitos concretizam-se, não só no acesso e na participação na atividade e na prática cultural, mas, também, na possibilidade de reconfiguração e apresentação de novos direitos de cidadania: através da formação artística; através do acesso à cultura como consumidores e, através do desenvolvimento de uma visão mais crítica e reflexiva sobre a sociedade.

No caso do projeto “A Meu Ver”, como pudemos verificar, a formação, prática e consumo teatral possibilitados, criou espaços de mediação que permitiram, não

só, chegar a públicos tradicionalmente afastados desta arte, como são o caso das pessoas com deficiência, mas também, criar um espaço para a “agência” desses mesmos públicos, tornando-os mais ativos na construção e reconstrução desta prática e, conseqüentemente, dos seus direitos como cidadãos e cidadãs. Como foi possível observar ao longo da implementação do projeto e, posteriormente, verificar aquando da realização das entrevistas, a prática e a experiência artística permitiu, também, uma incorporação, ou maior evidência, do teatro e das artes na autoidentificação das pessoas com deficiência participantes no projeto. Por outro lado, facilitou a coletivização da experiência da deficiência e, conseqüentemente, a sua politização, criando uma maior consciência de que a maioria dos problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência não derivam diretamente das suas incapacidades, mas sim das barreiras existentes na comunidade em que estão inseridos/as.

4.1. Acesso e participação na prática artística e cultural

Estes impactos do projeto “A Meu Ver” apresentam-se alinhados com os objetivos definidos pelo próprio Teatrão em sede de candidatura, de tornar visível que os problemas decorrentes da deficiência estão relacionados com as formas de organização social e não com as funcionalidades do corpo. A coletivização da experiência da deficiência através da prática artística e da incorporação identitária permitiu ao projeto contribuir para a desconstrução de uma conceção médica da deficiência e para a disseminação de um entendimento social da deficiência, permitindo assim uma visibilidade das pessoas com deficiência e uma reflexão conjunta sobre o seu estatuto como cidadãos de pleno direito. Como pudemos testemunhar através dos diferentes momentos de observação, a da criação de um espaço onde é possível ficcionar teatralmente tendo por base interesses e percepções dos participante

, criou, nesta primeira fase do projeto, uma consciência de grupo nas pessoas participantes e nas suas redes de apoio primárias. Por outro, a apresentação pública de um espetáculo, que resultou de um esforço conjunto entre todos/as os/as participantes, colocou na esfera pública uma tomada de posição sobre o lugar que a atividade artística pode ocupar na mediação entre a entidade o Teatrão e um grupo de pessoas com deficiência, tradicionalmente mais afastados dos circuitos culturais e que entendem esta possibilidade de participação cultural como um contributo para um melhor cumprimento dos seus direitos de cidadania. Os dados da observação participante e das entrevistas realizadas evidenciaram, precisamente, a preocupação da equipa de coordenação do trabalho em preservar os diferentes tipos de participação e contributos das pessoas envolvidas, quer no processo de escrita, quer de construção do espetáculo “O que é invisível”. Durante o processo de escrita e construção da peça os/as participantes contribuíram ativamente para este processo através da formulação de opiniões, de sugestões e da apresentação de ideias específicas da expressão dos seus interesses individuais e das suas disponibilidades para assumirem determinadas funções no espetáculo, e, numa fase mais avançada de preparação do espetáculo, através da apresentação de sugestões de alteração de partes do texto e de adaptação do dispositivo cénico às necessidades específicas individuais de movimentação e de orientação espacial. Esta participação ativa das pessoas com deficiência na construção do guião, na definição, disposição e até mesmo construção dos elementos cénicos é bem evidente nos testemunhos, retirados das entrevistas realizadas, que transcrevemos de seguida:

“Sim, sim. Aquele primeiro texto inicial, aquele que estava gravado, o primeiro esboço foi eu que o fiz. [...]”

(Entrevistado/a 6 – Momento 2)

“Tive, tive. Para já, antes da primeira cena, antes dessa cena ser escrita propriamente, foi conversada, foi falada, na altura, com o X [encenador], e ele escreveu essa primeira cena em conformidade com aquilo que nós já tínhamos falado anteriormente. Depois do texto, houve uma ou outra coisa que também falei com o X [encenador] – via telefone até – que fizemos essas pequenas alterações no texto. Isto em relação à primeira cena. A segunda cena, (...) na questão do palco e indumentária, sim. A sugestão de vestirmos, por exemplo, de branco ou de termos vestido, pronto, estar vestidas de branco ou uma cor muito clara, foi sugestão que eu dei. A sugestão das coisas no palco, à exceção de uma coisa, também foi dada por mim: a questão da banheira, coisas que fossem já antigas, que à partida fizessem lembrar ... coisas colocadas de parte que já não se usam porque estão estragadas. (...) Então, essas sugestões foram dadas, foram feitas e foi a participação que tive. Depois a ligação, toda, aquela narração, também foi apresentada, foi conversada – falei sempre com o X [encenador], que foi ele que escreveu, no sentido de obter dali a minha percepção e perceber também qual era a percepção do X [encenador] (e a percepção era idêntica, sem dúvida) e depois foi construir toda essa narração: permitir que fosse aquele elo, aquela ligação entre as várias cenas. As pessoas não estarem, eventualmente, totalmente despojadas ou desenquadradas nesse sentido. Tive a participação. E a máscara, inclusivamente aquela máscara de gesso que estava na primeira cena, essa máscara foi feita mesmo – tive lá no Teatrão para aí uma hora e meia com gesso na cara, para fazer o molde daquela máscara. Depois foi trabalhada e foi colocada. Portanto, tive a participação em várias coisas.”

(Entrevistado/a 10 – Momento 2).

Como foi possível verificar, aquando da realização do segundo momento de entrevistas, que teve lugar após a apresentação pública da peça, a participação no projeto possibilitou aos participantes acederem à prática artística teatral, também como espectadores. Esta experiência significou, para algumas destas pessoas, um abrir de portas para uma nova realidade e dinâmica cultural à qual tinham pouco ou nenhum acesso. Para tal, não é despendendo notar o investimento

desta companhia de teatro na aquisição de uma cabina de audiodescrição, bem como a disponibilização de serviços de audiodescrição e de tradução para Língua Gestual Portuguesa (LGP) em todos os espetáculos levados à cena desde o início deste projeto. Esta maior participação em espetáculos é revelada por vários dos nossos entrevistados:

“Sim, se calhar já fui ver mais espetáculos lá no Teatrão que eu fui numa porrada de anos. Antigamente era solteiro e ia ao cinema. Acho que nunca tinha ido ao teatro.”

(Entrevistado/a 4 – Momento 2)

“Mudou um bocadinho porque nos foi proporcionado outros eventos também.”

(Entrevistado/a 7 – Momento 2)

“A questão do teatro permitiu-me, por exemplo, aceder mais vezes a peças de teatro. Já o fazia anteriormente, mas era só uma coisa muito esporádica. Agora, passou a ser um pouco mais consistente.”

(Entrevistado/a 10 – Momento 2)

Interessante foi, ainda, verificar como a ativação deste processo de participação cultural das pessoas com deficiência visual, encetado pelo projeto, potenciou a sua maior participação na comunidade e, conseqüentemente, contribuiu para o seu processo de inclusão social. Este processo parece ter resultado de uma confluência de fatores entre os quais destacamos: a articulação da coordenação do projeto com a autarquia de Coimbra na efetivação e facilitação de opções de mobilidade e transporte de e para o local dos ensaios do projeto, a Oficina Municipal de Teatro; o investimento, anteriormente descrito, do Teatrão na eliminação de barreiras no acesso e experiência da prática teatral; e, de grande importância nos relatos das pessoas entrevistadas, o reconhecimento e valorização das suas vozes, opiniões, experiências e leituras. A importância dada pelas pessoas participantes ao acesso a práticas culturais e à participação nestas práticas, foi bem frisada por uma das técnicas da ACAPO responsável pelo acompanhamento

deste grupo por nós entrevistada num grupo focal:

“(…) se trata sobretudo da possibilidade de usufruir um direito como qualquer outro cidadão, o acesso à cultura tem de ser um direito, não só das pessoas com deficiência visual, mas de qualquer outra pessoa. E o facto de poder aceder à cultura com facilidade da mesma forma do que outra pessoa sem deficiência, acho que isso acaba por ser uma mais-valia e estas pessoas sentem isso mesmo (...). [...] Ou quero fazer parte (...). Neste caso, é o fazer parte.”

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

Os nossos dados revelam, assim, que o próprio processo de mediação cultural, neste caso específico, possibilitado pelo “A Meu Ver”, opera uma transformação das pessoas participantes a nível individual e social, a que acresce a componente artística já incluída na vertente de formação do projeto. Entre as mudanças a nível individual, visíveis nalgumas das vozes que reproduzimos abaixo, são de destacar: o aumento da concentração e da motivação no dia-a-dia, a maior autoestima e sensação de realização pessoal, a maior capacidade de tomada de decisão, para além das questões de posicionamento de voz e de postura corporal.

“A mudança que eu sinto é, mais mesmo, eu sentir-me mais motivada. Não mudou assim mais nada de significativo, mas, pelo menos, eu sinto-me mais motivada, mais realizada. Continua a ser enquanto estou ocupada, quando cai no vazio as coisas não são assim tão simples. Pelo menos, nessa parte, tenho momentos de me sentir muito bem. Mais prolongados. [...]”

Sim, trouxe-me vantagens. Para tornar mais fácil a minha decisão, nas participações que possam acontecer, decido-me com mais determinação.”

(Entrevistado/a 3 – Momento 2)

E: Quer dizer que isto lhe trouxe algumas mudanças, embora poucas, mas que foram vantajosas para a sua vida?

e: E também noto, neste momento, mais concentrada no trabalho e no meu dia-a-dia. (Entrevistado/a 5 – Momento 2)

“Mudou! Além de eu ser já positiva na minha vida, nos meus problemas, na minha situação, mudou porque eu tenho a certeza (e tenho mesmo) que a minha energia, a minha autoestima ficou muito mais, muito maior.” (Entrevistado/a 9 – Momento 2)

e: Sim, mais à vontade. Mais à vontade com as pessoas, mais brincalhona talvez. Mais à vontade em determinadas situações; noutras, o teatro e não só – mas é agora do teatro que estamos a falar -, veio trabalhar a parte da concentração, a parte da memória, a parte da correção postural. Veio trabalhar vários aspetos. Isso são aspetos que são integrados depois na vida quotidiana, do dia-a-dia, em vários momentos vão sendo integrados de uma forma muito normal e muito dinâmica, como as coisas é suposto serem. Portanto, não houve assim uma mudança radical, assim uma coisa... eu era assim até este ponto e, a partir dali, passei a ser de forma totalmente diferente – não, não houve essa mudança; mas houve pequenas mudanças que foram sendo integradas ao longo do tempo e continuam a ser integradas.

(Entrevistado/a 10 – Momento 2)

Este processo de transformação individual e social potenciado pela prática artística e cultural carece, no entanto, de sustentação por parte das entidades artísticas e culturais. Não obstante não ser possível afirmar que o projeto “A Meu Ver” produziu um impacto profundo e duradouro na estrutura e nos/as profissionais desta companhia de teatro, as palavras de um dos dirigentes do Teatrão, entrevistado em contexto de um grupo focal, evidenciam, no entanto, a existência de sensibilização para esta necessidade e direito das pessoas com deficiência, bem como de alguma permeabilidade à emergência de novas narrativas e novas linguagens teatrais:

“(…) essa noção de se começar a promover cada vez mais atividades com a participação de pessoas com deficiência, vai fazer com que a estética vigente da arte comece a contemplar essas pessoas também no meio. E também, às vezes, é um exercício de humildade nossa, de perceber que, talvez, não tem de existir uma necessidade prévia nas pessoas com deficiência. Ou seja, aqui trata-se de fazer uma coisa ao mesmo tempo. Trata-se

de fazer esta simbiose de apresentar e fazer, deixar que as coisas contaminem.”
(Dirigente e Profissional do Teatrão – Grupo focal 2)

4.2. Participação cultural e inclusão social

O acesso à cultura e à prática artística apresenta-se como essencial à efetivação do direito à cultura, à afirmação de uma cultura da deficiência e à construção de uma cultura onde todas as pessoas se sintam representadas. A prática cultural proporcionada às pessoas com deficiência participantes no projeto “A Meu Ver” propiciou um conjunto de impactos nas suas vivências diárias que extravasaram esta dimensão cultural. Como foi possível verificar aquando da realização do primeiro momento de entrevistas, a motivação inicial mobilizadora da participação da maioria dos/as participantes do projeto foi a necessidade de uma atividade externa à sua vivência quotidiana, como bem exemplifica o testemunho deste/a participante:

“É mais para sair um bocado de casa, estou sempre aqui durante o dia. À quinta-feira, quando vou, a esta hora já estou pronto, que vou apanhar o autocarro às duas e meia, ali naquela paragem.”
(Entrevistado/a 4 – Momento 1).

Tendo em conta esta motivação, não é assim de estranhar que as principais mudanças relatadas, nesta fase, pelos/as participantes sejam de ordem social e espacial. São mudanças resultantes da maior mobilidade dos/as participantes para fora do seu contexto familiar e da sua esfera privada, produzidas pela participação nos ensaios e nas atividades do projeto. Esta mudança foi facilitada pela formação em orientação dada pela ACAPO de Coimbra aos participantes do projeto, de forma a aumentar a sua familiarização com o trajeto de e para a OMT, bem como o incentivo e diligências desenvolvidas pelo Teatrão de forma a promover a utilização de transportes públicos. Alguns dos testemunhos

recolhidos dão conta dessa transformação:

“Agora em termos de transportes, passei a usar um autocarro que não me era sequer nada familiar, não usava, que é o 24T. Nunca o tinha usado anteriormente e passei-o a usar de uma forma mais habitual.”
(Entrevistado/a 10 – Momento 2).

“O conhecimento dos trajetos para virem autonomamente. Porque nenhum deles sabia vir ao Teatrão, nenhum. [...] Nem nunca tinham vindo. [...]. O reconhecimento de trajetos, o elencar quais os transportes disponíveis, toda essa formação foi feita e as pessoas estão a vir e a ir de forma autónoma.” (Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

Este impacto é especialmente relevante já que, como tem sido denunciado, a maioria das pessoas com deficiência ainda vive em contextos de grande isolamento social, fruto da falta de acessibilidades do meio físico envolvente que as impede de saírem de casa e de se deslocarem na sua área de residência, bem como da sua manutenção em estruturas residenciais afastadas da comunidade e do mercado de trabalho, com prejuízo claro para o seu envolvimento em redes de sociabilidade e participação social. Tal como os dados dos últimos Censos à população portuguesa revelaram: a percentagem de pessoas com 5 ou mais anos com uma incapacidade a viver em alojamento de tipo coletivo é muito superior à das pessoas sem qualquer tipo de incapacidade (8% face a 1,5% respetivamente) e do total de pessoas com incapacidade motora, 68,1% vive em alojamento sem acessibilidade para pessoas em cadeira de rodas (INE, 2022). A estas barreiras físicas somam-se as barreiras económicas à participação social. Como também revelam os Censos de 2021, do total de pessoas com uma qualquer incapacidade com 15 ou mais anos apenas 15,6% eram ativas no mercado de trabalho, por comparação a 58,5% das pessoas da mesma faixa etária sem qualquer incapacidade, acresce que 71,9% das pessoas com incapacidade apresentava como fonte de rendimento

uma reforma ou pensão (INE, 2022). A relevância do projeto para combater este isolamento social é clara nas palavras de uma outra técnica da ACAPO de Coimbra também entrevistada no âmbito do mesmo grupo focal:

“(...) há pessoas com [...] deficiência visual que gostariam de ir e não vão pelos constrangimentos que sentem, pelas dificuldades que sentem antes de lá chegar. Em termos de mobilidade, transporte, mesmo em termos de espetáculo [...], já para não falar nas outras dificuldades. [...] Muitos acabam por estar isolados. Há um ou outro que não vive aqui na cidade e está mais isolado e em aldeias, meios pequenos, pronto... não tem tanta convivência. Então, eu penso que isto, para o isolamento [...], penso que é muito importante.”

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

A um aumento das oportunidades de interação social proporcionada pelo projeto, acresce uma oportunidade de sensibilização da comunidade face às questões da deficiência, bem como uma integração sistemática no espaço e prática teatral de todos e todas, independentemente de possuírem ou não alguma incapacidade. Este aspeto de normalização e integração sistemática da diferença é também salientado pela mesma técnica:

“Porque há muitas pessoas que, para além de sofrerem com o estigma de serem cegos ou baixa visão, também elas próprias não se identificam como tal e portanto, tudo o que fazem no seu dia-a-dia tentam por tudo que não seja ligado a uma Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal. Ou seja, o participar no Teatrão e ser aqui no Teatrão, normaliza a coisa. Vai ao Teatrão quem gosta de fazer teatro e qualquer pessoa pode ir. “

(Técnica da ACAPO – Grupo focal 1)

A sensibilização da e para a cultura teatral é, no entanto, o impacto mais evidente deste projeto. A facilitação e fomento do consumo desta prática artística por parte do projeto e da direção da companhia, permitiu um maior acesso a espetáculos de teatro, nalguns casos mesmo uma iniciação no consumo desta prática,

tendo em conta que algumas destas pessoas nunca tinha tido a oportunidade de assistir a um espetáculo de teatro. As pessoas com uma qualquer incapacidade visual, em resultado das suas necessidades específicas para experienciar uma peça teatral onde, muitas vezes, se conjugam elementos visuais e auditivos, têm estado arredadas da oferta teatral existente na grande maioria das cidades portuguesas. O projeto “A Meu Ver” mediou, assim, o primeiro contacto e um contacto regular e frequente com espetáculos de teatro, contribuindo para efetivar o direito à cultura e ao consumo cultural por parte deste grupo específica de pessoas com deficiência que, pelas razões anteriores, tem estado particularmente afastada. Este projeto é, no entanto, um embrião isolado daquilo que pode e deve ser feito de forma a promover o direito à cultura nas suas diferentes dimensões e níveis de participação. O trabalho está praticamente todo por fazer como ressalta um dos dirigentes do Teatrão:

“Sabemos o grau de dificuldade que nós temos, por isso a questão da mediação é tão importante para o Teatrão, porque está muito ligada à génese da companhia, às questões como a educação artística e à defesa que a atividade artística devia fazer parte do ensino público, que as escolas deviam ter um acesso e uma prática artística nos seus currículos, quer dizer... isto faz parte um bocadinho da nossa filosofia de trabalho. [...] Há também uma necessidade dos agentes culturais e das equipas, e do próprio município ou, das pessoas que pensam as políticas culturais de terem uma formação específica nesta área.”

(Dirigente e Profissional do Teatrão – Grupo focal 2)

O processo de inclusão social na e pela cultura constitui, no entanto, um processo inacabado por natureza, que obriga a um constante investimento, alerta e monitorização por parte das diferentes partes envolvidas.

5. Conclusão

A análise apresentada ao longo deste capítulo, evidencia a importância do “A Meu Ver” enquanto projeto de mediação e participação cultural entre uma organização artística e um grupo social tradicionalmente afastado desta expressão artística e cultural – pessoas com cegueira ou baixa visão -desenvolvido por uma companhia profissional de teatro. Este projeto inscreve-se num percurso desenvolvido por esta companhia ao longo dos últimos 12 anos, de trabalho de mediação direta através da atividade artística com diferentes tipos de comunidades por meio de projetos de formação e de intervenção artística. Esse trabalho tem permitido aprofundar metodologias de criação artística, aliadas a abordagens metodológicas das Ciências Sociais e Humanas para o desenvolvimento de projetos de intervenção cultural e artística em diferentes tipos de comunidades. Estes projetos, ao acontecerem em contextos multidisciplinares, viabilizam novos entendimentos, percepções e interpretações dos processos de criação artística e apontam novos caminhos para e formatos da participação cultural como estratégia de mediação cultural. Os processos de mediação cultural são aqui entendidos em direta articulação com os processos de acesso e participação cultural, evidenciados em múltiplas camadas e formatos que favorecem o entendimento social da deficiência e a sua perspetivação quotidiana por todos os cidadãos. O conceito de participação cultural sofreu profundas transformações nas últimas décadas, acompanhando a mudança nas instituições culturais e nas suas práticas e produções artísticas (Ateca-Amestoy & Villarroya, 2017). Autores como Novak-Leonard & Brown (2011) assumem uma abordagem múltipla para o entendimento da participação artística que tem em conta diferentes tipos de participação como: assistir a espetáculos e atividades culturais,

envolvimento artístico através dos media e criação artística ou performance. O grau de envolvimento e o controle criativo do indivíduo na sua prática cultural é o critério usado por Brown (2004), classificando assim a participação cultural em diferentes camadas e formatos: inventiva, participativa, interpretativa, observacional e curadoria artística (Brown, 2004). Em suma, a participação cultural tem vindo a evoluir para formatos mais ativos, participativos e em alguns casos colaborativos assumindo dimensões de envolvimento de diferentes tipos de audiências (Tomka, 2013), e refletindo sobre os seus contributos como cidadãos. O processo de mediação no âmbito deste projeto, justifica-se no contexto e historial do Teatrão, onde se entende que a atividade artístico-cultural deve ser acessível, social e culturalmente falando, a diferentes tipos de comunidades e grupos e assumir formatos diferenciados. A criação artística deixa, assim, de ser apanágio de um pequeno grupo de artistas e passa a fazer parte integrante dos processos de construção identitária de pessoas e grupos normalmente afastados dos universos artísticos, existindo, portanto, um processo de apropriação e reconfiguração estética do universo artístico e cultural por parte destes grupos.

Os dados coletados e aqui reportados revelam, por um lado, a importância da acessibilidade dos espaços e dos espetáculos e criações culturais aos diferentes públicos para a efetivação dos direitos das pessoas com deficiência e para a sua participação e inclusão social. Por outro lado, revelam a importância da cultura para o desenvolvimento pessoal e coletivo dos/as participantes do projeto ‘A Meu Ver’. Como ficou patente, o conjunto de práticas artísticas e culturais participativas implementadas pelo projeto permitiu identificar e reequacionar os diferentes níveis de participação cultural e de democratização que a efetiva participação cultural proporciona. Essa democratização pressupõe como

vimos, pelo menos, a consideração de quatro fatores: a inclusão na cultura e na comunidade, a acessibilidades dos espaços e dos espetáculos, o seu repensar para diferentes tipos de públicos e a sua abertura à participação como intervenientes diretos de diferentes grupos de pessoas com características e necessidades específicas.

Bibliografia

- Acesso Cultura (2020). *A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade. Como criar um plano de acessibilidade*. Câmara Municipal de Lisboa. <https://acesso-cultura.org/manual-plano-acessibilidade/>
- Ateca-Amestoy, V. & Villarroya, A. (2017). Measuring Participation in the Arts in Spain. In: Ateca-Amestoy, V., Ginsburgh, V., Mazza, I., O'Hagan, J., Prieto-Rodriguez, J. (eds) *Enhancing Participation in the Arts in the EU*. Springer, Cham. https://doi.org/10.1007/978-3-319-09096-2_2
- Attride-Stirling J. (2001). Thematic networks: an analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385–405.
- Austin, S., & Brophy, C. (2015). *The Creative Case for Inclusive Arts Practices*. Literature Review. Arts Access Victoria. <https://www.art-saccess.com.au/wp-content/uploads/2020/06/Beyond-Access-Literature-Review-website-compressed.pdf>
- Baltazar, B. D. C. (2021). *Identidade em Movimento: Identidade Visual Animada para o Teatrão*. Dissertação de Mestrado em Design e Multimédia apresentada ao Departamento de Engenharia Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Repositório Institucional da Universidade de Coimbra. <https://eg.uc.pt/handle/10316/96038>
- Barnes, C., & Mercer, G. (2010). *Exploring Disability*. Cambridge: Polity Press.
- Becker, H. (1982). *Art Worlds*. Berkeley e Los Angeles. University of California Press.
- Beresford, P. (1996). Poverty and Disabled People: challenging dominant debates and policies. *Disability & Society*, 11(4), 553-567.
- Boeltzig, H., Hasnain, R., & Sulewski, J. S. (2008). Effective Career Development Strategies for Young Artists with Disabilities. The Institute Brief. Issue Number 24. *Institute for Community Inclusion*.
- Braun V. & Clarke V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77-101.
- Brown, S. E. (1997). 'Oh, don't you envy us our privileged lives?' a review of the disability culture movement. *Disability and Rehabilitation*, 19 (8), 339-349.
- Brow, A.S. (2004). *The Values Study: Rediscovering the Meaning and Value of Arts Participation*. Hartford, CT: Connecticut Commission on Culture and Tourism.
- Coleridge, P. (1993). *Disability, Liberation and Development*. Oxford: Oxfam Publishing.
- Comissão Europeia (2021). *União da Igualdade: Estratégia sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência 2021-2030*. Comunicação da comissão ao parlamento europeu, ao conselho, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Bruxelas. <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/PDF/?uri=CELEX:52021DC0101&from=PT>
- Cruz, H. (2021). *Práticas artísticas e participação política*. Lisboa: Edições Colibri.
- Davallon, Jean (2010), "A mediação: a comunicação em processo?" *Prisma.Com*. Revista de Ciências da Informação e da Comunicação do CETAC- Centro de Estudos de Tecnologias e Ciências da Comunicação, 11.
- Davis, L. J. (1995). *Enforcing Normalcy: Disability, Deafness, and the Body*. Londres: Verso.
- Estratégia de Promoção da Acessibilidade e Inclusão nos Museus, Monumentos e Palácios (EPAI) 2021-2025 (2021). Direção-Geral do Património Cultural e das Direções Regionais de Cultura. <https://www.culturaportugal.gov.pt/pt/saber/2022/01/estrategia-d-e-promocao-da-acessibilidade-e-inclusao-nos-museus-monumentos-e-palacios-2021-2025-epai/>
- Estratégia Nacional para a Inclusão das Pessoas com Deficiência 2021-2025 (ENIPD 2021-2025) (2021). Aprovada pela Resolução do Conselho de Ministros n.º 119/2021. <https://www.sgeconomia.gov.pt/destaques/resolucao-do-conselho-de-ministros-n-1192021-aprova-a-estrategia-nacional-para-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia-2021-2025-span-classnovo-novospan.aspx>
- Fontes, F. (2019). Framing Disability in Portugal: Historical Processes and Hegemonic Narratives. In Martins, P. R., Semedo, A. L. & Camacho, C. F. (Coord.), *Representing Disability in Museums. Imaginary and Identities* (pp. 99-118). Porto: Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
- Giddens, A. (1989). *Sociology*. Cambridge: Polity Press.
- Hall, C., & Thomson, P. (2007). Creative partnerships? Cultural policy and inclusive arts practice in one primary school. *British educational research journal*, 33(3), 315-329.

- INE (2022). O que nos dizem os Censos sobre as dificuldades sentidas pelas pessoas com incapacidades. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=66200373&PUBLICACOESmodo=2
- Muñoz-Bellerín, M., & Cordero-Ramos, N. (2020). The role of applied theatre in social work: Creative interventions with homeless individuals. *The British Journal of Social Work*, 50(5), 1611-1629.
- Muñoz-Bellerín, M., & Cordero-Ramos, N. (2021). Citizen Art and Human Rights: Collective Theatre Creation as a Way of Combating Exclusion. 9(4), 1-10.
- Novak-Leonard, J.L., Brown, A.S. (2011). *Beyond Attendance: A Multi-Modal Understanding of Arts Participation*. Washington: National Endowment for the Arts.
- Oliver, M & Barnes, C. (1998). *Disabled People and Social Policy: From exclusion to inclusion*. London: Longman.
- Organização das Nações Unidas (ONU) (2006). *Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência*. <https://www.ministeriopublico.pt/instrumento/convencao-sobre-os-direitos-os-das-pessoas-com-deficiencia>
- Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009. https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=1692A0005&nid=1692&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&so_miolo=&nversao=
- Ribeiro, O. M., & Aguirre, S. (2021). Cultural perspectives of disability in Portugal. *Revista de Letras*, 1(1), 29-62.
- Swain, J. & French, S. (2000). Towards an Affirmation Model of Disability. *Disability & Society*, 15 (4), 569-582.
- Teatrão. (2023). Sobre. <https://oteatrao.com/sobre/>
- Tomka, G. (2013). Reconceptualizing cultural participation in Europe: Grey literature review. *Cultural Trends*, 22: 3-4, 259-264.
- Wendell, S. (1996). *The Rejected Body: Feminist Philosophical Perspectives on Disability*. London: Routledge.
- Turmusani, M. (2002). Work and adulthood: economic survival in the majority world. In: M. Priestley (Ed.), *Disability and the life course – Global Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 192-205.
- Zaidi, A., Burchardt, T. (2002). Comparing Incomes when Needs Differ: Equivalisation for the Extra Costs of Disability in the UK. CASE Paper No. 64. London: Centre for analysis of Social Inclusion.

Resultado e Impactos da Implementação do projeto A Meu Ver

Autores

Cláudia Pato de Carvalho, Fernando Fontes e Susete Margarido
(por ordem alfabética), Centro de Estudos Sociais

1. Introdução

O A Meu Ver é um projeto com duração de três anos, resultante de uma parceria entre o Teatrão – Oficina Municipal do Teatro e a Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO) – Delegação de Coimbra. O projeto é financiado pelo Programa PARTIS & Art for Change da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação “la Caixa” e pela Direção-Geral das Artes/República Portuguesa. O “A Meu Ver” inclui uma vertente científica e académica, através de uma parceria com o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e, também, uma parceria com o poder local, nomeadamente, com o Município de Coimbra.

Neste projeto de inclusão pelas artes, o objetivo principal prende-se com a criação de um núcleo de trabalho dedicado à prática teatral onde os participantes são, maioritariamente, pessoas cegas ou com baixa visão. Deste modo, a atividade principal do projeto é direcionada a pessoas com deficiência visual e materializada através da “Oficina de Teatro” (sala de ensaios) criada para o efeito.

O A Meu Ver teve início em janeiro de 2021 com um grupo de iniciação à prática teatral constituído, exclusivamente, por pessoas com deficiência visual que estreou no palco do Teatrão, em março de 2022, a peça original “O que é Invisível”. Em setembro de 2022, o Teatrão ampliou este grupo, através da abertura à comunidade de uma demonstração de interesse em participar no projeto, passando a integrar pessoas com e sem deficiência visual, perfazendo o total de 18 participantes. Em junho de 2023 este grupo estreou a peça

“O Sr. Biedermann e os Incendiários”.

Dada a ausência ou a diminuta participação das pessoas com deficiência do mundo da cultura e das artes, como público, como artistas profissionais e como agentes de produção e programação cultural, este projeto reveste-se de particular importância no panorama cultural nacional, regional e local. Aliando a formação artística de pessoas com deficiência, à captação e formação de novos públicos para as artes, à dinamização de momentos de reflexão sobre a inclusão na e através da arte, o projeto A Meu Ver procurou sensibilizar e formar a comunidade de artistas, de agentes culturais e o público em geral para a invisibilidade das pessoas com deficiência e para o silenciamento das suas vozes e visões do mundo na sociedade em geral e na cultura em particular.

As breves reflexões que aqui apresentamos resultam do trabalho de acompanhamento científico desenvolvido pela equipa do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra ao longo dos dois primeiros anos de implementação do projeto. Assim, num primeiro momento passaremos em revista a estratégia metodológica definida para o acompanhamento e avaliação de impacto do projeto. De seguida apresentaremos os instrumentos de recolha de dados utilizados, de forma a que possam ficar disponíveis para utilização total ou parcial por outras equipas de investigação e potenciar a comparação de resultados. Num segundo momento, de forma a melhor contextualizar uma breve apresentação de resultados, faremos

uma breve caracterização do grupo de participantes com e sem deficiência visual que participaram no projeto. Esta caracterização será seguida pela republicação do artigo “As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual” (Fontes, Carvalho e Margarido, 2023) onde a equipa reflete de uma forma ampla sobre os resultados do primeiro ano de implementação do projeto A Meu Ver. Num terceiro e último momento apresentamos alguns resultados provisórios da monitorização efetuada no segundo ano de implementação do projeto.

2. Estratégia Metodológica

O trabalho de acompanhamento científico e avaliação de impacto desenvolvido mobilizou três campos principais de investigação e, conseqüentemente, quadros teóricos diversos: os Estudos da Deficiência, os Estudos Culturais e a Avaliação de Projetos. Em comum estes três campos apresentam a sua multidisciplinaridade e a mobilização de diferentes metodologias e técnicas de recolha de dados e estudos. As conclusões provisórias do acompanhamento do projeto A Meu Ver têm na sua base a triangulação de dados, maioritariamente, qualitativos, recolhidos através de diferentes técnicas e por diferentes instrumentos. Este trabalho de acompanhamento foi norteadado pelo modelo social da deficiência e o entendimento desta última como uma forma de opressão social das pessoas com um qualquer tipo de incapacidade. A deficiência constitui, assim, uma construção social, que coloca as pessoas com deficiência numa situação de desvantagem e de exclusão social resultante do conjunto de barreiras que impedem a sua participação na sociedade e oprimem a sua existência. A adoção do modelo social da deficiência como a base ontológica e epistemológica (Priestley,

1997) significa para nós a rejeição total de abordagens individualistas e de um entendimento da deficiência como uma forma de tragédia pessoal, e a concentração do nosso trabalho na identificação e visibilização das diferentes barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência na sua vida quotidiana.

O nosso trabalho de acompanhamento procurou, para além de apoiar a equipa responsável pela implementação do projeto, analisar o processo de inclusão das pessoas com deficiência visual participantes no projeto A Meu Ver na estrutura profissional de teatro – O Teatrão. Através desta análise procuramos identificar as estratégias de inclusão utilizadas, as limitações e barreiras enfrentadas na implementação dessas estratégias, bem como o impacto deste projeto na estrutura e dinâmica do Teatrão, nas vidas das pessoas com deficiência visual participantes e na comunidade local.

Para cumprir estes objetivos e responder às questões que lhes estão subjacentes, combinámos uma investigação multi-faseada com uma abordagem multimétodo que se vai adaptando ao longo dos três anos de duração do projecto.

A primeira fase de acompanhamento do projeto A Meu Ver (avaliação inicial – fase 1) teve início em outubro de 2021 e terminou em Agosto de 2022. Esta fase 1 coincidiu com o período de preparação e rescaldo da apresentação pública da primeira peça do projeto “O que é invisível” (Teatrão, 25-27 Março 2022). O trabalho de acompanhamento neste primeiro ano combinou a realização de observação participante na oficina regular de teatro criada para o efeito (Sala de Ensaios), com a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas com deficiência visual participantes no projeto acompanhadas do preenchimento de um questionário sociodemográfico, com a dinamização de grupos focais com a equipa do Teatrão responsável pela

implementação do projeto e pela Sala de Ensaios, e com as entidades parceiras (ACAPO e Município de Coimbra).

A observação direta, realizada em 24 ensaios do projeto A Meu Ver, teve por objectivo acompanhar de forma mais próxima o processo de integração do grupo de participantes na estrutura do Teatrão, registar dificuldades e estratégias de superação individuais e coletivas, dinâmicas de relacionamento interpessoal criadas na Sala de Ensaios, adequação da resposta e da estrutura às necessidades das pessoas participantes. Os dados recolhidos foram registados num caderno de registos de campo que foi posteriormente analisado de forma a complementar e validar os dados recolhidos através das entrevistas semi-estruturadas e grupos focais.

As entrevistas semi-estruturadas, às pessoas participantes no projeto (11), tiveram lugar em dois momentos temporais: um primeiro momento entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022 e um segundo momento em abril de 2022, perfazendo um total de 22 entrevistas. A realização destas entrevistas foi, ainda, afetada pelo contexto pandémico, daí termos entrevistas telefónicas e entrevistas presenciais, de acordo com a preferência da pessoa entrevistada. O primeiro momento de entrevistas, pouco depois do início do trabalho de acompanhamento, teve por objetivo conhecer os/as participantes no projeto; fazer um levantamento das suas expectativas; identificar as alterações produzidas pela prática teatral no seu dia-a-dia; e descrever a sua relação com as práticas culturais e artísticas. O segundo momento de entrevistas, imediatamente após a apresentação da peça “O que é Invisível”, teve por objetivo recolher as preocupações, dificuldades e desafios enfrentados pelos participantes do projeto, identificar e recolher as estratégias de superação mobilizadas, avaliar o seu grau de satisfação com o projeto e identificar possíveis impactos

da sua participação. As entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas, e analisadas tematicamente (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006) de forma identificar e analisar os temas dominantes.

A realização das entrevistas foi precedida da aplicação de um questionário sociodemográfico de caracterização da pessoa entrevistada e do seu contexto familiar e situação face ao trabalho. Os dados aqui recolhidos constituíram importantes variáveis de análise dos dados das entrevistas e de caracterização do grupo de participantes do projeto A Meu Ver.

Os dois grupos focais dinamizados no final desta primeira fase de acompanhamento, com os profissionais da ACAPO envolvidos no projeto e com os profissionais do Teatrão, tiveram por objetivo: no primeiro caso, analisar a participação da ACAPO na implementação do projeto e no processo de criação artística, e, no segundo caso, analisar o impacto do projeto no Teatrão e nos seus profissionais. O grupo focal com a ACAPO foi participado por três técnicas da instituição (duas técnicas de orientação e mobilidade e uma assistente social). O grupo focal com o Teatrão foi participado por quatro pessoas (dois elementos da estrutura de gestão e direção da companhia, e dois responsáveis pela Sala de Ensaios).

A segunda fase de acompanhamento do projeto A Meu Ver (avaliação on-going – fase 2) teve início em novembro de 2023 e término em janeiro de 2024. Esta fase 2 foi desenvolvida após a apresentação pública da segunda peça do projeto “O Sr. Biedermann e os Incendiários” (Teatrão, 8-10 Junho 2023). O trabalho de acompanhamento neste segundo ano foi fortemente afetado, temporal e metodologicamente, pela impossibilidade de consubstanciar de forma efetiva a parceria com o mestrado em Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, tendo combinado a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas

com e sem deficiência visual participantes com aplicação de questionário sociodemográfico. Foi realizado um total de 16 entrevistas num único momento temporal. Foram definidos dois grupos alvo (pessoas que integraram o projeto na época 2021-2022 – grupo 1, pessoas que integraram o projeto na época 2022-2023 – grupo 2) e utilizados dois guiões de entrevista adaptados às trajetórias dos/s participantes no projeto. O guião aplicado ao Grupo 1 teve por objectivo: identificar as motivações das/os participantes para continuar no projeto; compreender a evolução das expectativas dos/as participantes face ao projeto; identificar preocupações, dificuldades e desafios sentidos pelos/as entrevistados/as e estratégias de superação utilizadas; avaliar o nível de envolvimento dos/as participantes na preparação do espetáculo; avaliar a satisfação dos/as participantes com a sua participação no projeto e no espetáculo; avaliar os impactos da participação no projeto na vida em geral e na participação cultural, em particular, das/os participantes; identificar as expectativas das/os participantes face ao envolvimento futuro no projeto A Meu Ver. O guião aplicado ao Grupo 2 teve por objectivo: conhecer os/as participantes; levantar motivações e expectativas para/ao integrar o projecto; identificar os principais medos/receios iniciais face à sua participação no projecto; identificar dificuldades sentidas na integração do projecto e estratégias de superação; avaliar a satisfação face à dinâmica criada no âmbito do projecto; Identificar e avaliar impactos do projecto nas suas vidas; identificar expectativas face ao desenvolvimento futuro do projecto e ao impacto esperado nas suas vidas. Tal como anteriormente, as entrevistas foram gravadas em formato áudio, transcritas, e analisadas tematicamente (Attride-Stirling, 2001; Braun & Clarke, 2006).

A terceira fase de acompanhamento, prevista para Outubro de 2024 – três

meses após a apresentação da peça “Condomínio.pt” (Teatrão, 27-29 junho 2024), constituirá o momento de avaliação final do projeto. Terá por objetivo avaliar os impactos do projeto nos diferentes agentes e estruturas envolvidas, bem como no tecido cultural local. Prevê-se a combinação de diferentes técnicas de recolha de dados: a realização de entrevistas semi-estruturadas às pessoas participantes no projeto; a realização de entrevistas individuais à estrutura de gestão do Teatrão e a autoridades locais com responsabilidade na área cultural; a dinamização de grupos focais com: 1) profissionais da equipa do Teatrão envolvidos/as na preparação, montagem e apresentação pública dos espetáculos do projeto, 2) as entidades parceiras do projeto (ACAPO e Município de Coimbra); a aplicação de um inquérito pós-espetáculo ao público da peça “Condomínio.pt”.

3. Instrumentos de recolha de dados

Para salvaguardar os direitos das pessoas participantes no estudo e devolução de resultados, foi disponibilizado um consentimento informado explicitando o objetivo das entrevistas, o seu carácter científico e sigiloso, a participação voluntária, e solicitando autorização para proceder à respectiva gravação áudio para posterior transcrição e para facilitar o processo de análise,

No ano 1 foram aplicados os seguintes instrumentos de recolha de informação: i questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada pré-espetáculo, entrevista semiestruturada pós-espetáculo, focus group ACAPO, focus group Teatrão, e observação direta. A primeira entrevista foi realizada entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022, antes da estreia da peça “O que é invisível”. Nesta primeira entrevista foi aplicado um inquérito por questionário, visando a recolha de dados sociodemográficos do público-alvo. A segunda entrevista, após a estreia

da peça “O que é Invisível”, foi realizada durante o mês de abril de 2022. Foram também realizados dois focus group. O primeiro grupo focal, com a ACAPO, no dia 18 de julho de 2022 e o segundo, com os profissionais do Teatrão, realizou-se no dia 08 de agosto de 2022. Os resultados analíticos desta recolha de informação foram publicados no artigo “As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual” (Fontes, Carvalho e Margarido, 2023), republicado aqui. (com autorização da Revista Lusófona de Estudos Culturais)

No ano 2, a avaliação do projeto decorreu através da aplicação de questionário sociodemográfico e da realização de entrevistas semi-estruturadas após a estreia da peça “O Sr. Biedermann e os Incendiários”. Dada a variação do grupo, do ano 1 para o ano 2, optou-se pela criação de dois guiões de entrevista, dirigidos a dois grupos de participantes distintos: pessoas que integraram o projeto na época 2021-2022 (grupo 1) e pessoas que integraram o projeto na época 2022-2023 (grupo 2). Do total de 17 participantes foram entrevistadas 16 pessoas.

4. Caracterização dos participantes

Ano 1

O grupo de participantes do ano 1, foi composto por 11 pessoas com deficiência visual. No que respeita à faixa etária dos participantes, 9 dos 11 participantes situam-se na faixa etária entre os 30 e os 59 anos de idade e 2 pessoas tinham mais de 60 anos (ver gráfico 1). Uma análise por sexo indica que 6 participantes são do sexo feminino e 5 do sexo masculino. No que respeita ao estado civil, denotamos uma grande diversidade de situações: 4 pessoas casadas, 2 divorciadas, 3 solteiras e 2 em união de facto (ver gráfico 3). De notar que 3 participantes

vivem sozinhos/as, 1 com os pais e 7 com os respectivos cônjuges e/ou filhos. Em termos de habilitações literárias: 4 têm o Ensino Secundário e 3 possuem uma licenciatura, 2 o 3º ciclo e 2 o primeiro ciclo do Ensino Básico. No que concerne à situação face ao emprego: 4 pessoas estavam desempregadas, 2 estavam empregadas, 4 estavam reformadas por invalidez e 1 reformada por idade. Tendo em conta a situação face ao emprego, facilmente se depreende que a principal fonte de rendimento deste grupo eram as prestações sociais disponibilizadas às pessoas com deficiência em Portugal com grau de incapacidade igual ou superior a 60% e as prestações de reforma (5 dos 11 participantes).

Faixa Etária	
<20	0
20-29	1
30-39	1
40-49	3
50-59	5
60-69	1
<70	1
Total	12

Gráfico 1 - Faixa etária

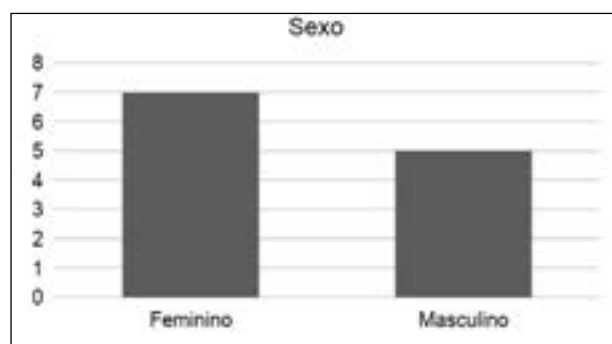


Gráfico 2 - Sexo

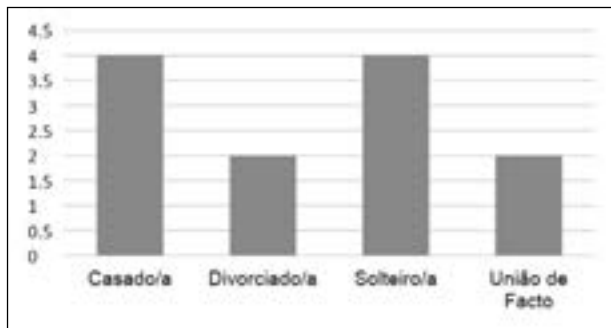


Gráfico 3 - Estado Civil



Gráfico 7 - Fontes de rendimento

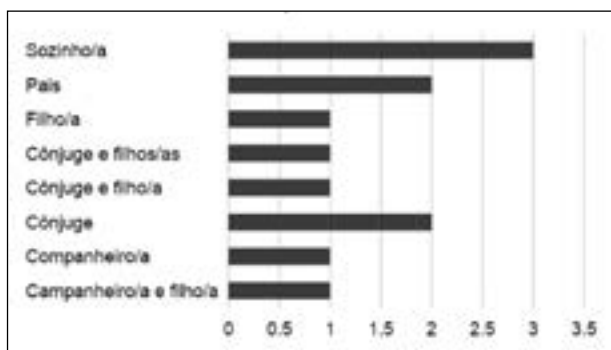


Gráfico 4 - Agregado Familiar

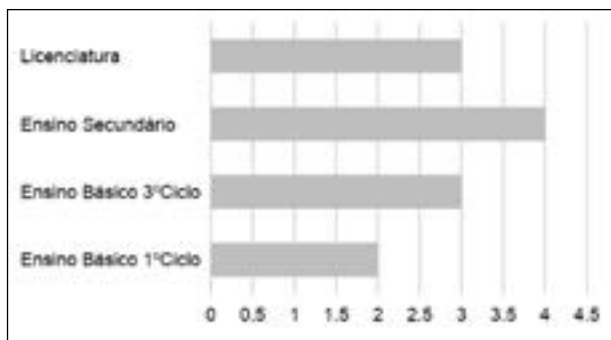


Gráfico 5 - Habilitações Literárias

Situação face ao emprego	Contagem
Desempregado/a	5
Empregado/a	2
Reformado/a p/ idade	1
Reformado/a p/ invalidez	3
Reformado/a p/invalidez	1
Total	12

Gráfico 6 - Situação face ao emprego

Ano 2

O grupo de participantes, no segundo ano de projeto, era constituído por um total de 17 pessoas, 11 das quais com deficiência visual e 6 pessoas normovisuais. No ano de 2022/2023 (ano 2) ingressaram no projeto 8 novas pessoas e mantiveram-se 9 pessoas desde o início do A Meu Ver (2020/2021), contudo participaram na recolha de dados 16 dos 17 participantes no projeto. O grupo era composto por 3 homens e 13 mulheres, com idades compreendidas entre os 20 e os 74 anos e uma média de idades de 56 anos, residentes em diferentes concelhos e freguesias do distrito de Coimbra. Relativamente ao estado civil, 6 são solteiros/as, 5 divorciados/as, 2 casados/as e 2 viúvos/as e uma pessoa estava em união de facto. No que diz respeito ao agregado familiar, verificamos que 7 pessoas vivem sozinhas, 3 vivem com os pais e/ou irmãos, 3 vivem com os/as filhos/as os seus pais e/ou outros familiares e 2 vivem com o cônjuge/companheiro e, num caso, com os filhos e cônjuge. O elevado número de pessoas a viverem de forma isolada, denota o acentuar do isolamento das pessoas participantes face ao grupo do 1º ano do projeto. O grau de escolaridade é bastante heterogéneo, existindo 1 pessoa com o 1º ciclo (4º ano), 1 pessoa com o 2º ciclo (6º ano), 3 pessoas com o 3º ciclo (9º ano), 4 pessoas com o ensino secundário (12º ano) e 7 pessoas com Licenciatura. No que se refere à situação face ao emprego, 6 dos participantes estão desempregados e 3 trabalham por conta de outrem, 4 estão reformados por invalidez e 2 estão reformados por idade. A principal

fonte de rendimentos dos/as participantes provém de prestações sociais como a Reforma por Invalidez e a Prestação Social para a Inclusão.

Faixa Etária	
<20	0
20-29	1
30-39	2
40-49	3
50-59	5
60-69	3
<70	2
Total	16

Gráfico 8 - Faixa Etária

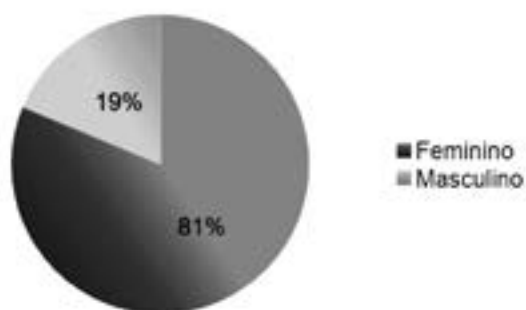


Gráfico 9 - Sexo

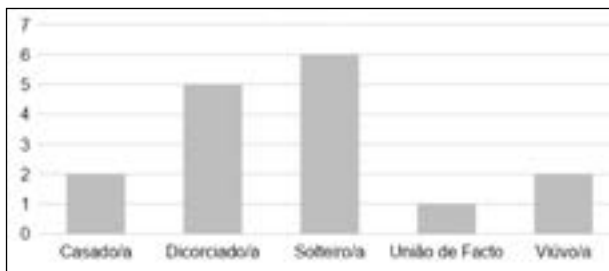


Gráfico 10 - Estado Civil

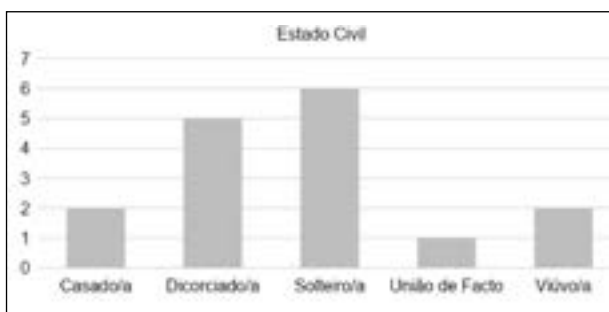


Gráfico 11 - Agregado Familiar

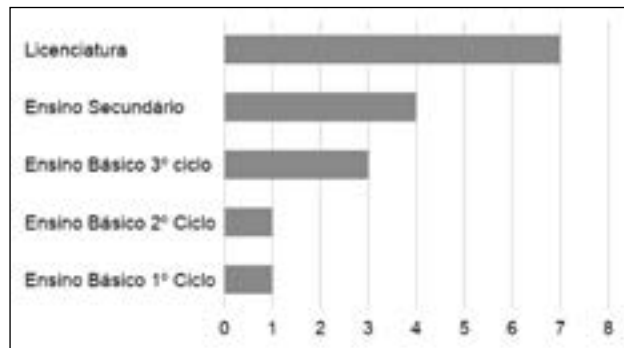


Gráfico 12 - Habilitações Literárias

Situação face ao emprego	Contagem
Desempregado/a	5
Empregado/a	3
Estudante	1
Frequenta Formação	1
Reformado/a p/ idade	2
Reformado/a p/ invalidez	4
Total	16

Gráfico 13 - Situação face ao emprego

Fonte de rendimentos	Contagem
Não tem rendimentos próprios	1
Poupanças	1
Prestações Sociais	5
Reforma p/ idade	2
Reforma p/ invalidez	1
Reforma p/ invalidez e prestações sociais	3
Rendimentos de trabalho por conta de outrem	2
Rendimentos de trabalho por conta de outrem e prestações sociais	1
Total	16

Gráfico 14 - Fontes de rendimento

5. Resultados da implementação do projeto A Meu Ver

5.1. Resultados do ano 1 do projeto

Republicação do artigo:

Fontes, F., Carvalho, C. ., & Margarido, S. (2023). As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 10(1), 91-111. <https://doi.org/10.21814/rlec.4465>

5.2. Ano 2: Alguns resultados provisórios

5.2.1. Motivações e Expectativas

A possibilidade de inserção num grupo cultural e artístico para dar seguimento a aspirações individuais de prossecução de objetivos artísticos, à semelhança do que aconteceu no ano 1, continua a ser uma das motivações principais dos/as participantes do A Meu Ver. Em relação direta com esta vontade expressa pelos/as participantes, que está também associada à vontade e necessidade de inclusão e uma necessidade de bem-estar, existe uma motivação ligada ao contributo da atividade artística para a expressão e desenvolvimento da/de identidade(s) que não encontra possibilidades e condições de expressão noutros contextos sociais. De relevar também a importância dada à possibilidade e ao desafio de ter que se exprimir individual e corporalmente em público, associando a estas possibilidades a oportunidade de experimentar algo de novo, desenvolver capacidades de comunicação e socialização, que vieram, em alguns casos, colmatar a falta de opções profissionais, assim como a falta de atividades que ocupem o tempo e contribuam para uma rotina diária individual. É também referido por alguns/mas dos/as participantes a importância de estarem num grupo que permite um conjunto de aprendizagens e partilha de experiências importantes para o seu desenvolvimento individual e para a sua

afirmação individual como pessoa que conseguiu ultrapassar barreiras e vencer na vida. Por último, a possibilidade de entretenimento e diversão é também um aspeto muito valorizado. A estas motivações, no caso das pessoas normovisuais que entraram no segundo ano do projeto, juntam-se aspetos referentes ao enriquecimento individual, nomeadamente a vontade de conhecer melhor a realidade das pessoas com deficiência visual por forma a promover o enriquecimento conjunto e individual.

5.2.2. Mudanças, Dificuldades e Desafios

Ensaios

No que respeita ao contexto de ensaios para a peça, o facto de haver um contexto exigente e desafiante é considerado importante para os participantes, já que é referido nas entrevistas que são confrontados com experiências novas de contacto com a realidade artística. Nesta segunda fase também é revelado como positivo o facto de terem sido possibilitadas mais oportunidades para trabalharem em conjunto, como grupo, algo que não aconteceu de uma forma tão regular no primeiro ano de projeto, segundo as pessoas entrevistadas. Por outro lado, é evidente nos testemunhos dos/as participantes, o desafio que representou, não obstante a preparação proporcionada para algumas das pessoas participantes pelo primeiro ano do projeto, terem de trabalhar um texto já escrito para teatro. Este facto atesta a importância que tem a existência de um trabalho de continuidade em projetos desta natureza em que os/as mesmos/as participantes têm a possibilidade de experienciar regularidade no seu trabalho e criar competências que ajudam os/as participantes a ter confiança nas suas capacidades e potencialidades.

Dificuldades e Desafios

As principais dificuldades sentidas e desafios enfrentados pelas pessoas participantes no segundo ano do projeto A Meu Ver prenderam-se, por um lado, com as exigências de memorização de grandes falas e menor possibilidade de improviso e, por outro, com as dificuldades de adaptação a uma peça onde os sinais visuais assumiram uma grande centralidade, quer através dos cenários e elementos cenográficos, quer através dos gestos e simulação de rotinas do quotidiano. Esta peça revelou, assim, algumas das adversidades da prática teatral para pessoas com deficiência visual, mas também algumas das dificuldades na eliminação dessas barreiras. Estes desafios foram, no entanto, entendidos pelas pessoas participantes também com oportunidades, como oportunidades individuais de confronto com estas suas barreiras físicas/obstáculos, e de superação das mesmas. No caso específico da adequação dos gestos e das posturas corporais à circunstância exigida durante a peça, foi identificado como uma barreira de particular relevância para as pessoas com cegueira congénita. Para as restantes pessoas, o maior desafio parece ter sido a necessidade de decorar um grande volume de texto, resultante, como algumas pessoas admitem, da falta de treino ou da falta de hábito e/ou disciplina. De relevar também, o grande apreço que têm pelos colegas e pela capacidade de trabalho que denotam que os/as colegas evidenciaram na superação das dificuldades. Em alguns casos, essas dificuldades prendem-se também com a intensidade dos ensaios e com a sua regularidade, que foi para alguns/mas participantes, também, um grande desafio, para além de todos os desafios de trabalhar em grupo e de depender desse grupo para atingir um resultado comum.

5.2.3. Impactos do projeto a nível individual, social e familiar

Individual

Em termos de impactos individuais, são referidas questões relacionadas com a possibilidade de ocupar o tempo com atividades artísticas que oferecem uma dinâmica particular aos dias destes participantes, tendo também um papel de intensificar o seu interesse pelo teatro e pelas artes em geral e oferecendo outras possibilidades de formação que vêm amplificar o leque de possibilidade individuais. Por outro lado, a possibilidade de participarem nos ensaios e atividades do A Meu Ver, deu a alguns destes participantes uma aprendizagem sobre como enfrentar as barreiras e os desafios que se colocam a uma pessoa com deficiência visual no seu dia-a-dia e também na prática teatral. A prática teatral surge, assim, como um contexto e um instrumento de aprendizagem para uma gestão mais equilibrada destes obstáculos. Este tipo de impacto é de facto muito relevante, já que permite ampliar a liberdade e a capacidade dos/as participantes se movimentarem livremente sem receio, constituindo, desta forma, um importante contributo para uma maior participação social das pessoas com deficiência nas comunidades onde estão inseridas. Este impacto é entendido, não como um resultado, mas sim como um processo de aprendizagem individual estimulado pela participação no projeto A Meu Ver. Interessante é, ainda, assinalar a identificação de outro tipo de impactos, como o aumento da autoconfiança e das capacidades de interação com diferentes tipos de pessoas e da capacidade de gestão desse desafio.

Social e familiar

Os impactos do projeto a nível social e pessoal evidenciam-se também na forma como a possibilidade de encontro com outros participantes possibilita o

desenvolvimento de outras atividades conjuntas, como seja a organização de eventos sociais conjuntos fora do Teatrão. Este facto cria oportunidades de socialização aos participantes, contribuindo para evitar o isolamento social a que normalmente estão sujeitos. Alguns testemunhos referem também a influência destas atividades na criação de possibilidades de mudanças no seu percurso individual. Por outro lado, outro impacto relevante prende-se com a melhoria dos relacionamentos com outras pessoas, fora do círculo dos colegas participantes do Teatrão, já que as atividades do A Meu Ver desenvolvem, de acordo com testemunhos dos participantes, um conjunto de competências sociais importantes para o bem-estar individual destas pessoas. Adicionalmente, alguns participantes referem que as atividades do projeto possibilitam o desenvolvimento das suas capacidades de comunicação e de diálogo que a prática da atividade teatral possibilita, como o falar mais pausadamente. Também são referidas diretamente pelos participantes, a possibilidade que o projeto traz ao nível do desenvolvimento das competências individuais, como o estar à vontade em público, a capacidade de aceitar diferentes tipos de situações e de ir ao encontro dos desafios. Estas competências são, ainda, mais relevantes para um grupo de pessoas particularmente excluído socialmente, contribuindo para um aumento da sua auto-motivação, mas também para um maior sucesso no seu percurso profissional e social.

Perspetivas futuras

Como é perceptível nos relatos recolhidos das diferentes pessoas participantes no A meu Ver, a continuidade do projeto é um assunto gerador de grande ansiedade. Esta ansiedade generalizada e, até mesmo, inconformidade face a este possível fim, tem, no entanto, diferentes razões e é geradora de diferentes níveis de impacto. Se, para algumas destas pessoas, este projeto constituiu um

importante contexto de socialização com pares e de interação social, uma razão para sair de casa e conhecer pessoas novas, o seu fim significa o retorno ao isolamento do espaço doméstico. Se, para outras pessoas, a participação neste projeto de iniciação à prática teatral constituiu o concretizar de um sonho ou a continuidade de uma prática já encetada noutros projetos semelhantes, o seu fim constitui, mais uma vez, o adiar ou o fim do sonho. A vontade de continuidade é unânime. Mesmo que algumas pessoas tenham verbalizado alguma dificuldade em continuar, dada a intensidade e dedicação exigida neste segundo ano, a importância atribuída à continuidade do projeto sobrepõe-se a qualquer incompatibilidade de agenda ou vontade individual. Este projeto parece, assim, ser entendido, como um projeto ‘semente’, tendo em conta a expectativa evidenciada de que dele resulte alguma coisa, ou a sua extensão enquanto projeto, ou a sua consolidação como um eixo de trabalho do Teatrão, ou a integração das pessoas participantes noutras produções do Teatrão ou de outras companhias de teatro locais.

6. Bibliografia

- Attride-Stirling J. (2001). Thematic networks: An analytic tool for qualitative research. *Qualitative Research*, 1(3), 385–405. DOI: <https://doi.org/10.1177/146879410100100307>
- Braun V., & Clarke V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. DOI: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Fontes, F., Carvalho, C., & Margarido, S. (2023). As Possibilidades Mediadoras da Arte: Um Estudo de Caso Sobre Experiência Artística e Participação Teatral de Pessoas com Deficiência Visual. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 10(1), 91–111. DOI: <https://doi.org/10.21814/rlec.4465>
- Priestley M. 1997. “Who’s Research?: a personal audit”. In: Barnes C; Mercer G (eds.) *Doing Disability Research*. Leeds: The Disability Press, pp 88-107.



